

Justiça Militar abriu-lhe as portas

PIDE Barbieri Cardoso já está em Portugal



Agostinho Barbieri Cardoso, subdirector da Pide/DGS à data do 25 de Abril, condenado em quatro anos de prisão no julgamento do «Caso Delgado» apesar de ser considerado o cérebro da «Operação Outono» (que conduziu à morte do general e da sua secretária Arajair Campos), já se encontra em Portugal a gozar da «liberdade provisória» que lhe foi concedida pelo juiz-auditor do 2.º Tribunal Militar Territorial de Lisboa, Rui Gonçalves Pereira.

Aliás, segundo testemunhas oculares, Barbieri Cardoso foi visto à porta do Tribunal de Santa Clara, no dia seguinte à leitura da sentença (28 de Julho, deste ano), acompanhado do seu advogado de defesa, Moura Coutinho. Este entrou para conferenciar com os juizes do 2.º TMT e Barbieri Cardoso ficou no interior de um automóvel, provocando a curiosidade de vários funcionários, e mesmo de alguns militares da segurança, do Tribunal, que vieram à porta para observá-lo em carne e osso.

Barbieri Cardoso, que nunca chegou a ser detido após a queda de Marcelo, foi várias vezes referenciado em Espanha e sobretudo em França, onde teria ligações muito apertadas (a nível de colaboração directa) com os Serviços Secretos (Securité) daquele país. A sua presença foi igualmente detectada em Braga, no Verão de 1975, numa reunião em que participou também Alpoim Calvão.

Sobre Barbieri Cardoso, tal como Silva Pais oriundo da Comissão Reguladora do Comércio do Bacalhau, escreveu a jornalista Christine Garnier, no livro «Férias com Salazar»: «Agostinho Barbieri que pertence à guarda privada de Salazar (...) tenebroso e parco de palavras, fez-me pensar mais do que nunca no figurante de um filme de aventuras cuja acção se desenrolasse em Hong Kong ou em Tânger».

Recorde-se que neste momento ainda não foi analisado pelo Supremo Tribunal Militar o recurso apresentado pelos advogados da acusação particular (Abranches Ferrão, José Luís Nunes e Luís Saias) sobre o escandaloso acórdão do Supremo. No entanto, Rui Gonçalves Pereira não teve qualquer hesitação em conceder a liberdade a Barbieri Cardoso. Por que esperam (será assim de perguntar) Casimiro Monteiro, Rosa Casaco e Ernesto Lopes Ramos), os outros três réus condenados, para fazer as malas e tomar o rumo de Santa Clara, acompanhados dos advogados respectivos?



Os arquitectos estão subaproveitados - constataam eles próprios

Reunidos em Lisboa até domingo

Arquitectos acusam: «Portugal está cada vez mais feio»

«Portugal está cada vez mais feio», eis uma afirmação feita esta manhã, em preâmbulo para os jornalistas, a propósito do 2.º Congresso dos Arquitectos Portugueses. Esta reunião iniciou-se hoje, no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, em Lisboa, e prolongar-se-á até domingo.

E quais serão as razões para o nosso país estar cada vez mais feio? Várias, seguramente. Mas

será, antes de mais, um bom contributo, o facto de apenas um por cento dos projectos entrados nas nossas câmaras municipais terem aposta a assinatura de um profissional de Arquitectura. Este dado foi esta manhã divulgado e resulta de um inquérito feito pela Associação dos Arquitectos Portugueses, que promove a realização do congresso.

Continua na pág. 28

A partir de hoje

no «DL»

A crise capitalista na ameaça à Paz do Mundo

O «Diário de Lisboa» inicia hoje, a publicação de uma série de três artigos da autoria do dr. Ulpiano F. Nascimento, economista de reconhecida competência, vasta preparação e experiência. O dr. Ulpiano F. Nascimento prestou assistência e consultadoria a organizações internacionais e Governos estrangeiros. Exerceu cargos em Portugal, na Administração Pública; foi secretário de Estado. É actualmente director da revista «Seara Nova». Nesta colaboração para o «DL» relaciona os problemas da situação económica internacional com as questões políticas.

Hoje há «Ler/Escrever»

O nosso suplemento literário de hoje, entre muitos textos e informações de actualidade, fala de José Saramago, Dostoiévsky, James Joyce, Faulkner, etc. Colaboram neste «Ler/Escrever» Luzia Maria Martins, António Cabral, Bernard Génies, José Manuel Mendes, Anthony Burgess, Serge Koster e, com um poema inédito, Casimiro de Brito.



Em Viana do Castelo: em cima, o Hospital novo, que se vai degradando sem ter sido sequer inaugurado; em baixo, um aspecto do Hospital velho onde as péssimas condições de trabalho motivaram a recente greve dos médicos

Médicos de Viana fizeram greve

Duas faces da Saúde em Portugal O Hospital novo nunca usado e o velho que já não serve

“A tradução automática: do mito à realidade”

Eric Rohde

Arrastados na euforia das primeiras grandes aplicações da informática, os investigadores voltados para a tradução automática por computador, sentiram-se afundar na série de fracassos surgidos nos finais dos anos 60. Os progressos conseguidos a partir de aí, no campo das unidades lógicas e da linguística, permitiram a exploração de vias mais prometedoras e a Comissão das Comunidades Europeias está a desenvolver ambiciosos projectos visando já a produção industrial.

Os sistemas chamados da “primeira geração” estavam todos baseados na mesma ideia simples e teoricamente correcta: a cada palavra, ou conjunto de palavras, numa determinada língua corresponde, noutra língua, uma palavra ou uma expressão com o mesmo sentido. O erro terá sido o exigir de mais e demasiado cedo do computador. Bastaria, pensava-se então, implantar um léxico na memória do computador e associar-lhe uma unidade lógica de correlação que lhe permitisse escolher nesse fundo as correspondências entre o texto-base e o texto-alvo. Era assim esquecer as expressões polissémicas, homográficas, idiotismos e outras ambiguidades

des que fazem parte integrante de qualquer língua. As unidades lógicas secundárias identificadas das formas compostas e da análise contextual, não conseguiram ultrapassar estas dificuldades: quanto muito, por vezes, conseguiram rodeá-las.

Assim aconteceu, por exemplo, com o mais conhecido dos sistemas da primeira geração, o Systran, desenvolvido em 1976 por um departamento da Comissão das Comunidades Europeias e aperfeiçoado à custa de enormes encargos. Entretanto, a despeito do investimento de qualquer coisa como 16 milhões de francos, os mil e quinhentos tradutores de um outro departamento, recusaram-se a utilizá-lo. Apenas 60% do texto traduzido pelo Systran era inteligível. Além disso os tradutores e os revisores não estavam dispostos a corrigir erros que eles próprios nunca cometeriam.

A grande dificuldade com que os homens que conceberam os primeiros sistemas se defrontaram foi a de prever todas as formas de utilização possíveis no interior de uma língua. Assim alguns investigadores imaginaram sistemas limitados, não só a um universo bem definido mas também a um quadro sintáctico pré-

-determinado. A Universidade de Montreal desenvolveu, dentro deste esquema o Taux-Meteor que funcionava de forma satisfatória. Do mesmo modo o Instituto Têxtil de França organizou o Titus, que traduzia automaticamente os resumos bibliográficos à base dos dados da mesma linguagem.

Por úteis que estes sistemas se tenham revelado, o certo é que não tinham qualquer hipótese de generalização, na medida em que a sua utilização pressupunha o controlo da elaboração dos textos originais. Os métodos da primeira geração tinham assim traçado os seus próprios limites: necessidade de uma pesada tarefa post-edição (a revisão) ou pré-edição (a normalização do original). Ora uma parte importante, sem dúvida a maior, do mercado potencial da tradução automática não pode aceitar qualquer destas limitações.

Qual é a clientela mais disposta a pagar por alguns textos estrangeiros traduzidos para a sua língua? Necessariamente não será o público interessado em textos culturais mas sim o do mundo da ciência e dos negócios visando o fluxo de informação de características técnicas e indus-

triais. Ora, de acordo com o parecer de variados peritos que se debruçaram sobre a questão, apenas 10% das publicações deste tipo poderiam ser assim traduzidas. Menos de 30% dos artigos científicos japoneses se fazem acompanhar de um resumo em inglês.

O facto de a maioria dos textos se manterem fechados dentro das fronteiras linguísticas é, muitas vezes, devido à sua natureza excessivamente técnica requerer tradutores especializados, ou melhor, especialistas de tradução. «Não é um licenciado em inglês que sabe se ‘to replace’ ou ‘deslocar’ quando o verbo inglês aparece refendo a determinada peça de um avião — nota M. Paul, adido à Agência de Informática — mas sim um engenheiro. E em assuntos de aeronáutica nunca temos o direito de nos enganarmos».

A segunda geração

Admitindo este ponto de vista, o problema da tradução automática por computador transforma-se na necessidade de conseguir no plano científico uma maior fidelidade, e, no campo económico uma melhor adaptação aos temas deste sector da actividade.

É no cruzamento destas duas exigências que uma equipe do Instituto de Investigação de Matemáticas Avançadas da Universidade de Grenoble, o Grupo de Estudos para a Tradução Automática — GETA — se situa actualmente.

O caminho que estão desenvolvendo é característico da metodologia da segunda geração, para a formação da qual o GETA já contribuiu largamente. Ao fim de sete anos de trabalho, o grupo, dirigido pelo Professor Bernard Vauquois, construiu um sistema a que deu o nome de ARIANE-78. A originalidade do sistema está em ser constituído por um imenso conjunto de unidades lógicas especializadas, organizadas em total indepen-

dência dos dicionários e das gramáticas.

Este conjunto é constituído por vários «módulos» cada um dos quais é responsável por uma das operações que no final hão-de conduzir ao texto traduzido. O ARIANE-78 trabalha em três tempos. No primeiro tempo procura transmitir uma interpretação linguística do texto-base. A frase é aí decomposta em unidades léxicas, através da análise morfo-sintáctica. A maioria das vezes essas unidades acabam por reduzir-se a simples palavras. O sistema apoia-se então num dicionário, tal como nos procedimentos característicos da primeira geração, mas agora de um género diferente dos que eram então utilizados. A cada família de palavras que tem a mesma raiz correspondem um certo número de descritores ou «rótulos» como, por exemplo, GN para o «grupo nominal», GA para o «grupo adjectival», REG para o «regulador do grupo morfo-sintáctico» ou CIRC para o «complemento circunstancial».

Em seguida procede a uma análise estrutural que vai definir as relações lógicas entre as unidades léxicas. Um exemplo: ARGO para «o primeiro do argumento de um predicado». Outras situações como a causa, a condição, a finalidade, o acompanhamento, etc. podem ser estabelecidas. Assim, duas frases sintacticamente diferentes mas que tenham a mesma organização lógica, podem ser traduzidas da mesma maneira.

Na segunda fase a operação torna-se bilingue. Consiste fundamentalmente numa transferência de descritores: o sistema vai procurar no dicionário da língua-alvo as palavras que correspondem aos descritores identificados na fase anterior. Na fase final o ARIANE-78 estabelece o texto-alvo, respeitando as concordâncias e as

formas de conjunto que são impostas pela gramática característica da língua do texto traduzido.

A independência do ARIANE-78 em relação aos dicionários e gramáticas torna este sistema numa ferramenta universal, aplicável a qualquer par de línguas que se pretenda trabalhar. Daqui o seu maior interesse. Mas o grau de perfeição da qualidade do texto traduzido depende do rigor dos descritores morfo-sintácticos e das unidades lógicas que contêm os dicionários.

A organização destes dicionários, que necessita da cooperação de linguistas-informáticos, de lexicólogos e de especialistas em terminologia aplicada, representa um elevado preço de custo. Até à data o sistema GETA está limitado a alguns dicionários elaborados para fins de experimentação laboratorial.

Será necessário preencher numerosas condições antes que uma versão comercial do ARIANE-78 venha a ser produzida. Para que o sistema possa penetrar no mercado é essencial rodeá-lo de unidades lógicas que o tornem num aparelho cómodo e rentável. A tradução automática não poderá esquecer-se da globalidade da cadeia de tarefas que vai desde o texto original até à tradução entregue sob a forma previamente determinada. Assim, este problema é também um problema burocrático. Mas não é isto apenas. É fundamental ainda adoptar a linguagem comum a todos os programas de base que são unicamente compatíveis, por razões puramente históricas, com as máquinas IBM.

Os primeiros contactos entre o GETA e o CII, HONEYWELL, BULL e TITN (grupo Thompson) tiveram lugar sob a égide da Direcção das Indústrias Electrónicas.

Continua na pág. 4

...o tema de uma intimidade anónima, de uma subjectividade sem sujeito, que nos indica o registo próprio desta proximidade sempre distante onde estes versos ciciados se pronunciam; e, depois, o tema do poema como lugar de pronúnciação de uma linguagem que nele vem incidir. G. L. (Jornal de Letras) ...Fernando Guimarães, este seu volume como que antológico o comprova muito claramente, é um poeta de raiz germânica, um poeta de surto místico, de linguagem com dimensão simbólica. João Gaspar Simões. ...Na sua diversidade de registos métricos, prosódicos, estróficos, alternando entre a extrema contenção e a respiração ampla, a escrita poética de Fernando Guimarães consegue aliar a ordenação harmoniosa do discurso e o sábio abandono ao pulsar livre do verso, sem nunca ceder ao arbitrário e ao convencional. Por isso se trata, mais do que outros que de tal se reclamam, de um poeta do rigor. J. A. S. (Nova Renascença)

poesia
[1952-1980]

FERNANDO GUIMARÃES

com três desenhos de Armando Alves



o ouro do dia/porto

em centros comerciais, NILFISK é uma presença indispensável



em centros comerciais supermercados armazéns

NILFISK a presença preferida

NILFISK ASPIRADORES INDUSTRIAIS E DOMÉSTICOS LDA
R. Cândido Figueiredo, 91 • 1500 LISBOA • Tel. 261 21 28 99 55 • Caixa C. Saúde da Cruz Vermelha Portuguesa
R. da Constituição, 23/1 • 4200 PORTO • Tel. 69 44 23



É a sobrevivência da Humanidade que periga

A crise capitalista na ameaça à paz do mundo (I)

Ulpiano F. Nascimento

1. — O velho e o novo num momento crítico

Os acontecimentos não param, aqui e lá fora, agora agudizados e a ritmo acelerado.

Mas entre os factos e casos nacionais e internacionais, não há dúvida alguma que são os que se situam lá fora que mais nos chama a atenção, nos chocam mais, até porque nos podem envolver perigosamente.

Ali, os acontecimentos são muito mais potentes, desde os bombardeamentos até à própria guerra, com as causas e efeitos de muito maior repercussão e escala, que só o «equilíbrio do terror» estabelecido entre as duas superpotências não permitiu ainda o pior.

Cá dentro, as atitudes de um governo deslocado da realidade do Portugal de hoje, faz intriga política para que a miniclasse que serve possa prevalecer dominante, mercadejando mão-de-obra barata, especulando sobre imobiliário, transferindo artigos do sector empresarial público para as mãos da sua clientela, esperando as migalhas do grande capital internacional, parasitariamente sem fazer riqueza, sem fazer desenvolvimento, dependente de projectos e vontade alheios.

Vivemos num pequeno país periférico, longe, em termos geográficos, dos grandes centros nervosos e de decisão do mundo, e que destes nos encontramos ainda separados por países que não querem a guerra, e por um largo oceano que nos coloca a milhas de distância da superpotência, um dos alvos do nosso artigo, que, por motivos de vária ordem, sempre evitou a guerra dentro do seu próprio território.

Guerra que esse país, em delírio de grandeza, parece agora querer fabricar, sob impulsos de um governo com toda a sintomatologia de um governo parafusado, e que tenta empurrá-la para outros países, paradoxalmente, ditos seus amigos e aliados.

Porque se essa guerra acontecer não será por certo empregando armas convencionais. De acordo com as ameaças brandidas e os meios nucleares disponíveis, essa guerra será total e final.

Não haverá, pois — desenganem-se — meia guerra nuclear ou somente guerra nuclear na Europa, condicionada à bomba de neutrões. Não haverá guerra nuclear limitada.

A situação de equilíbrio entre as duas superpotências, forjada pela II Guerra Mundial, por necessidade vital, não impede, porém, que se produzam, aqui e acolá, todo o género de tensões, crises e conflitos (América Central, Médio Oriente, África Austral, Afeganistão, Irlanda, etc.), resultado de contradições acumuladas no tempo, sobre as quais logo uma equipa de especialistas de países interessados e de organizações internacionais

se apressam a limitar a virulência do conflito, a fim de evitar a grande ruptura, a hecatombe final.

O novo e o velho, na sua confrontação eterna, agora, talvez num ponto crítico.

O novo implicando e recomendando transformações nos domínios do económico, social e cultural, que logo são contrariadas e combatidas pelo velho, em defesa de interesses, estruturas, mecanismos e procedimentos caducos, potenciando violência, rebelião e guerra.

Interesses estabelecidos de minorias privilegiadas, habituadas a facilidades no seu mundo, sem perspectivas, que sobrevivem pela força, mentira e obscurantismo, os quais tomam tendencialmente formas fascizantes de governação, quando correm risco, que se acentua na crise, devido geralmente à rigidez de pontos de vista e à incapacidade de dialogar.

E o mundo capitalista está em crise.

Agravam-se as relações comerciais internacionais e as rivalidades avolumam-se no âmbito da luta de mercados, fontes de energia e de matérias-primas; as relações monetárias e cambiais degradam-se; e a exportação de capitais e de tecnologia é fonte de fricções entre os grandes. Há contradições ainda entre os próprios países capitalistas (CEE, EUA, Japão, etc.); entre estes e os países da área socialista; e entre os países capitalistas e o Terceiro Mundo.

Mil contradições em curso.

2. — A luta pela sobrevivência

Desde longe, nas raízes da Humanidade, está a sobrevivência do homem, como membro da espécie e como cidadão, com as suas liberdades e direitos.

Sentimos isso dentro e fora de nós.

Assistimos a essa força, agora na Europa, contra o perigo da guerra nuclear, mobilizando nesse grande combate centenas de milhares de homens e mulheres.

Assistimos a isso nas áreas dos países do Terceiro Mundo, em grande parte corroidos por dentro e indefesos, aonde a fome e o desespero grassam na mais triste desolação, envolvendo aproximadamente dois terços da população mundial, e sobre os quais um terço restante, industrializado, aproveita, através de várias formas de rapina e parasitismo (colonialismo, apartheid, neocolonialismo, etc.), as vantagens de melhor nível de vida e poder.

Sobrevivência, em que se luta pelo essencial, pelo pão, pelo tecto, e para o qual o homem tem de mobilizar todas as suas forças e valor, num tristíssimo quadro de privações, miséria e opressão, aonde a virtude e a liberdade dificilmente têm lugar.

Enquanto aquela outra fracção minoritária da Humanidade,

vivendo nos países desenvolvidos, procura na acumulação do capital e dos armamentos servir o «statu quo» da miniclasse dominante — a alta burguesia — que vegeta entre o luxo, o ócio e o poder. Sobre a Nação, sobre as nações e, em particular, sobre os trabalhadores de todo o mundo, sob a tutela das sociedades multinacionais, os quais, ultimamente, ganharam mais aliados, a solidariedade dos católicos para com a sua causa ou, pelo menos, mais compreensão para as suas justas reivindicações, através da Encíclica de Paulo II «Laborem Exercens».

Aparentemente, estão frente a frente o progresso material e o progresso social e cultural, sem se ter encontrado ainda, por falta de diálogo, que o poder estabelecido não consente, a síntese integradora em que o progresso total sirva o homem e a sociedade dos homens em toda a sua plenitude.

Daqui, partiu, agressiva, essa burguesia que em rotas e ocupações coloniais, desde o século XVI, traficou e praticou impunemente a extracção e a transferência abusiva e maciça dos recursos renováveis e não renováveis desses territórios subdesenvolvidos para as suas indústrias transformadoras a baixos preços por si fixados, e à venda dos bens industrializados a preços relativamente elevados, reflectindo relações de troca desfavoráveis a esses países subdesenvolvidos, as quais, no conjunto dos anos de 1978/79, se estima terem alcançado, na totalidade, para acima de dois mil milhões de contos a favor dos países ricos, do hemisfério norte.

Na cimeira de Cancun (diálogo Norte-Sul), recentemente realizada no México, Reagan cantou as «virtudes» da livre iniciativa, através da qual, segundo ele, seria a terapêutica salvadora do Terceiro Mundo. Prática que a história nos diz ter constituído a mais desenfreada pilhagem de que há memória, porque a «livre iniciativa», neste caso, beneficia sempre o mais forte.

3. — A intriga, a mentira e a desinformação ao serviço do imperialismo

Para enganar e diluir o ódio das operações de exploração e de domínio económico, político e militar; desviar a atenção pública da repressão contra as liberdades e direitos do homem; desmascarar as «virtudes» da sociedade de consumo, da assistência técnica e ajuda financeira; e justificar as acções espoliadoras das multinacionais e a corrida aos armamentos, os países industrializados e ricos, com referência especial para os Estados Unidos, que lidera o mundo capitalista, utilizarão e utilizarão intensivamente a informação e a propaganda para impor e glorificar o seu modo de vida.

Isto acontece sobre fronteiras, em que um dado poder ou país pode invadir a tranquilidade de uma determinada comunidade e perturbar a vida desta com informação manipulada, introduzindo ideias falsas, sobre factos e políticas que afectam a verdade e a objectividade da análise, impedindo a formulação correcta de juízos de valor, violentando a identidade cultural dos países e não respondendo às necessidades reais de sua informação.

Cinco agências noticiosas de países industrializados detêm hoje o monopólio da informação mundial, caracterizada por forte aptidão colonizadora, em especial sobre os países do Terceiro Mundo, já grandes vítimas no campo económico, político, cultural e militar do poder dos países industrializados.

Situação de tal modo escandalosa que foi motivo de agenda da Assembleia da UNESCO, que decidiu, através dos seus serviços especializados, formular as bases de uma Nova Ordem de Informação Mundial.

Dentro deste contexto e no campo prático, foi recentemente criada pela Federação Latino-Americana dos Trabalhadores da Imprensa, apoiada pela UNESCO, uma agência noticiosa que vai reflectir os interesses do Terceiro Mundo.

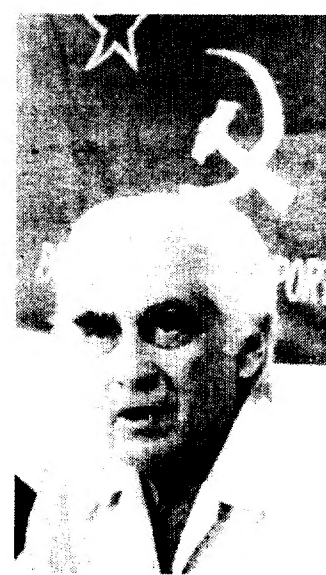
Em Portugal, por exemplo, a informação agora transmitida, sofre total influência dos centros de informação ligados aos poderosos interesses da administração norte-americana, através dos quais os Estados Unidos surgem invariavelmente como os «bons da fita». Os outros, os que não aplaudem essas «fitas», porque não gostam do «artista», são «bandidos» ou «terroristas», os quais, em termos de povos, são principalmente: árabes, negros, alguns amarelos e latinos; e, em termos políticos e ideológicos: comunistas, socialistas, progressistas, democratas e antifascistas.

Aonde é que a T.V. portuguesa criticou alguma vez os motivos e os efeitos negativos da valorização do dólar e do aumento da taxa de juro na nossa economia em geral? Aonde a nossa T.V. comentou criticamente e reagiu às traiçoeiras convívências e apoios do governo Reagan à África do Sul nos seus criminosos ataques às indefesas e pacíficas Repúblicas de Angola e Moçambique? Quando é que a T.V. nacional elabora um programa sobre as ameaças à Paz Mundial, denuncia a corrida aos armamentos, e defende a necessidade urgente de se efectuarem negociações entre Washington e Moscovo sobre o Acordo SALT II?

É a sobrevivência da Humanidade que periga.

É a defesa e a segurança nacionais que estão em jogo.

● Uma delegação do Partido Comunista Português, composta por **Álvaro Cunhal** secretário-geral do Partido, e **Albano Nunes**, membro do Comité Central e responsável pela Secção Internacional, visita, a partir do próximo dia 15, a Suécia, a Finlândia, a Dinamarca e a República Federal da Alemanha, a convite dos Comités Centrais dos Partidos Comunistas destes países. No decurso desta viagem, a delegação do PCP procederá com os Partidos Comunistas visitados a trocas de informação e de opinião sobre a situação em Portugal e naqueles países, bem como sobre a situação internacional e outras questões de cooperação e interesse mútuo. Prevê-se que a delegação venha a contactar com outras forças democráticas e a opinião pública em geral.



● O MDP/CDE (base de Campo de Ourique) vai promover, a partir de amanhã, uma série de debates sobre problemas actuais. Assim, com início às 21.30 na sede da Rua Coelho da Rocha 27, Domingos Moura e António Redol tomarão a seu cargo a condução de um debate sobre centrais nucleares. Nos próximos dias 26 e 3 de Dezembro, os temas abrangerão matérias tão candentes como «Política de Habitação e Transporte na Cidade» e «Sistema Educativo Português».



● O secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros português, que está em Nova Iorque a participar na **Assembleia Geral da ONU** conferenciou ontem com o respectivo presidente.

Durante o encontro entre **Leonardo Matias** e **Ismael Kittani**, ao qual assistiu o representante permanente de Portugal junto da ONU, Rui Medina, foram abordados, além da situação política internacional, alguns assuntos que figuram na agenda da trigésima sexta Assembleia Geral das Nações Unidas.

Leonardo Matias deslocar-se-á amanhã a Washington para contactos com personalidades norte-americanas de Estado.

● O secretário de Estados dos Transportes, **Abílio Rodrigues** assiste hoje nas instalações da Associação Comercial de Lisboa a sessão de abertura de um curso-piloto de formação de transportadores rodoviários de mercadorias.

Esta iniciativa da Associação Comercial de Lisboa vem ao encontro do previsto na portaria que regulamentou a adaptação das condições em que se processa o transporte rodoviário de mercadorias em Portugal, atendendo ao nível da oferta das congéneres da CEE.



● O Primeiro-Ministro **Pinto Balsemão** visita **Londres** na segunda semana de Dezembro — anunciou ontem a televisão portuguesa.

A visita efectua-se a convite da primeiro-ministro britânica, **Margaret Thatcher**.



● O vespertino «Correio da Horta» afirmou que **Mota Amaral**, que está a ser «atacado em várias frentes», é neste momento um «homem político a abater».

Num editorial ontem inserto no vespertino faialense, afirma-se ainda que o presidente do governo regional dos Açores poderá estar também a ser «apunhalado pelas costas» por alguns daqueles a quem ajudou a ascender «ao galarim das altas figuras nacionais».

● O deputado socialista **Vitor Constâncio** participa amanhã em Coimbra num colóquio-debate sobre a integração de Portugal na CEE.

O colóquio, que se realiza na sede distrital do PS é promovido pela Juventude Socialista.



A tradução automática

Continuação da pág. 2

cas e Informáticas (DIELI) do Ministério da Indústria, mas não tiveram continuidade. Hoje a ADI reabriu o processo e encara a hipótese de apoiar um plano de desenvolvimento para quatro anos, com um encargo à volta dos cinquenta milhões de francos. Este projecto, que não está ainda aprovado, poderia reunir-se a outros trabalhos sobre a «chamada dos bancos de dados em linguagem clara» ou o «reconhecimento verbal», que apresentem traços comuns com a tradução automática.

Antes de tomar uma decisão sobre este plano, que apesar de tudo constitui uma aposta sobre o futuro de uma aplicação ainda inexistente, os poderes públicos deverão definir uma política que se harmonize com o plano EUROTRA das Comunidades Eu-

ropeias. Este projecto — de uns 60 milhões de francos — que se inspira largamente nos trabalhos do GETA, já está bastante atrasado. Pelo lado francês teme-se que uma colaboração europeia venha a traduzir-se numa transferência pura e simples dos conhecimentos do GETA para laboratórios estrangeiros que estejam atrasados em relação àquele.

Pelos poderes públicos foram já distribuídas aos investigadores de Grenoble directivas no sentido de não levarem demasiado longe as permutas científicas enquanto não estiver devidamente definido o quadro de cooperação que salvaguarde os interesses industriais de cada país.

Será este o sinal de que a tradução automática está a arrancar para do mito se transformar em realidade?

ANDAR

Oportunidade

Por motivo urgente e à vista, vende-se andar em Oeiras, zona privilegiada e ótimo preço. 5 assoalha-

das, 2 despensas, 2 c. de banho, forrado, etc. Horas expediente: T. 321213, 836502, 2754757.

ensino

Em Genebra

Vítor Crespo defende via profissionalizante

O ministro da Educação Vítor Crespo, pronunciou-se ontem contra «certas pressões para que todos os alunos da parte terminal do ensino secundário vão para o ensino superior».

Em declarações ao correspondente da Anop em Genebra, Vítor Crespo, que preside nesta cidade à conferência internacional da educação, frisou que o Ministério «sempre disse que a via profissionalizante do décimo segundo ano daria acesso ao ensino superior politécnico o que veio a acontecer».

No que respeita ao ensino profissionalizante o ministro salientou verificar-se uma certa homogeneidade na legislação dos diversos países iniciando a criança a partir dos 15 anos a educação para a profissão.

«É já uma idade suficientemente elevada para que a criança tenha consciência dos caminhos que vai seguir» sublinhou.

«É o que acontece na maior parte dos países e também em Portugal, onde se prevê uma formação profissionalizante a partir do nono ano de escolaridade até ao décimo segundo» acrescentou.

«Este tipo de ensino, por razões históricas — explicou — teve maior incidência no décimo se-

gundo ano, uma vez que o décimo e décimo primeiro já vinham do sistema anterior e têm agora de ser progressivamente adaptados.»

Ameaçadas de ocupação

Reitoria e secretaria da universidade do Porto

Alunos da Faculdade de Letras do Porto anunciaram ontem que vão ocupar por tempo indeterminado a partir de segunda-feira a Reitoria e a Secretaria da Universidade.

Os alunos do curso de História e do quarto ano do curso de Línguas e Literaturas Modernas da Faculdade de Letras, em documento ontem distribuído, afirmam que se trata de «um primeiro passo para a sensibilização da opinião pública quanto à luta que

travam contra o Conselho Científico da Faculdade de Letras».

Os estudantes contestam uma decisão daquele Conselho que «impossibilita a matrícula de alunos afectados por novas precedências e proíbe os finalistas de Línguas e Literaturas Modernas de fazerem exame de mais que um nível de línguas».

«O Conselho Científico actuou de forma prepotente e incorreta em assuntos que afectam seriamente o fu-

turo e a carreira profissional de muitos estudantes, nada tendo feito até hoje para informar e esclarecer os discentes», indica o comunicado.

Os alunos exigem ainda que a Reitoria «revogue a legislação actual até ao próximo dia 16, devendo os estudantes afectados poder matricular-se sem pagamento de qualquer multa» e também que «publicamente seja anunciada a revogação das referidas precedências e proibição de níveis».

A Construção

Sogel, Opus 205, 4º andar

Quinta da Luz

Espaço, conforto e qualidade total são as nossas características de construção. A 200 metros do Largo da Luz, junto à Circular do Campo Grande. Visite todos os dias das 10 às 20 horas o novo Andar Modelo. Telef.: 74 31 67

Uma casa de harmonia com o homem

Sogel

FÁBRICA DE CONFECÇÕES

VENDE-SE

EM PLENA LABORAÇÃO

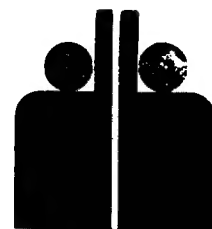
Próximo de Lisboa (10 km) c/venda assegurada de toda a produção. Condições a combinar.

Resposta por escrito para: ANILT — Rua Ferreira Borges, 141-2.º Esq. 1300 Lisboa



I CONFERÊNCIA SINDICAL NACIONAL DA JUVENTUDE TRABALHADORA

A Juventude Participa...!



SESSÃO DE CINÉMA

com debate

“KILAS, O MAU DA FITA”

NO CENTRO SOCIAL DO COMÉRCIO — AO ROSSIO
DIA 14 — PELAS 16 HORAS



Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Centro e Ilhas
Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa



Enquanto a Misericórdia entrega queixa na PJ

Vasco Lourenço reafirma que há corrupção generalizada

A Provedoria da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa entregou ontem à Polícia Judiciária uma queixa-crime contra Vasco Lourenço.

A queixa surge depois de aquele membro do Conselho da Revolução ter citado, num artigo que escreveu no matutino «Diário de Notícias», as relações da Misericórdia com a gráfica Mirandela, que foi recentemente encarregada de realizar os boletins do Totobola, como um dos casos em que poderia haver corrupção e que nunca foram investiga-

dos.

Entretanto, ontem também, à entrada para o Conselho da Revolução, o major Vasco Lourenço voltou a afirmar que «a corrupção generalizada é um facto, a sua impunidade também e não há acções concretas contra ela».

Salientou ainda que «o Governo não pode voltar o bico ao prego», porque não fez «acusações concretas», limitando-se a «denunciar alguns dos casos já tratados em órgãos de informação e a fazer um protesto público».

Vasco Lourenço ainda não requereu ao CR que se pronuncie sobre o assunto, mas já pediu aos chefes militares, segundo afirmou, que investiguem os casos relacionados com os militares, o que foi aceite.

Na reunião de ontem do CR, Vasco Lourenço admitiu que o general Melo Egídio desse conhecimento das conversações havidas com o Governo sobre a temática dos orçamentos militares e assegurou que os cortes não deverão ter grande incidência na gestão

do pessoal.

Sobre o partido presidencial, Vasco Lourenço afirmou que «está longe da ideia do Presidente meter-se numa aventura dessas».

Não estava agendada para a reunião a discussão de legislação sobre os chefes militares. No entanto, Vasco Lourenço, na sua qualidade de porta-voz do CR, na ausência de Vítor Alves, assegurou que o CR, enquanto não for constitucionalmente substituído manterá a plenitude das suas competências.

assembleia da república

Um «aperitivo» para o OGE?

Dois momentos de grande polémica aproximam-se, para discussão, na Assembleia da República: no dia 20 haverá uma sessão de perguntas ao Governo, um **aperitivo** para o debate do Plano e Orçamento. Fernando Amaral, ministro encarregado das Relações Governo-/Parlamento, não anunciou ainda no encontro com os partidos da Oposição a data de entrada do OGE na Assembleia. Falava-se na hipótese desse debate principiar no dia 23.

Em qualquer dos casos, o Governo estará sob **fogo cerrado** da Oposição. Entretanto, enquanto não acontece qualquer destes debates, o Parlamento discutirá hoje um projecto do PCP sobre transporte de deficientes, enquanto na sexta-feira delibera sobre um decreto referente à serra de Sintra. Recor-

damos, que na última sessão plenária, foi rejeitado pela Maioria AD um projecto-lei sobre a defesa da serra de Sintra.

Educação para Coissoró

Narana Coissoró (CDS) foi eleito presidente da Comissão Parlamentar de Educação, enquanto Manuel Pereira (PSD) passou a presidir à Comissão Parlamentar do Poder Local.

Entretanto, a Comissão Parlamentar da Cultura não concordou com as afirmações de Nandim de Carvalho sobre o «turismo de pé descalço». Nandim de Carvalho, secretário de Estado do Turismo foi convocado para a Comissão de Cultura. Também em substituição do ministro da Cultura, Lucas Pires, Adriano Moreira foi eleito presidente da Comissão Parlamentar dos Negócios Estrangeiros.

Congresso do PSD

«Oposição» a Pinto Balsemão também não tem liderança

Uma moção de estratégia global a apresentar ao Congresso do PSD será apresentada pela Comissão Política Distrital, tal como anunciámos em primeira «mão» e que terá como principal autor Santana Lopes.

Esta moção afirmará claramente a **ideologia social-democrata do PSD** — diz um dos elementos da Comissão Política Distrital. Helena Roseta, uma das figuras principais da Comissão Política Distrital (é a sua presidente) não estará muito empenhada no texto desta moção de estratégia. Pensa-se, no entanto, que a deputada social-democrata poderá intervir, nalgumas matérias, no decorrer do Congresso do PSD, a 5 e 6 de Dezembro no Porto.

Será já, no próximo sábado, no Conselho Nacional Social-Democrata que serão começadas a analisar as moções definidoras da linha política do partido a submeter ao IX Congresso Nacional. Curiosidade: como irão intervir os representantes principais da Comissão Política distrital do Porto?

A falta de liderança

Um semanário afecto, geralmente, às posições críticas a Pinto Balsemão referia hoje alguns resultados de eleições de delegados para o Congresso do PSD. Considerava aquele jornal que os **duros** estavam a obter algumas vitórias em várias secções que causavam alguma surpresa: tinham obtido mais delegados em Cascais, em Vila Nova de Gaia, em Guimarães, etc., etc.

A confirmarem-se estes números poderia significar um certo ambiente de **mal-estar** no partido. Mas esta **oposição** a Pinto Balsemão também não tem liderança. É isso foi a estratégia dos **almóços** e dos gabinetes de Lisboa. Aborver, tal como já dissemos, os possíveis adversá-

rios. Quem vai assumir essa **oposição** no Congresso?

Eurico de Melo? — não o fará e perdeu quando afirmou que não tinha capacidade para primeiro-ministro, quando da crise de Verão que levou à queda do Governo.

Cavaco Silva — converteu-se. Amândio de Azevedo foi o vice-presidente da Assembleia da República e foi apontado como possível vice-presidente do partido, por alguns críticos.

Santana Lopes — reciclou-se. **Helena Roseta** — desinteressou-se.

Rui Amaral — um dos homens que mais violentamente atacou Pinto Balsemão, também dele já se fala como possível (Balsemão não se opunha, segundo o mesmo semanário) a que integrasse como vogal a Comissão Política.

Por isso, esses delegados estão condenados a não ter voz no Congresso do PSD. O debate, no partido, começará no dia seguinte ao Congresso. Os descontentes, os não **agraciados** ou os **despromovidos**. Partido do Governo, as divisões internas acentuam-se, sempre, no dia-a-dia. Há outros dirigentes que continuam a manter o silêncio: Carlos Macedo, Álvaro Barreto...

Vitorino quer subir

Sabe-se, a confirmar a notícia do mesmo semanário, está a **mover-se** para conseguir uma vice-presidência, encontrando porém grandes **resistências**. O critério para as vice-presidências, o de maior sensibilidade, será a **saída** de membros que estejam no Governo: tal como dissemos, também, em primeira mão, sairia Ângelo Correia, ou até mesmo Fernando Amaral, ficando Meneres Pimentel. A **moderação** de Fernando Amaral — por isso «promovido» na altura a vice-presidente — tem um substituto em grande ascensão no PSD: Nascimento Rodrigues.

Lei dos contratos a prazo

A proposta governamental que altera a lei dos contratos de trabalho vai ser debatida em reuniões convocadas pelo grupo parlamentar do PSD com delegações da CGTP-IN, UGT, CIP e Confederações do Comércio.

A referida proposta de lei, já entregue na Assembleia da República, irá ser sujeita a debate público que vai ser aberto nos termos da Constituição. Um co-

municado da bancada do PSD refere que, tal debate «deve contribuir para a tentativa de encontro do mais vasto consenso social a respeito de matérias de tamanha importância» e preconiza o desenvolvimento de «todas as acções no sentido de que ele produza resultados úteis a inscrever na promulgação definitiva da lei que resultará desta proposta».

SIEMENS

Semana Siemens

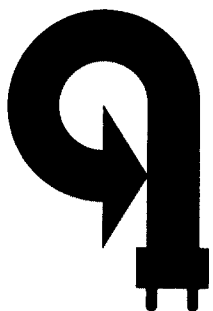
de 12 a 18 de Novembro de 1981

Primeira demonstração pública em Portugal das mais recentes novidades da Feira Internacional de Berlim 1981: VIDEO-DISC, VIDEO-RECORDER e RECEPTORES com STEREO

No Hotel Ritz em Lisboa (entrada - Av. Joaquim António de Aguiar)

sorteio diário de:
um televisor a cores tipo FC 5782
um aspirador tipo VS 2482
um termoventilador tipo OT 2615

Horário da exposição:
Dias úteis das 18 às 23 horas
Sábado e Domingo das 15 às 23 horas
(entrada livre)



electricidade no lar

Médicos suspendem greve...

... Mas quando abre novo Hospital de Viana?

VIANA DO CASTELO (Do nosso enviado especial Luís Humberto Marcos), 12 — «O sr. sabe quando abre o novo hospital?» «Não sei de nada». «E o sr.?» «Não faço ideia nenhuma». «E o sr. aí?» «Aqui em Viana ninguém sabe».

Estas foram algumas das muitas respostas que recolhemos ontem na rua, nos cafés, no velho hospital, sobre o que se passa com o novo edifício do hospital distrital, praticamente concluído há quase três anos, e incrivelmente fechado, à espera não se sabe de quê. Nem a Comissão Ins-

taladora nos soube elucidar. Saberão alguma coisa os nossos governantes dos alcatifados gabinetes? Estamos de facto no País do primado do desperdício, da incuria, da incompetência e da impunidade. O que se passa com este prédio enorme, bem concebido, nas faldas do monte de Santa Luzia, é apenas um dos muitos exemplos que há pelo País fora, aos pontapés.

E enquanto ninguém encontra resposta para a pergunta mais difícil («Quando abre?»), os médicos, espartilhados no velho hospital e sem

o mínimo de condições para o exercício da sua profissão, resolvem entrar em «greve burocrática». Iniciaram-na há quase uma semana. Por duas razões: Porque o Serviço de Urgência não tem o mínimo de condições (trata-se de um prédio velho, bem caído por fora, com as paredes a cair, o soalho apodrecido, com falta de maqueiros, porteiros, camas de observação, técnicos de raio «X» e análises, etc.); e porque há um edifício novo por abrir.

Por tudo isto, «a qualidade dos serviços é francamente

má, apesar de todo o esforço do pessoal» — reconhece o director do hospital, Miranda Neto, que se encontra demissionário.

«Isto aqui é uma fossa» — diz-nos um dos médicos — «Não temos condições mínimas de trabalho». Os oito médicos que ontem estavam no Serviço de Urgência tinham apenas três salas, ou melhor, uns cubículos sem condições. Neste Serviço — do qual se demitiu anteontem o director, Arménio Neto — passam em média, por dia, cerca de 150 doentes.

Apesar de se continuar sem saber quando abre o novo hospital, a greve burocrática — não preenchimento da papelada dos doentes assistidos — foi suspensa. Porquê? Um dos dinamizadores da luta esclarece: porque o Conselho de Gerência convidou-nos ao diálogo (reunião amanhã, de manhã), e porque o agravamento da luta iria causar prejuízos aos doentes.

A Comissão Instaladora do novo hospital, nomeada pelo VI Governo, tem sido acusada de incompetência e incapacidade. Não há diálogo entre ela

e o Conselho de Gerência do hospital.

«É preciso uma comissão capaz e dinâmica» — afirma Miranda Neto.

A Comissão Instaladora tomou posse em Janeiro deste ano, prometeu a abertura do hospital para Julho, adiou-a para o fim do ano — e agora não quer prometer mais nada. Salviano Vitoriano (outro médico) disse ao «DL»: «Não lhe posso adiantar mais nada. Estamos a tentar saber, mas não nos dão uma data concreta. Não faço mais previsões...»

PUB

Carta Aberta do Ministro dos Assuntos Sociais

Cada geração tem os seus períodos de crise. Nós vivemos um momento de crise na História do Mundo e na História do nosso País.

Estamos certos de que sairemos desta crise, se prestarmos ao Homem e nomeadamente ao Homem Português, uma atenção profunda.

A prioridade do Homem e dos Direitos Humanos no processo de produção — recordada por Sua Santidade João Paulo II na sua recente encíclica «Laborem Exercens» — coloca os trabalhadores da Saúde e da Segurança Social perante uma nova dimensão moral, social e profissional das funções que exercem.

Os cem mil trabalhadores portugueses da Saúde e da Segurança Social — 1 por cada 100 portugueses — não têm ainda, certamente, todo o apoio de que carecem. Há ainda muitas lacunas nas suas organizações, lacunas que não facilitam uma acção mais eficaz. O relacionamento com os beneficiários envolve-os, por vezes, em vastos problemas alheios à sua função.

Estamos atentos e queremos melhorar significativamente a eficácia da solidariedade nacional para com o doente, o deficiente, o reformado, a criança.

Os beneficiários serão dez milhões de Portugueses que não deixarão de corresponder também com uma mais exacta compreensão dos seus direitos e deveres.

O nosso País dispenderá este ano 180 milhões de contos com a Saúde e a Segurança Social, 18 contos por cada português.

É nossa responsabilidade utilizar estes recursos com resultados cada vez mais válidos, mais amplos e mais justos.

O Ministro dos Assuntos Sociais apela, individualmente, a cada um dos cem mil trabalhadores da Saúde e da Segurança Social, para que façam um esforço suplementar no sentido de humanizarem os serviços que prestam e também de os tornarem mais úteis e eficazes.

E apela, também, aos beneficiários para que, sem abdicarem dos seus direitos, tenham em conta as limitações estruturais e de meios, que condicionam a acção dos trabalhadores ao seu serviço, cidadãos como eles.

Obteremos assim resultados que para nós próprios serão surpreendentes.

O Ministro dos Assuntos Sociais
Luís Barbosa

Morreu o Francisco Ramos

Faleceu esta manhã, o nosso companheiro de trabalho, Francisco Manuel Rodrigues Ramos, de 65 anos.

Francisco Ramos entrou para o nosso jornal em 18 de Maio de 1936, prestando serviço na Administração e mais tarde no Armazém, onde, ao longo dos anos, angariou boas amizades, sendo estimados por todos que nesta casa trabalham.

Deixa viúva a sr.^a D. Maria Ribeiro Digo Ramos e era pai das sr.^{as} D. Maria Idalina Diogo Ramos Espinha, e Maria Manuela Ribeiro Malveiro (ausente no estrangeiro).

O funeral do nosso malogrado companheiro realiza-se amanhã



pelas 16 horas, da Igreja da Amadora, para o cemitério local. A família enlutada apresenta o «Diário de Lisboa» sentidos pésames.

A morte da jovem Maria Irene

A PJ de Coimbra já deteve para averiguações o empregado de uma «boite» de Aveiro, Oscar Cirino, e a sua mulher, Isaura da Conceição Correia Cirino, também empregada da mesma «boite», por suspeita de autoria e cumplicidade, respectivamente, na morte da jovem Maria Irene Rodrigues de Sousa, de 17 anos, cujo corpo foi encontrado em Outubro último na barra daquela cidade, como o «DL» noticiou. Já nessa altura o nome de Oscar Cirino era dado como suspeito, na sequência das suas conhecidas relações com a vítima, de quem seria amante e da identificação da sua voz, em telefonemas, feita por familiares da Maria Irene. Recorde-se que a morte daquela jovem foi precedida de um simulacro de rapto com ten-

tativa de obtenção de elevada quantia em dinheiro.

A PJ de Coimbra tem agora fortes razões, com provas encontradas, para admitir que Maria Irene foi obrigada a escrever cartas durante o seu desaparecimento, por imposição de Cirino e da mulher. Inclusivamente, Maria Irene teria mesmo estado «sequestrada» em casa do mesmo Oscar Cirino. Quanto à morte da jovem, ela teria ocorrido devido a um empurrão de Cirino que a atirou para o mar, numa noite em que foi «pescar», com cana de pesca e tudo e levando consigo Maria Irene, a seu pedido, para lhe fazer companhia. Os dois detidos estão agora a ser ouvidos pelo Juízo de Instrução Criminal de Aveiro.

CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO

ANÚNCIO SERVIÇO DE OBRAS

Faz-se público, de harmonia com a Deliberação de 5 do corrente mês, que está aberto concurso para adjudicação do fornecimento de uma retroescavadora.

As propostas devem ser entregues na Secretaria desta Câmara, até às 17.30 horas do próximo dia 17 de Novembro do ano em curso, e a sua abertura terá lugar na sala de Sessões da Câmara Municipal do Barreiro, pelas 11 horas do dia 18 de Novembro.

O programa de concurso e o caderno de encargos, estão patentes todos os dias úteis no Serviço de Obras desta Câmara, a partir do dia 2 de Novembro, durante as horas de expediente.

Barreiro, 30 de Outubro de 1981.

O Presidente,
Hélder da Silva Nobre Madeira

CIESA NCK

SUPER OPORTUNIDADE GRUNDIG 7.500\$00

PELO SEU VELHO TELEVISOR

Sete mil e quinhentos escudos é o valor que a Grundig dá ao seu velho televisor, preto e branco.

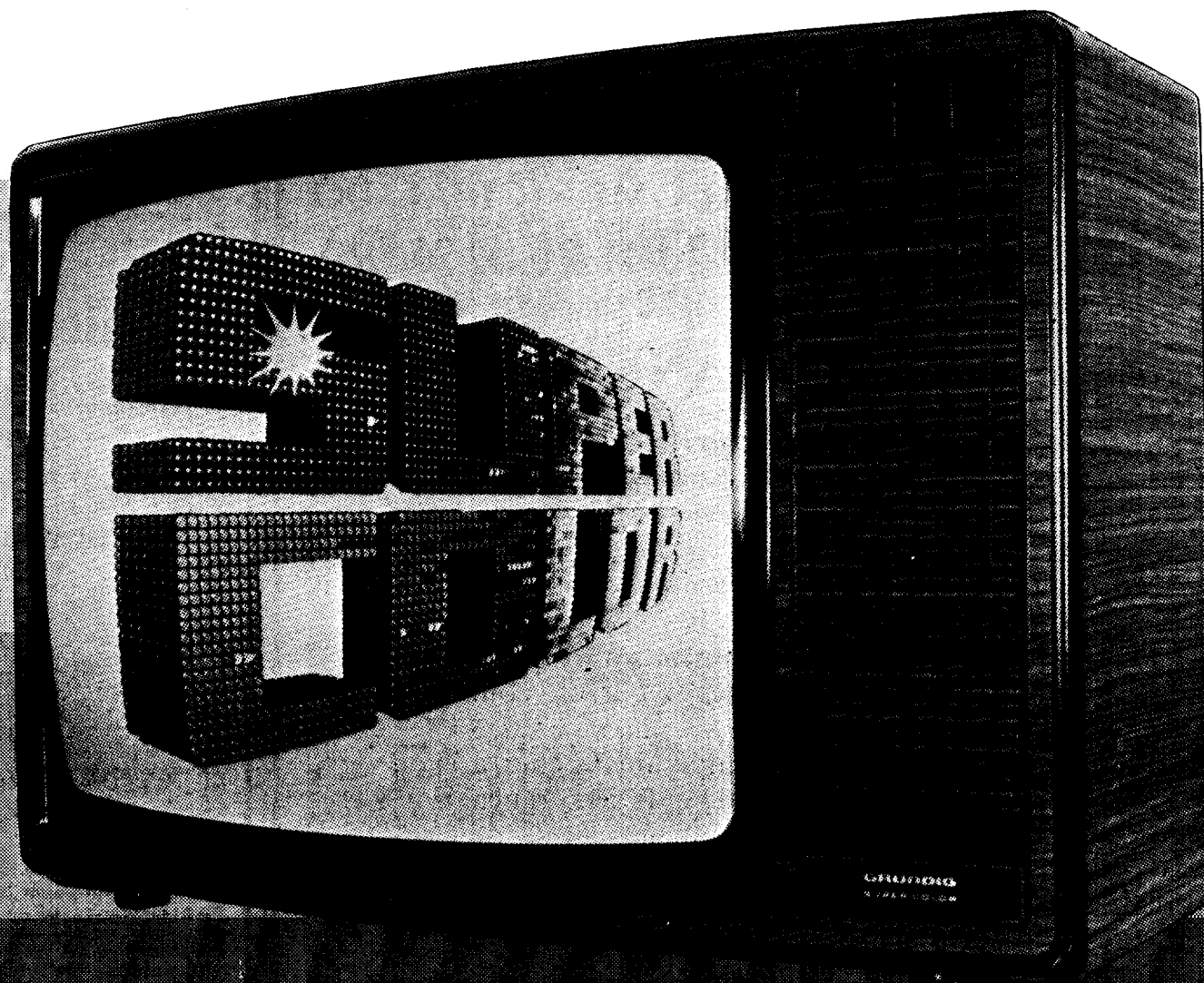
Qualquer que ele seja, mesmo avariado.

Sete mil e quinhentos escudos é quanto vale o seu velho televisor, na troca por um novo GRUNDIG SUPER COLOR.

Você pode escolher qualquer modelo de mesa, entre a variedade Super Color, de 51,56 ou 66 cm., com ou sem telecomando. E apreciar os seus programas preferidos com a cor exacta, exactamente natural.

Troque o seu velho televisor num Agente Oficial Grundig e... passe, já, este Natal a cores!

É uma super oportunidade a não perder! ... Até 31 de Dezembro!



GRUNDIG

A SEGURANÇA DE UM GRANDE NOME

Distribuidores exclusivos

Norte: SOC. REP. SANTOS, GUIMARÃES & OLIVEIRA, SARL. **Sul:** NACIONAL RÁDIO, SARL.

de ontem para hoje



Antena virada para Oriente

A Companhia Portuguesa Rádio Marconi e a empresa brasileira de telecomunicações (Embratel) celebraram ontem um contrato para a instalação em Portugal de uma antena para comunicações directas com países do Oriente, cobertas pelo satélite da Intelsat estacionado sobre o oceano Índico, nomeadamente o Japão e a Austrália. A antena para o satélite no Indico entrará em funcionamento em meados de 1983 e assegurará o prolongamento das ligações entre países da América do Sul e do Oriente, o reforço das ligações de Macau com Portugal e a Europa e o acesso mais fácil das telecomunicações portuguesas ao Oriente.

Comissão Vitivinícola dissolvida: multinacionais mais à vontade no Douro

A Confederação Nacional da Agricultura (CNA) protestou ontem em Coimbra contra a dissolução da CNAV — Comissão Nacional para os Assuntos Vitivinícolas, recentemente decidida pelo Governo. Em comunicado, a CNA salienta tratar-se de um «organismo que funcionava a bem da viticultura e dos vitivinicultores do país». O facto da Comissão Nacional para os Assuntos Vitivinícolas «ter impedido os projectos de plantio de vinhas em terras virgens das regiões do Douro e Bairrada, propostas por multinacionais com o apoio das entidades oficiais», foi o motivo da extinção — afirma o comunicado. A CNA refere ainda que a ausência de um organismo similar «está a impedir que, à semelhança do ano anterior, se fixem preços oficiais para esta campanha do vinho».

Armadores protestam: pesqueiro espanhol apesado em Faro

A Associação dos Armadores de Pesca da ilha Cristina (Espanha) alegaram que o pesqueiro espanhol «Gema del Mar» apesado ontem por uma lancha portuguesa pescava em águas territoriais espanholas. A embarcação foi transferida para o porto de Faro e foi-lhe imposta uma multa de cem contos sendo-lhe também confiscado todo o pescado assim como os aparelhos de pesca. O armador do «Gema del Mar», Simon Lopez, declarou que recorrerá da sentença, por considerar ilegal este apesamento. Os patrões de seis embarcações espanholas que presenciaram o apesamento do «Gema del Mar» referiram que este barco pescava em águas do seu país, ao largo de Huelva.

Na Avenida da Liberdade: homenagem aos mortos da Grande Guerra

Antigos combatentes portugueses franceses, britânicos, belgas e italianos prestaram ontem homenagem aos mortos da Primeira Grande Guerra, junto ao monumento na Avenida da Liberdade, em Lisboa. A comemoração nacional do Sexagésimo Terceiro Aniversário do armistício da Primeira Grande Guerra, em homenagem ao esforço

dos portugueses no conflito e à memória dos que nele pereceram, foi organizada pela Direcção Central da Liga dos Combatentes. Dezenas de coroas e ramos de flores foram depositadas junto ao monumento dos antigos combatentes. A guarda de honra militar, com banda e fanfarras, entoou os toques tradicionais evocativos dos mortos — silêncio e alvorada — seguidos de desfile.

Na versão do Ministério da Justiça: grevistas da fome cederam em Paços de Ferreira

O Ministério da Justiça informou que «neste momento já não há nenhum detido em greve da fome no estabelecimento prisional de Paços de Ferreira». Segundo nota ontem divulgada pelo Ministério, os reclusos que há alguns dias tinham declarado a intenção de recusar ingerir alimentos «voltaram a comer, após uma intervenção esclarecedora do Gabinete do Ministro da Justiça».

«Berços de Renda Enxergas de Trapos»: um livro do capitão Fernandes



Alvaro Fernandes (na foto), o capitão Fernandes do MFA, acaba de dar à estampa «Berços de Renda Enxergas de Trapos», num lançamento da Editorial Em Marcha. Em prefácio escreveu o major Mário Tomé: «O que mais me impressiona neste livro de Alvaro Fernandes, capitão de Abril, expurgado das fileiras pelos coronéis de Novembro, é a forma como ele consegue em tão poucas páginas caracterizar o ambiente da sociedade colonial-fascista, os seus tiques, os seus mitos grotescos (...) ao escolher o sarcasmo, o anedótico, a chacota pura e simples para tratar a burguesia colonial e metropolitana paralisada e obscura. Alvaro Fernandes contribui para nos dar com inesperada — porque aparentemente contraditória — exactidão das linhas mestras de um tempo e lugar».

Trigo: menos um terço que o costume

Colheitas portuguesas baixaram em toda a linha

As chuvas caídas durante a última semana de Setembro não alteraram de forma significativa o estado de seca e improdutividade da generalidade das culturas portuguesas. O trigo foi o cereal que mais se ressentiu dessa seca prolongada, quebrando em cerca de 310 toneladas — o que representa uma redução de um terço da sua habitual produção, como de resto o «DL» oportunamente informou em termos previsivos.

Quer dizer: as condições da agricultura portuguesa são precárias, a ponto do sector constituir uma prioridade nacional e constituir «justificação» para o agravamento das condições de vida dos portugueses, segundo o O.G.E. para 1982 e a óptica do Governo. Mas é evidente que depois de um Inverno e de uma Primavera secos e de um Verão com temperaturas muito elevadas, as nossas colheitas se res-

sentiriam, que os nossos cereais iriam escassear.

Nem só o trigo se encontra no centro das nossas preocupações. Também o grão-de-bico apresentará quebra sensível, baixando a sua costumeira produção para metade: sete mil toneladas. A cultura do regadio de batata, milho e feijão foram profundamente atacadas pela seca: calcula-se que os rendimentos médios por hectare sofram decréscimos de ordem de um quarto ou de um quinto. Milho e feijão de sequeiro sofreram quebras da ordem de um terço dos valores normais: a sua produção não deverá ultrapassar as 92 e 9 mil toneladas, respectivamente.

Para o arroz, os resultados por hectare não serão muito diversos do habitual, mas a produção global deve ressentir-se da diminuição das áreas cultivadas, devido à impossibilidade de rega.

Oleaginosas: mais dramático

Mas a Divisão de Estatísticas Alimentares do INE tem mais para contar. Diz-nos, por exemplo, que a situação é ainda mais dramática nas oleaginosas, tendo o girassol sofrido uma redução de 60 e o cártamo de 38 por cento. As produções estão calculadas em 8 e 2 mil toneladas. O tomate para a indústria teve uma quebra de 18 por cento: a sua produção é calculada em 372 mil toneladas.

No entanto, as chuvas caídas no final de Setembro representaram uma certa melhoria para as exaustas pastagens, embora a produção continuasse a mostrar-se insuficiente para o alimento dos gados — facto, de resto, habitual daquela altura do ano.

O gado continua a sofrer de focos isolados de brucelose e da peste suína clássica, mas o pro-

blema parece relativamente controlado.

Para as frutas, o panorama não é mais animador: maçã e pêra sofreram quebras de um quarto da produção habitual (e em certas áreas chegou-se aos 50 por cento), e os olivais apresentam-se na mesma situação, embora para o figo o decréscimo não tenha sido tão grave.

A produção de uva parece ter sido também de menos um quarto do que no ano anterior. Iniciadas as vindimas, verificou-se, em algumas regiões, os mostos acusam um teor de açúcar inferior ao normal, o que quer dizer que 1981 não vai ter lugar nas grandes garrafeiras do futuro.

Nas feiras e mercados registou-se o aumento de cotação de alguns produtos agrícolas, nomeadamente batata e hortícolas, como consequência da produção reduzida.

Bonança usa dinheiros públicos em despiques pessoais

— acusa Olímpio Magalhães

PORTO, 12 — «O conselho de gerência está a usar dinheiros públicos para sustento de despiques pessoais que podem vir a custar largos milhares de contos

e que, ainda por cima, estão a afectar a imagem da empresa», disse ao «DL» o auto-suspenso secretário da AM do Porto (eleito pelo PSD) Olímpio de Magalhães, a propósito do seu despedimento da Companhia de

Seguros «Bonança». Despedido na passada quarta-feira por carta entregue de manhã cedo na presença de duas testemunhas Olímpio de Magalhães tem sido alvo de processos disciplinares sucessivos, estando por isso há dois anos em estado de permanente confronto com o CG daquela empresa pública.

Primeiro, diz Olímpio de Magalhães, tentaram afastá-lo por

motivos profissionais com dois processos que não resultaram. Depois esteve oito meses destituído de funções, «sem fazer nada, embora fosse o quadro mais caro da empresa».

Seguiu-se uma transferência de director comercial para director financeiro. Não aceitou por não se sentir preparado para funções que não eram as suas e teve outro processo. Finalmente, de-

nunciou tudo isto ao dr. Sá Carneiro e acabou por ser despedido. Como? A carta chegou às mãos do CG da «Bonança» na sequência de uma decisão do ex-ministro das Finanças, Morais Leitão, do CDS, que mandou arquivar o processo surgido da denúncia de Olímpio de Magalhães, com um despacho onde se autorizava que fossem dadas cópias das suas peças a quem o solicitasse.

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ALMADA

ANÚNCIO

«CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATACÃO DA EMPREITADA DE INFRA-ESTRUTURAS DO TERMINAL DE CACILHAS — ZONA A»

- 1 — Preço base NÃO DECLARADO NESTE ANÚNCIO
Caução Provisória 600 000\$00
Prazo (12) DOZE MESES
- 2 — Alvará exigido:
IV e V Categoria(s) da(s) classe(s) correspondente(s) ao valor dos trabalhos respectivos.
- 3 — Local, dia e hora para exame do processo:
Serviços Técnicos da Câmara Municipal de Almada, Av.ª Professor Egas Moniz, 40-E — Cova da Piedade, no horário de expediente a partir do dia seguinte ao da publicação deste aviso no «Diário da República».
- 4 — Local, dia e hora para entrega das propostas:
Serviços Técnicos da Câmara Municipal de Almada, Av.ª Professor Egas Moniz, 40-E — Cova da Piedade, no horário de expediente até às 17 horas do último dia do prazo de trinta dias contados a partir do dia seguinte ao da publicação deste aviso no «Diário da República».
- 5 — Local, dia e hora do acto público do concurso:
Serviços Técnicos da Câmara Municipal de Almada, Av.ª Professor Egas Moniz, 40-E — Cova da Piedade, às 11 horas do primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado no anúncio.

Almada, 6 de Novembro de 1981.

O PRESIDENTE DA CÂMARA
José Martins Vieira



Município de Lisboa

EDITAL N.º 156/81

SERVIDÃO RADIOELÉCTRICA LISBOA-FARO

Faz-se saber que, nos termos e para os efeitos constantes do Decreto-Lei n.º 181/70 de 28 de Abril de 1970, os Correios e Telecomunicações de Portugal pretendem, ao abrigo e nos termos das disposições do Decreto-Lei n.º 597/73 de 7 de Novembro de 1973, instituir um regime de servidão radioelétrica de protecção à ligação hertziana entre os centros radioelétricos de Lisboa e de Faro, pertencentes à Empresa Pública CTT, situando-se o primeiro na serra de Monsanto nesta cidade.

Essa servidão implicará que dentro da zona de desobstrução a que alude a alínea b) do n.º 1 do Art.º 6.º do Decreto-Lei n.º 597/73, demarcada em planta que junto se afixa, seja proibida a implantação ou manutenção de edifícios ou outros obstáculos cujas cotas máximas, em relação ao nível do mar, distem de 10 metros do elipse da 1.ª zona de fresnel, tal como representado em perfil que também junto se afixa.

Os interessados podem, dentro do prazo de 30 dias, contados da data da afixação deste edital, apresentar quaisquer reclamações tendo por objectivo a ilegalidade ou inutilidade da constituição desta servidão ou a sua excessiva amplitude ou onerosidade.

Essas reclamações devem ser formuladas por escrito e entregues na 2.ª Secção — Expediente e Contabilidade da 1.ª Repartição da Direcção dos Serviços Centrais e Culturais desta Câmara Municipal, no prazo referido.

Paços do Concelho de Lisboa, em 2 de Novembro de 1981.

O Presidente da Câmara Municipal
Eng. Krus Abecasis

— *defende especialista*

A tuberculose está longe de se poder considerar extinta em Portugal e o combate à doença deve continuar, declarou ontem à ANOP Robalo Cordeiro, presidente da assembleia geral da Sociedade Portuguesa de Patologia Respiratória, num intervalo dos trabalhos do II Congresso Internacional de Patologia Respiratória, que ontem se iniciou na Figueira da Foz.

Este catedrático da Faculdade de Medicina de Coimbra alertou também para a necessidade de se proceder ao desenvolvimento de programas de luta contra outras doenças respiratórias, designadamente o cancro do pulmão e a bronquite crónica.

De referir igualmente a ne-

cessidade de combater uma variada gama de doenças respiratórias de origem profissional, provocadas sobretudo pela inalação de substâncias nocivas.

Robalo Cordeiro, que é o regente português da Academia Internacional de Médicos de Patologia Torácica, disse que um dos objectivos do congresso é possibilitar o aperfeiçoamento e enriquecimento científicos dos pneumologistas portugueses, aproveitando a presença dos maiores especialistas internacionais.

Adiantou que o congresso permitirá também mostrar a «grande dinâmica que a pneumologia portuguesa tem tido nos últimos tempos» e proporcionar, ao mesmo tempo, um encontro e

troca de impressões entre os especialistas sobre a panorâmica actual das doenças respiratórias.

O Segundo Congresso Internacional de Patologia Respiratória conta com a participação de 280 especialistas de 16 países.

A participação portuguesa é constituída por delegações dos serviços de pneumologia de todos os hospitais centrais, pelas cadeiras de pneumologia das três universidades, do Instituto Nacional de Investigação Científica (INIC) e pelos dois únicos centros portugueses de investigação pneumológica, existentes em Coimbra e Lisboa.

Durante os trabalhos, que se prolongarão até sexta-feira,

serão proferidas mais de 150 comunicações livres, metade das quais a cargo de especialistas do INIC.

Do programa do congresso constam comunicações especializadas sobre cirurgia da traqueia, perspectivas actuais do tratamento paleativo do cancro do pulmão, fisiopatologia do pulmão profundo, e pulmão e poluição.

O congresso é organizado pela Sociedade Portuguesa de Patologia Respiratória e pelo capítulo português da Academia Internacional de Médicos de Patologia Torácica.

O Primeiro Congresso Internacional de Patologia Respiratória realizado em Portugal, ocorreu em 1978 no Algarve.

**Leite na capital
em quantidade suficiente
só na Primavera**

O leite continua a faltar na cidade de Lisboa e as enormes bichas que todas as manhãs se formam junto aos postos de distribuição da UCAL, não deverão desaparecer antes da Primavera do próximo ano.

Esta previsão baseia-se na conjugação de vários factores que contribuem para a manutenção de uma situação crónica no abastecimento.

O leite recombinado – leite em pó reconvertido – recentemente introduzido no mercado, é insuficiente para as necessidades. Por outro lado, a prolongada seca que se tem registado este ano no nosso país não é também alheia às dificuldades registadas.

Finalmente, a «psicologia da escassez» produz também os seus efeitos, independentemente do aumento de consumo de leite que se tem manifestado, em termos globais.

O colapso do circuito de comercialização e distribuição deve-se, no entanto, a razões estruturais que poucos têm tido a coragem de denunciar. Com efeito, como explicar que nos últimos dez anos, se registem sempre por esta altura problemas no abastecimento à capital?

Um técnico da Junta Nacional dos

Produtos Pecuários (JNPP) atribuiu a falta de leite à baixa de produção e ao aumento do consumo.

Os pastos este ano foram fracos, segundo explicou. Como o gado não pode dispensar a alimentação natural, misturada com as forragens e rações, os índices de produtividade acabam por descer.

A falta de água cobra a sua factura. Por este motivo muitos produtores viram-se na necessidade de quase só darem rações aos seus animais. As consequências negativas vão fazer-se sentir pois a prazo os animais serão afectados.

Por outro lado, a reconversão do leite em pó, mais do que a sua aquisição, torna-se difícil, pois não dispomos de unidades de processamento em número suficiente para as necessidades.

A falta de uma planificação, acrescentam irregularidades no âmbito da distribuição e comercialização, favorecendo a especulação e açambarcamento. A JNPP não quis desmentir, nem confirmar esta situação, remetendo para a Direcção-Geral da Fiscalização Económica a competência para se pronunciar sobre o assunto.

Máquina descarrilou em Alfarelos

A queda do motor de tracção de uma máquina da CP (e o seu consequente descarrilamento), ontem em manobras, na Estação de Alfairoles, interrompeu a circulação ferroviária na linha do Norte durante cerca de sete horas, prejudicando os utentes dos comboios «rápidos» entre Lisboa e Porto e vice-versa. O acidente com a máquina em manobras ocorreu pouco depois do meio-dia, vindo a linha a ser desobstruída e a máquina retirada seis horas e meia depois.

Durante mais de seis horas homens de via e obras da CP trabalharam para reajustar os carris e retirar a máquina da posição em que ficou: atravessada nos dois troços da via, impedindo

a passagem do trânsito ferroviário nos dois sentidos. Como atrás referimos, apenas os «rápidos» foram significativamente afectados nas ligações, uma vez que a CP providenciou para que as outras linhas dependentes da do Norte funcionassem normalmente. Enquanto a linha não foi desobstruída em Alfaiões as composições foram-se aglomerando em Coimbra (procedentes do Porto) e Formoselha (idos de Santa Apolónia).

Ao princípio da madrugada o trânsito ferroviário nos dois sentidos tinha sido des congestionado, verificando-se até então atrasos na circulação entre duas e cinco horas. Esta manhã, contudo, a circulação ferroviária era normal nos dois sentidos.

comunicação social

“Comércio do Porto” despede cinco estagiários

O Sindicato dos Jornalistas, em reunião ontem efectuada durante a tarde, apelou para a sindicalização maciça de todos os jornalistas que estejam a trabalhar em regime de contrato a prazo.

Este apelo do SJ prende-se com o seu protesto pelo despedimento recente de cinco candidatos a jornalistas que trabalhavam em «O Comércio do Porto» desde 1 de Agosto, sob o regime de contrato a prazo.

Em comunicado, o sindicato aponta o «carácter de prepotência e de injustiça dos chamados contratos a prazo».

De acordo com esta posição, a Direcção do SJ decidiu defender «os legítimos interesses dos trabalhadores despedidos (...), entregando o caso ao seu consultor jurídico», embora os atingidos não se encontrem sindicalizados. Acontece, no entanto, que os despedidos, «enquanto estiveram em funções, descontaram sempre as suas quotas sindicais».

Refere ainda o SJ que o despedimento agora ocorrido (Isabel Maria de Araújo, Carlos Manuel Machado, João António de Freitas, Maria Olíndina Martins e Maria Sofia de Oliveira) «vem, de novo, pôr a nu o carácter de prepotência e de injustiça que preside aos chamados contratos a prazo, verdadeiras espadas de Dâmocles pendentes sobre um grande número de jornalistas que não teve outra oportunidade

de arranjar emprego se não dessa forma».

«O Inflação»

Realizou-se recentemente a primeira reunião da comissão criada pela Assembleia de Freguesia das Mercês (Lisboa), para dar vida a «O Inflação», jornal de parede que nas ruas desta freguesia ajudará a denunciar e combater a subida dos preços a unir e mobilizar esta autarquia contra a alta do custo de vida.

A comissão é composta pelo presidente da Junta de Freguesia (CDS), pelo presidente da Assembleia de Freguesia (PS) e por outro membro da Assembleia de Freguesia, militante da APU.

“O Inflação” – que já há dias tinha sido apoiado num almoço que reuniu num restaurante da Bica cerca de 50 democratas, socialistas e comunistas, das Mercês e S. Mamede, com a presença e a solidariedade de Beja Santos e Miranda Ferreira – será um jornal mural aberto à colaboração anti-inflacionista de todas as forças políticas representadas na Assembleia de Freguesia, de todos os sindicatos e colectividades estabelecidas nas Mercês, de todos os seus vizinhos, comerciantes, etc. etc.

**Pi de la Serra
com «Em Marcha»**

O semanário «Em Marcha», com dois anos de existência, festeja a efeméride no próximo sábado no Pavilhão da Tapadinha, em Alcântara, com programa de solidariedade que, entre outros nomes, compreende o do cantor catalão Pi de la Serra. A reunião festiva inicia-se às 15 horas e prolonga-se até de madrugada.

CCM-DEB

1.º ENCONTRO SOBRE CRÉDITO
À HABITAÇÃO
E CONSTRUÇÃO





O CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS, a CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS e o MONTEPIO GERAL
três Instituições centenárias — tomaram a iniciativa de promover, em conjunto,
a organização do 1.º ENCONTRO SOBRE CRÉDITO À HABITAÇÃO E CONSTRUÇÃO.
Com esta reunião pretende-se contribuir para uma maior informação e debate
sobre os problemas do Sector da Construção Civil, com destaque para a Habitação,
bem como uma reflexão sobre as Linhas de Crédito que lhes dão suporte
na área das Instituições de Crédito Especializadas.

Dias 11, 12 e 13 de Novembro | Hotel Estoril Sol-Cascais



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS



CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS



MONTEPIO GERAL

GNR volta à carga na Covilhã e causa sete feridos

Uma força calculada em cerca de 200 praças da GNR, munidas de bastões, armas de fogo e viseiras, voltou ontem, às 15 e 30, a carregar sobre os trabalhadores da empresa têxtil Paulo de Oliveira, da Covilhã, tendo chegado a disparar para o ar. Deste incidente resultaram sete feridos, que foram tratados no Hospital da Covilhã.

Ao fim da tarde, novos incidentes voltaram a registar-se, mas desta vez no centro da cidade, junto ao Pelourinho, onde a GNR interveio para evitar o confronto motivado por provocações de alguns «fura-greves». Pouco depois, a população local manifestou-se espontaneamente no centro da Covilhã.

Na terça-feira, a Federação Sindical dos Têxteis havia

acusado a GNR de agredir três trabalhadores, que tiveram igualmente de receber tratamento hospitalar.

A greve, que regista uma adesão de 85 por cento, segundo uma fonte sindical, prossegue hoje com novo período de paralisação de 24 horas, como forma de obrigar o Governo a negociar um contrato colectivo de trabalho do sector e a recuar na intenção de impor uma portaria de extensão, com base num contrato acordado com o Sindicato, ligado à UGT.

No distrito da Guarda, a greve, com a duração de duas horas, registou uma adesão da ordem dos 60 por cento, de acordo com uma informação sindical.

A mesma fonte afirmou que a contestação ao aviso de pu-

blicação da portaria de extensão será hoje entregue ao ministro do Trabalho.

Reacções internacionais

A propósito das reacções provocadas a nível internacional pela luta dos trabalhadores do sector têxtil no domínio da contratação colectiva, a Federação Mundial Sindical enviou telegramas ao Presidente da República e ao Primeiro-Ministro do Governo português. Nesses documentos salienta-se «a tentativa de impor por via administrativa» aos trabalhadores «um acordo concluído recentemente num nível inferior ao anteriormente negociado».

Soltas

● O ministro do Trabalho, Queirós Martins, recebe esta tarde, em audiência uma delegação do Secretariado Executivo da CGTP/IN. A audiência foi solicitada por aquele membro do Governo, com o objectivo de debater a revisão da legislação laboral actualmente em vigor, segundo um porta-voz da central sindical.

● O director do Serviço de Urgência do Hospital de Viana do Castelo, Amílcar Neto, demitiu-se, tendo justificado a sua decisão com base em «pressões burocráticas do CG que entendeu descontar do vencimento dos médicos daquele serviço os dias de greve». Os clínicos dos referidos serviços encontram-se em greve ilimitada desde sexta-feira devido, alegam, «à

falta de adequados meios humanos e técnicos».

● O deputado Marcelo Curto (PS) perguntou ao Governo quando e em que condições vão ser homologadas as comissões de gestão eleitas pelos trabalhadores das empresas em autogestão. A pergunta revestiu a forma de requerimento entregue na AR e dirige-se aos ministros da Agricultura, Indústria e Transportes, a quem compete a tutela das referidas empresas.

● Os trabalhadores do sector de obras da Secretaria Regional do Equipamento Social dos Açores observam uma greve de 24 horas amanhã, segundo anunciou a delegação sindical dos trabalhadores da Função Pública (Zona Sul e Açores). A paralisação visa protestar contra a suspensão e transferência de funções de

um delegado sindical, o «abuso» dos contratos a prazo e o não cumprimento das tabelas salariais em vigor.

● Tomam posse às 18 e 30 de hoje os corpos gerentes do Sindicato dos Transportes Rodoviários do Sul, na sede da organização sindical, em Setúbal. As eleições realizaram-se no dia 4 do corrente, tendo vencido a lista unitária, que recolheu 84,2 por cento dos votos expressos.

● Realiza-se no dia 19, na Casa do Pessoal dos Trabalhadores da Carris, um encontro nacional das comissões de trabalhadores do sector dos Transportes, com a finalidade de analisar a situação do agravamento da situação das empresas e a filosofia e actuação do Governo numa área considerada básica da economia nacional.

Sindicato denuncia ofensiva do patronato nas indústrias eléctricas

O Sindicato das Indústrias Eléctricas do Sul e Ilhas (SIESI) divulgou um comunicado sobre o agravamento da situação socio-laboral naquele sector de actividade, no qual denuncia a «presente ofensiva do patronato» com especial destaque para a acção das multinacionais que «fazem gala em desrespeitar ostensivamente as leis portuguesas».

No que diz respeito às empresas nacionais, o SIESI afirma que «a repressão se acentua, sobretudo, sobre os representantes dos trabalhadores» citando, a propósito, os processos disciplinares a dois membros da CT na SOTÉCNICA «as medidas arbitrárias» sobre um dirigente sindical na EFACEC e a «perseguição sistemática» de que são alvo os delegados sindicais nos Cabos Avila.

Por outro lado o comunicado denuncia também a favorecimento do Governo, acusado de favorecer a presente situação e de dar «cobertura às manobras patronais em várias frentes, nomeadamente: o acentuar do discurso antitrabalhadores por parte de personalidades governamentais; a neutralização de meios de defesa contra as ilegalidades patronais, como a Inspeção e os Tribunais de Trabalho, que atingem níveis de degradação nunca vistos e a ofensiva legislativa em curso, designadamente, a liberalização dos despedimentos».

O SIESI condena igualmente o comportamento de sindicatos afectos à UGT, com especial destaque para os sindicatos paralelos, definidos como «verdadeira tropa de choque do patronato e do Governo».

No que diz respeito à situação presentemente vivida em algumas empresas multinacionais o sindicato refere o desrespeito dos patrões da Standard Eléctrica «com o conluio do Governo» pelas decisões do Supremo Tribunal Administrativo ao não reintegrar os trabalhadores despedidos em meados do ano passado. Também a VITROHM, alemã, e a FAPAE, associada da Philips, holandesa, são acusadas de retirar direitos aos trabalhadores e de não respeitarem o CTT e a lei das associações sindicais. Recorde-se que a FAPAE manteve de julho a Outubro do corrente ano, cerca de 140 trabalhadores «dispensados do trabalho, por a empresa ter alegado a acumulação de «stocks» de produção acabados». De regresso à empresa, aqueles trabalhadores mantiveram-se numa situação de subocupação com a inerente perda de direitos adquiridos, facto que aquele sindicatos considera de «procedimento ilegal».

«A utilização imoral de contratos a prazo, que admite e despede segundo os seus planos repressivos», passa-se segundo relata o SIESI na Tudor Baterias, espanhola. A mesma fonte sindical refere ainda a suspensão «abusiva e ilegal» de um delegado sindical na Cel-CAT, inglesa onde «se tem verificado ultimamente uma tendência repressiva que não era hábito nesta empresa» facto que, segundo o SIESI, se deve a pressões da CIP e da associação patronal do sector, a ANIMEE.

A actuação da Inspeção de Trabalho é também vivamente criticada pelo SIESI pois que sobretudo nas pequenas empresas, onde segundo aquele organismo sindical, se avolumam as situações de repressão individual, verifica-se uma «demissão pura e simples daquele organismo em actuar contra os patrões».

Pesca artesanal contra acção dos arrastões

Representantes dos pescadores do sector de pesca artesanal manifestaram a intenção de desencadear formas de luta a partir da próxima semana, de protesto contra a acção dos arrastões dentro da área das seis milhas.

Ricardo Santos, da Liga dos Pequenos Proprietários de Pesca de Setúbal, declarou que cerca de cinco mil pescadores (70 por cento do sector) que operam na zona compreendida entre a Caparica e Sines estão a ser

prejudicados pelos barcos de arrasto que, além de «comprometer a manutenção da fauna marítima, destroem as aparelhagens destinadas à pesca artesanal».

«A zona das seis milhas, anteriormente destinada à sobrevivência do sector de pesca artesanal, está a ser invadida pelos arrastões portugueses que não se preocupam com espécies nem com redes, alcatruzes e outras aparelhagens, arrastando tudo à sua passagem» — disse.

«Os arrastões já deram cabo da Zona Norte do País e agora vêm por aí abaixo e só páram quando já não houver peixe nenhum» — acrescentou.

Técnicos sanitários anunciam greve

Os técnicos auxiliares sanitários filiados no Sindicato dos Técnicos Paramédicos do Norte e Centro vão cumprir dois dias de greve, nas próximas segunda e terça-feiras.

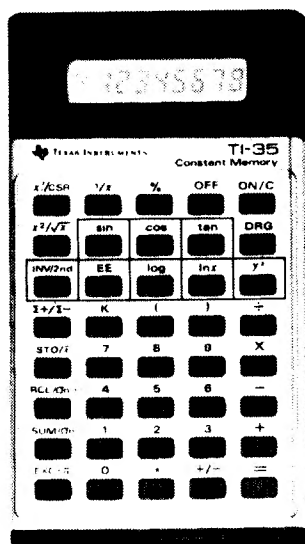
Em conferência de Imprensa, os dirigentes do Sindicato filiaram as razões da convocação da paralisação na «defesa intransigente de um enquadramento profissional correcto nos moldes da carreira dos restantes técnicos paramédicos».

«Temos conhecimento de que a Secretaria de Estado da Saúde, conforme projecto enviado, pretende aplicar ao sector uma carreira que não satisfaz minimamente os nossos anseios» — disseram os dirigentes sindicais.

«Esse projecto — acrescentaram — não tem em consideração a preparação técnico-profissional, nem tão-pouco dignifica a actividade fundamental dos técnicos auxiliares sanitários, no campo da saúde preventiva e da defesa da qualidade de vida da população».

Os dirigentes do Sindicato disseram que a greve poderá continuar caso não seja publicada a nova carreira.

A estatística é apenas um dos nossos atractivos.



Muitas pessoas nunca chegam a precisar de mais do que uma simples calculadora. Mas muita gente precisa de calculadoras que façam algo mais.

A calculadora científica TI 35 da Texas Instruments poderá ser aquilo que procuram.

A flexibilidade da memória constante aliada às funções estatísticas permite cálculos de estatística rápidos e simples, como por exemplo desvios médio e padrão

Os dados ficam armazenados, mesmo quando se desliga a calculadora, e podem ser corrigidos sempre que necessário

Tem 54 funções de cálculo, incluindo logaritmos, factoriais e trigonometria. O sistema de operação algébrica permite-lhe a introdução

de cálculos pela ordem em que são escritos.

O teclado é simples e claro. Extra-fina, ajusta-se perfeitamente ao seu bolso.

No entanto, uma das melhores características não está à vista: a sua alta qualidade

A TI 35 criou uma reputação em que você tem de confiar. E esse facto quase que é razão suficiente para a comprar. A Texas Instruments dispõe de uma extensa rede de fabricação e assistência em todo o mundo. Qualquer problema é, regra geral, resolvido rapidamente e sem perda de tempo.

Proporcionamos melhores resultados.

TEXAS INSTRUMENTS

DATSUN

BI-CAMPEÃO NACIONAL DE RALIS 1980/1981

SANTINHO MENDES/FILIPPE LOPES, em DATSUN, já com o título de Campeões Nacionais de Ralis assegurado — o que acontece pelo segundo ano consecutivo — sagram-se Vencedores Absolutos do Rali do Algarve, última prova do Campeonato Nacional de Ralis de 1981.

FIGUEIRA DA FOZ, FUTEBOL CLUBE DO PORTO, ROTA DO SOL, S. MIGUEL-AÇORES, MADEIRA (GRUPO II), DOURO SUL (GRUPO II), SERRA DA ESTRELA E ALGARVE, foram as etapas vitoriosas dos Campeões Nacionais: **A ESTRADA DO ÊXITO DATSUN**



ENTREPOSTO

CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS



pessoas & factos



Candidato português ao prémio do 'Melhor Museu do Ano'

A Casa-Museu dr. Anastácio Gonçalves é este ano o candidato português ao prémio de «O Melhor Museu do Ano», atribuído por um conjunto de individualidades de diversos países europeus e suportado este ano pela Fundação de Caridade da Arthur Andersen & Co, uma firma internacional de profissionais de auditoria, assessoria fiscal, assessoria em sistemas de informação de gestão e formação profissional, com escritórios em todo o mundo incluindo Portugal.

Os 29 candidatos ao prémio deste ano estão espalhados através de toda a Europa, do norte da Noruega e Chipre e do Oeste da Irlanda a Portugal, sendo o prémio entregue em Estocolmo.

A Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves foi visitada recentemente pelo presidente da Fundação Nacional de Caridade do Reino Unido, John Letts, pelo responsável da representação da Arthur Andersen & Co, David Sargison, acompanhados pela dr.ª Margarida Marques Matias, directora do Museu.

Mobiliário português premiado em Valência

A representação portuguesa do sector de mobiliário que pela primeira vez, por iniciativa do Fundo de Fomento de Exportação esteve na Feira Internacional do Móvel de Valência, foi galardoada com a «Cadeira de Prata», atendendo à qualidade e presença dos produtos apresen-

tados.

Este troféu, símbolo da Feira de Valência, é um troféu raras vezes atribuído e destinado a premiar representações que, no seu conjunto, trazem ao certame um alto interesse comercial, não só em qualidade como em «design».

Quadros superiores de McCann-Erickson de Portugal e Espanha reuniram em Portugal

A situação actual e futura da publicidade em Espanha e Portugal, bem como o desenvolvimento de novas técnicas com a utilização por satélite, foram alguns dos temas tratados no seminário anual de quadros executivos superiores da McCann-Erickson de Portugal, que decorreu num hotel de Lisboa e nas instalações daquela agência.

A reunião presidiu, Alfredo Garcia-Valdes, presidente da

Agência Abreu premiada nos EUA

A edição americana da revista de turismo «Oro Verde», elegeu a Agência Abreu como a firma que em 1980 mais se distinguiu nos sectores do turismo e da hotelaria.

A entrega do Troféu Internacional de Turismo e Hotelaria, terá lugar em Miami Beach, no próximo dia 30, no decorrer de um jantar de gala a que assistirão autoridades turísticas, representantes diplomáticos estrangeiros e personalidades do mundo económico e cultural dos EUA.

Ciclo de reuniões no BESCL

O BESCL está a promover, até ao dia 20 do corrente, um ciclo de reuniões em Lisboa, Coimbra e Porto, no qual participam os responsáveis pelos departamentos mais directamente intervenientes na actividade financeira e comercial do Banco.

Nessas reuniões têm sido analisados, de forma integrada, todos os factores componentes do orçamento global para 1982 e traçadas as linhas mestras que orientarão o plano de actividade para o próximo ano.

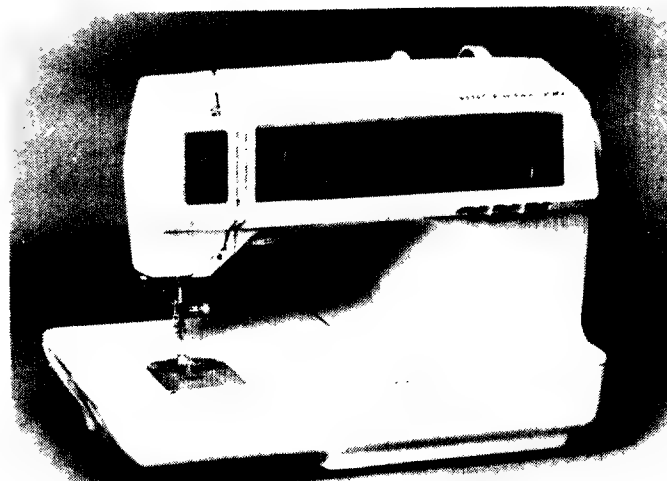
Centrel alarga o âmbito das suas delegações em Angola e Moçambique

Na sequência da visita de uma missão da Centrel à República Popular de Angola e à República Popular de Moçambique, em que foi constatado não conseguirem as delegações daquela empresa responder às necessidades e aquilo que as autoridades angolanas e moçambicanas esperam, a administração da Centrel decidiu reestruturar aquelas delegações de modo a darem uma resposta capaz às necessidades e realidades daqueles dois países, tendo em vista os planos de desenvolvimento presente e futuro em viabilização e as potencialidades e perspectivas no domínio das telecomunicações e electrónica.

Deste modo, a delegação de Angola funcionará com a categoria de Direcção, englobando serviços administrativos e financeiros, marketing, comunicação pública, comunicação privada, rádio transmissão e projecto de micro-ondas.

Por sua vez a delegação de Moçambique foi elevada à categoria de Departamento, funcionando com serviços administrativos e financeiros, marketing, e serviços técnicos de comunicação, electrónica e instalações.

Empresa de capitais e tecnologia 100 por cento nacionais, a Centrel, projecta-se assim em dois mercados de importante futuro do continente africano, ao mesmo tempo que poderá desenvolver uma cooperação relevante no campo da tecnologia, ajudando ao desenvolvimento desses países.



Electrónica já chegou às máquinas de costura

A Singer lançou, para celebrar os 130 anos da sua fundação, uma máquina de costura electrónica inteiramente nova, que representa a geração futura no campo das máquinas de costura, incorporando muitas características só possíveis pela aplicação de uma avançada tecnologia electrónica.

Esta máquina foi concebida para todos os níveis de experiência, desde o principiante ao mais avançado e o seu controlo é agora tão fácil e perfeito que toda a concentração pode ser dada exclusivamente à operação de coser, dado que a regulação da máquina se faz electronicamente.

a paladraq com...

Mário Murteira



O Outono do nosso descontentamento

Em 1979, o grande peso da situação económica nacional dos últimos anos — o desequilíbrio da balança de pagamentos — parecia vencido e, com essa vitória, talvez os sacrifícios austeros dos anos de 77 e 78 saíssem justificados. Em 1980, a primeira gestão AD da política económica parecia também satisfazer muita gente: os salários voltam a aumentar o poder de compra (pela primeira vez desde 1975), a inflação parece finalmente subjugada, o consumo privado cresce alegremente... Enfim, a AD pode aumentar a sua representação parlamentar e instalar-se confortavelmente no poder, em boa parte, graças à política seguida pelo seu primeiro Governo.

Eis senão quando, tudo parece novamente comprometido em 1981: as exportações e o investimento murcham de novo, o défice externo volta às dimensões de 77, a inflação retoma o galope, o desemprego aumenta, o produto nacional estagna.

Como por outro lado, a terra prometida — isto é, a adesão à CEE — parece cada vez menos promissora, o horizonte económico apresenta-se mais uma vez autêntico, mas principalmente absurdo, inexplicado e inexplicável.

Na realidade, como dizia o meu velho amigo (jovem) Nuno Bragança, é indubitável que «alguém anda a enganar alguém». Como, porém e para quê?

Creio que o essencial do que consiste no seguinte: a crença de que a política de estabilização convencional pode resolver seja o que for das nossas reais e profundas dificuldades económicas. E isto é cada vez mais patente aos olhos de quem pretende efectivamente compreender o que se passa. Assim, leio no último relatório de conjuntura do Banco Português do Atlântico, datado do mês passado:

«Parece, assim, evidente que a superação da incompatibilidade entre equilíbrio externo e crescimento económico não poderá ser conseguida na esfera exclusiva das medidas de curto prazo de raiz predominantemente monetarista, alternando ciclicamente anos de estagnação com equilíbrio externo e anos de recuperação com agravamento do saldo exterior».

Quanto ao porquê, eu diria que está fora do alcance da política económica concebida e concebível pela AD (como do PS que antecedeu no governo e na realidade não adoptou, no essencial, modalidade diferente de diagnóstico e terapêutica) enfrentar a situação económica portuguesa com capacidade para solucionar os problemas mais graves em termos compatíveis com a existência de um Estado democrático. Para tanto seria preciso, por exemplo, confiar no sector público produtivo, na importância do mercado interno para dinamizar a actividade económica, na necessidade de diversificar resolutamente as nossas relações económicas externas, tomar a sério o planeamento económico... enfim, tudo orientações contrárias à ortodoxia em que acredita o economista não só conservador típico, mas também provinciano, tenha ele estudado na Holanda, na Grã-Bretanha ou nos EUA, tanto faz.

Quanto ao para quê, se não admitirmos que todos estão cegos ao nível de classe política no poder e dos seus aliados — hipótese não fundamentada e por isso perigosa — é crível que alguns pretendam extrair do deliberado agravamento da crise económica nacional o pretexto para a ruptura institucional com que sempre sonharam e que por outras vias têm também tentado. Explico-me melhor.

Num cabeçalho de jornal reaccionário — não sei se o Tempo ou o Dia — li um destes dias, como «explicação» da presente conjuntura económica, o seguinte título: «a factura do 11 de Março». Também poderia ser «a factura da descolonização» ou a factura das «greves comunistas», etc. O importante é convencer o cidadão médio que só poderá haver saída para a situação económica se o quadro democrático saído do 25 de Abril (que não é apenas político-formal mas também realizado a nível socioeconómico, em aspectos importantes na nossa sociedade) se esse quadro, dizia, for substancialmente alterado. A favor de quê, ou de quem? Naturalmente dos estratos da população portuguesa que mais interessados estiverem na «abertura» ao capital estrangeiro, que o próprio pro-

grama do actual governo considera explicitamente como o grande factor de modernização e progresso da economia portuguesa. (De certo modo trata-se de um atestado de incompetência passado à sua própria base social de apoio, mas cada um sabe de si).

Em tudo isto, arrisco-me a fazer uma previsão conjuntural a prazo bastante curto: não se afigura provável que a flagrantíssima fragilidade do actual governo resista simultaneamente aos conflitos de interesses que se avolumam na AD e às tensões resultantes do agravamento da situação económica, para além de alguns meses. Nessa hipótese parece difícil evitar o recurso a eleições antecipadas e seria o descrédito total do sistema parlamentar se o principal partido da oposição impedisse ou pretendesse impedir o facto, por impreparação para exercer o poder, confessada ou não.

A rapidez com que se fabricam pseudo «factos políticos» pela actual direcção política do país não ilude este panorama essencial: o vazio de um poder aparentemente estável e forte, pela maioria de que dispõe no Parlamento, na realidade duma confrangedora incapacidade de enfrentar os factos... reais que são os mais políticos de todos, creio eu.

Mas, em última análise, a conclusão talvez mais importante a tirar desta reflexão é a de que um partido de oposição que se pretenda efectivo candidato ao poder tem, desde já, de preparar séria e minuciosamente a sua política económica alternativa. E de forma tão credível e aberta quanto possível.

Que regime poderia resistir à sucessão alternada de bluffs no poder, numa conjuntura internacional tão difícil e perigosa em que é indispensável remar contra a maré, afirmar com vigor uma política nacional, designadamente económica, de objectivos precisos? E por mais que se grite contra os militares, é um facto político indiscutível da nossa história deste século que eles só intervêm quando os regimes políticos se liquidam e si mesmos. Teremos de assistir de novo a isso, antes do final deste século? Esperemos que não.

LICENCIADOS EM DIREITO

PARA FREQUÊNCIA DUM CURSO DE FORMAÇÃO DE MAGISTRADOS JUDICIAIS E DO MINISTÉRIO PÚBLICO, ENCONTRA-SE ABERTO CONCURSO DE ADMISSÃO AO CENTRO DE ESTUDOS JUDICIÁRIOS.

MAIS INFORMAÇÕES NO C. E. J. — Telef.: 87 47 13 ou 86 05 52.

LARGO DO LIMOEIRO — 1100 LISBOA

I Encontro sobre crédito à habitação e construção

Técnicos e construtores civis criticaram política governamental no sector

As enormes carências habitacionais do País e as sombrias perspectivas da evolução do crédito à compra de habitação própria e à indústria da construção civil marcaram o primeiro dia de trabalhos do Encontro sobre Crédito à Habitação e à Construção, promovido pelo Crédito Predial Português, Montepio Geral e Caixa Geral de Depósitos, que decorre até amanhã no Estoril.

Perante cerca de trezentas pessoas, entre as quais grande número de construtores civis, o antigo governador do Banco de Portugal, Silva Lopes, teve de enfrentar críticas à política económica seguida durante o ano passado, acentuando que se prometeu muita coisa que não podia ser cumprida e que se converteu a inflação apenas com o recurso à repressão dos preços. Em relação a este ano disse que tem havido muita inércia e que só agora é que parece que vão ser tomadas as necessárias «medidas difíceis de engolir».

Silva Lopes defendeu que era necessário aumentar a taxa de poupança, elevando as taxas de juro concedidas aos depósitos a prazo, até porque, actualmente, com uma inflação que avariou em 25% para os 12 meses deste ano (ao contrário dos 18 ainda ontem referidos por João Salgueiro), a taxa real de juro ronda os cinco por cento negativos. Esse aumento será fundamental para que o crescimento do crédito à habitação não seja afectado, mas para reduzir os riscos de que isso aconteça, disse, é também necessário que diminua substancialmente a parte do crédito interno absorvido pelo financiamento do défice do sector público administrativo. Refira-se que o relatório apresentado por Silva Lopes é datado de 20 de Outubro, sendo, portanto, anterior às restrições impostas à concessão de crédito à habitação e construção.

O ex-ministro das Finanças afirmou mesmo que seria necessário alterar a política adoptada em relação às bonificações de juros, porque «estas também se

pagam», acrescentou. Deste modo foi do parecer que com a aplicação de taxas de juro nominais mais elevadas aos compradores de casas, poderia haver mais dinamismo económico e uma maior equidade social do que aquilo que se consegue com taxas de juro artificialmente baixas que implicam necessariamente menores volumes de oferta de crédito.

Durante os períodos de debate, numerosos representantes das empresas de construção civil atacaram a política governamental em relação ao sector, afirmando que a indústria sobrevive em permanente dependência das estratégias flutuantes do Poder Central, não dispondo as empresas de um mínimo de tranquilidade para planear o seu desenvolvimento e fomentar a sua própria organização interna. Firmino Henriques, das Construções Amadeu Gaudêncio, disse que «as empresas voltam a estar confrontadas com uma estratégia de sobrevivência a qualquer preço e, as consequências que daí advirão para o conjunto da economia nacional em 1982, são fáceis de adivinhar».

Entretanto, sente-se um certo nervosismo não só no campo dos empresários presentes, como dos responsáveis pelas instituições de crédito promotoras do encontro. É que este foi programado no princípio do ano, muito antes de entrarem em vigor as actuais restrições ao crédito à habitação e construção que já foram severamente criticadas pelas associações de industriais da construção civil. E como não podia deixar de ser, os promotores do encontro sen-

tem-se de certo modo como bodes expiatórios da política governamental.

EQUIPAMENTO NAVAL SOVIÉTICO vai ser apresentado em Portugal no quadro de uma exposição da empresa Sudo-electro organizada pela Associação Soviética para o Comércio Externo, V/O Sudoimport.

A exposição vai ser tema da conferência de imprensa marcada pelo representante comercial da URSS em Portugal para logo à tarde.

JOÃO SALGUEIRO fala hoje na Televisão esperando-se uma exposição algo catastrófica sobre a situação económica portuguesa como pano de fundo preparatório das medidas excepcionalmente restritivas do Orçamento Geral do Estado/82.

O ministro das Finanças recebeu, ontem, a oposição para lhe traçar as linhas gerais do OGE que o Governo vai apresentar à Assembleia da República, tendo informado que o défice se situará na ordem dos 145 milhões de contos.

A propósito dessas audiências e do próprio projecto de OGE, Vítor Constâncio, que chefiou a delegação do Partido Socialista, criticou o alarmismo que o Governo tem procurado criar à volta das dívidas públicas externas do País. Constâncio criticou também determinados órgãos de Comunicação Social que têm sido eco daquilo que definiu como campanhas governamentais.

Adiantou que os valores apresentados para as referidas dívidas são calculados com base em projecções que considerou erradas, e que esse alarmismo tem

resultados profundamente negativos para o País e para o regime democrático.

Disse que a situação económica apresentada por João Salgueiro no decurso do encontro, efectuado no âmbito do estatuto da oposição, é a confissão do fracasso de dois anos do Governo AD e mostra «a incapacidade, incompetência e demagogia eleitoralista do Governo».

Salientou, neste caso a política seguida pelo Governo AD no ano de 1980, que considerou marcadamente eleitoralista, já que, disse, forçou a contenção dos preços de forma irreal.

O CONTROLO DE DIVISAS na fronteira portuguesa, para os chamados turistas de pé descalço será mesmo institucionalizado, segundo garantiu ontem o secretário de Estado Nandim de Carvalho.

O despacho respectivo que impõe a quantia mínima diária de 500 escudos que o turista deve trazer dará também instrumentos legais à Guarda Fiscal para fiscalizar na fronteira a quantia de divisas na posse dos turistas que inspirem dúvidas a este respeito.

A COMISSÃO MISTA LUSO-INDIANA, reunida em Lisboa desde terça-feira estudou novas listas de produtos para a diversificação das exportações bilaterais, tanto em matérias-primas como industriais.

Os chefes de cada uma das delegações da Comissão assinaram ao fim da tarde, na sala de reuniões da Secretaria de Estado do Comércio, um protocolo sobre as conclusões da sua primeira sessão de conversações.

Segundo dados oficiais

Balança externa brasileira tende a melhorar

A balança de pagamentos externos brasileira tende a melhorar, registando no mês de Julho um «superavit» de 92 milhões de dólares, segundo informações oficiais divulgadas pela Secretaria do Planeamento.

Essa melhoria traduziu-se no abaixamento do «deficit» acumulado que passou para 224 milhões de dólares nos sete primeiros meses do ano quando, em idêntico período do ano anterior, se tinha situado nos 2,3 bilhões.

Não obstante isso e ainda segundo as mesmas informações,

a entrada de divisas atingiu, até fins de Julho, 11,2 bilhões de dólares. Mas as necessidades em divisas para este ano poderão atingir os 14 ou 15 bilhões de dólares bastante acima das expectativas das autoridades monetárias, sobretudo devido às altas taxas de juro do mercado internacional (decorrentes das taxas norte-americanas) e que elevam o serviço da dívida pública brasileira.

Reduzidas as importações

O Brasil conseguiu reduzir as importações de certos viveres,

durante os nove primeiros meses do ano em curso, nomeadamente diminuindo de 11,8 por cento as importações de trigo — anunciou a «CACEX», organismo brasileiro encarregado da política de comércio externo do País.

Em 1981, o Brasil não teve necessidade de importar quantidades significativas de leite em pó e de feijão verde (alimentação de base no Brasil), ao contrário do que aconteceu em 1980.

Em contrapartida, e ao contrário das previsões governa-

mentais, foi obrigado a importar quantidades consideráveis de milho, arroz e carne, no mesmo período do ano em curso.

No que respeita às exportações dos cinco principais produtos agrícolas brasileiros — café, açúcar, cacau, soja e carne — as vendas brasileiras aumentaram apenas 3,3 por cento, em relação aos nove primeiros meses de 1980, tendo atingido um total de 5,49 mil milhões de dólares. Quanto às exportações de produtos manufacturados aumentaram 27 por cento.

Pirites alentejanas em causa

O projecto de exploração do jazigo mineiro Neves Corvo, em Portugal, é um «dos mais significativos» a nível europeu, opinou, o director-geral da Sociedade Coframines, um dos participantes franceses na operação.

Segundo Pierre Boisson, as reservas de metal (cobre, chumbo e zinco) existentes ultrapassam os três milhões de toneladas ultimamente calculadas.

Numa conferência de imprensa, Boisson, que deixou a Direcção da Coframines, Filial do estabelecimento público «Bureau de Recherches Géologiques et Minières» (Departamento de Pesquisas Geológicas e Mineiras), declarou-se «muito confiante» sobre o futuro de Neves Corvo.

Vão ser investidos 40 milhões de dólares (cerca de 2670 mil contos) para os trabalhos e estudos preparatórios desses jazigos, situados no Alentejo, cuja exploração deverá começar em 1986. Das 25 mil toneladas/ano iniciais, a produção de cobre deverá subir progressivamente até atingir as 50 mil toneladas.

A entrada em exploração do jazigo de Neves Corvo foi confiada a uma Sociedade criada em Junho de 1980, a Somincor de que a empresa estatizada EMMA detém 51 por cento do capital e as empresas francesas Coframines e Pennaroya, detêm, em partes iguais, 24,5%. A Coframines julga que os investimentos necessários para por a funcionar estes jazigos serão da ordem dos 300 milhões de dólares (cerca de 20 milhões de contos).

Governo faz marcha atrás

Mas enquanto os parceiros franceses revelam visível optimismo quanto à rentabilidade das pirites, o Governo actual tem manifestado dúvidas sobre o investimento a fazer, havendo mesmo quem o ponha em causa sem contempações.

Destas últimas posições governamentais foram, ontem, reflexo as declarações do ministro da Indústria, Bação Horta, ao partir para Londres em visita oficial.

Bação Horta considerou que o projecto «tem inconvenientes e riscos muito elevados» e que o aproveitamento integral das pirites alentejanas está a

ser analisado em todos os seus passos».

Depois de frisar que o secretário de Estado da Indústria fará em breve declarações sobre o assunto, Bação Horta disse que a medida recentemente tomada «não se trata de um bloqueamento do aproveitamento das pirites, mas de não embarcar de imediato num investimento de 30 mil milhões de escudos com uma tecnologia de resultados duvidosos».

Um dos mais significativos projectos a nível europeu

— dizem os franceses

Inconvenientes e riscos

muito elevados»

— garante Bação Horta

O ministro da Indústria considera que ainda não foi encontrada a forma de optimização com o interesse nacional, pois além da alternativa (tradicional) do projecto em causa, «que tem inconvenientes e riscos muito elevados», existem outras com as quais deve ser comparada visando a rentabilidade da extracção do minério.

Acrescentou não se poder confundir as pirites pobres de Aljustrel com o minério rico de Neves Corvo, que são realidades diferentes «que têm de ser conjugadas de forma mais rentável».

Salientou que a riqueza mineira das pirites alentejanas não está nem esteve em causa, mas que o seu aproveitamento pode e deve ser feito da forma mais rendosa e não, como poderia acontecer nesta fase, de maneira ruínoza para Portugal.

Câmara Municipal do Concelho de Oeiras

CONCURSO PARA CHEFE DOS SERVIÇOS MUNICIPAIS DE HABITAÇÃO

Está aberto concurso pelo prazo de 15 dias a contar da publicação do respectivo anúncio no «Diário da República» para o provimento do (s) lugar(es) acima indicado(s).

O aviso foi enviado para publicação no «Diário da República» em 26/10/81

As informações são prestadas na Secção de Pessoal.

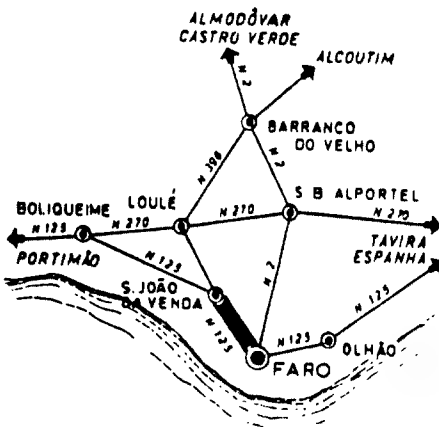
Oeiras, 27 de Outubro de 1981

O Presidente da Câmara Municipal,
João António Silva Ramos

JAE

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS REGIONAIS DE ESTRADAS DO SUL

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATACÃO DA EMPREITADA "PROGRAMA 1000S6 - CONSERVAÇÃO PERIÓDICA - REFORÇO DO PAVIMENTO COM BETÃO BETUMINOSO DO LANÇO DA EN125 - ENTRONCAMENTO COM A EN 125/4 A FARO (KMS 97,250 A 104,200) - EXT. TOTAL 6,95KMS



PREÇO BASE: - 71 000 000\$00

ONÇÃO PROVISÓRIA: - 1 775 000\$00

ALVARÁ EXIGIDO: - IV categoria e ou da 1ª subcategoria da IV categoria e da classe correspondente ao valor da proposta, tal como definida no artigo 1º do Decreto-Lei nº 310/80, de 19 de Agosto.

LOCAL, DIA E HORA LIMITE PARA ENTREGA DAS PROPOSTAS: Direcção dos Serviços Regionais de Estradas do Sul, Rua do Círculo nº 18 - 7000 - Évora, até às 15 horas do dia 14 de Dezembro de 1981.

LOCAL, DIA E HORA DO ACTO PÚBLICO DO CONCURSO: Direcção dos Serviços Regionais de Estradas do Sul, Rua do Círculo nº 18 - 7000 - Évora, pelas 14,00 horas do dia 15 de Dezembro de 1981.

LOCAL E HORÁRIO PARA EXAME DO PROCESSO: Direcção de Serviços de Conservação, na Rua Maria da Fonte nº 55, em Lisboa e Direcção dos Serviços Regionais de Estradas do Sul, na Rua do Círculo nº 18 - 7000 - Évora, dentro das horas normais de expediente a partir da publicação deste anúncio no Diário da República, por onde os interessados adquirir cópias dos elementos patentes, na reunião daquelas entidades, nos termos da legislação em vigor.

Evora, 23 de Outubro de 1981,

O ENCH DIRECTOR DOS SERVIÇOS

A) ANTONIO RODRIGUES PINHO

Estados do Golfo aprovam plano saudita de paz

Os dirigentes dos seis países do Conselho de Cooperação do Golfo aprovaram unanimemente o plano saudita para a paz no Médio Oriente, no final da cimeira de dois dias realizada em Riade.

Prometeram ainda apresentar formalmente o plano do príncipe herdeiro saudita Fahd na próxima cimeira árabe a realizar a partir do dia 25 em Fez, Marrocos.

No comunicado final saído dos dois dias de conversações, os líderes dos Emiratos Árabes Unidos, Arábia Saudita, Kuwait, Bahrein, Qatar e Omã sublinharam que «a segurança do Golfo é da exclusiva responsabilidade do seu povo» e rejeitaram qualquer presença estrangeira na área.

O comunicado acrescenta que os líderes do Conselho rejeitaram «tentativas de outras potências visando criar bases na área do Golfo, com o propósito de

ameaçarem a sua segurança e soberania».

O comunicado renova também «o absoluto apoio à luta do povo palestino para restaurar os seus direitos inalienáveis, incluindo o direito à autodeterminação e ao estabelecimento do seu Estado independente nas suas terras, sob a chefia da Organização para a Libertação da Palestina».

Acrescenta que o Conselho, depois de analisar a questão da cooperação militar entre os seus membros «decidiu convidar os ministros da Defesa a reunirem-se e a elaborarem um conceito militar integrado».

Só para tirar fotografias

Israel informou os Estados Unidos de que havia sobrevoado

o Nordeste da Arábia Saudita no princípio desta semana a fim de «fotografar a área», revelou o jornal «Maariv».

Esta foi a primeira notícia de que Israel admitiu ter sobrevoado a região.

Os militares israelitas têm-se recusado a confirmar ou desmentir uma queixa saudita que garantia ter interceptado um avião israelita junto da sua base de Tabuk.

Enquanto isto, o ministro israelita dos Negócios Estrangeiros, Yitzhak Shamir, considerou «lamentáveis» as declarações do presidente norte-americano acerca do plano de paz saudita.

Ronald Reagan disse numa conferência de imprensa que o plano de oito pontos contém o reconhecimento implícito do direito de Israel à existência, o que foi interpretado como uma acei-

tação parcial das propostas do príncipe Fahd.

Eleições na Síria

O Partido Socialista Baa ganhou as eleições parlamentares sírias, anunciou o ministro do Interior, general Nassereddin Nasser.

As eleições realizaram-se segunda e terça-feira. Os resultados finais, anunciados por Nasser numa conferência de imprensa, mostram que os baasistas ganharam, pelo menos, 60 por cento dos lugares.

O Partido Comunista Sírio, que concorreu separadamente da Frente Nacional Progressista, perdeu os oito lugares que detinha no Parlamento anterior.

Israel condenado

Por 119 votos contra dois e

dez abstenções a Assembleia Geral das Nações Unidas condenou o ataque aéreo de Israel a um reactor nuclear do Iraque no dia 7 de Junho.

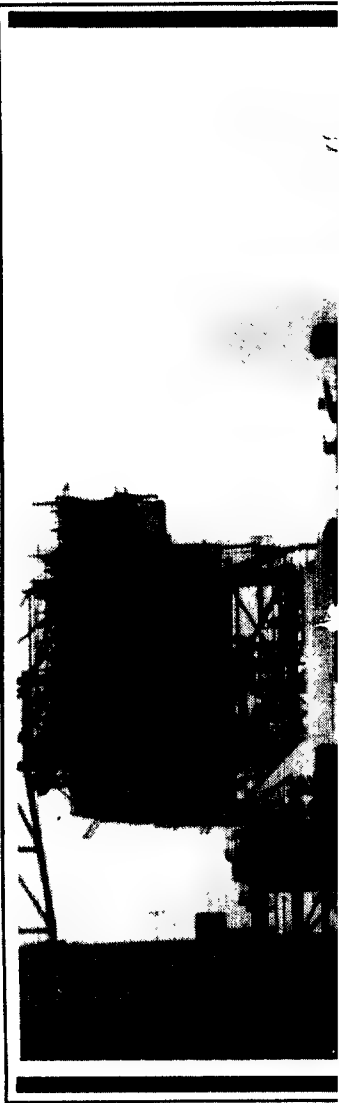
Os votos contra foram expressos por Israel e pelos Estados Unidos.

Na resolução apontava-se o ataque como uma «séria ameaça» para os projectos de utilização e desenvolvimento da energia atómica para fins pacíficos.

«O principal perigo»

O Kuwait considera que o «principal perigo» para os árabes vem de Israel e não da União Soviética, ao contrário do ponto de vista norte-americano, disse o primeiro-ministro daquele emirato.

Numa entrevista ao jornal de língua inglesa «Gulf Daily News», do Bahrain, o chefe de Governo e príncipe herdeiro, do Kuwait assinalou que merecem a rejeição do seu país «todas as políticas de eixos, alianças e alinhamentos».



Brasil

Figueiredo retoma Pr com o país «mais m

O presidente brasileiro, João Figueiredo, retoma hoje a presidência, após o acidente cardíaco que sofreu há sete semanas.

Segundo uma análise da agência DPA, João Figueiredo vai encontrar o país politicamente «mais maduro», devido à actuação do vice-presidente Aureliano Chaves.

A actuação de Chaves, o primeiro presidente civil do Brasil nos últimos 18 anos, caracterizou-se pelo fortalecimento do poder legislativo, pela procura de soluções conciliatórias para as divergências políticas e de retorno à prática negociada entre os partidos e o Parlamento.

A DPA considera que a actuação de Aureliano Chaves na Presidência do Brasil foi caracterizada essencialmente por dois acontecimentos.

O primeiro está relacionado com a decisão de Chaves em enviar ao poder judicial a decisão sobre o caso de dois sacerdotes franceses ameaçados de expulsão com base na «lei dos estrangeiros».

Os padres são acusados de terem apoiado, em Agosto passado, as posições dos ocupan-

tes de terras, contra funcionários governamentais, na região amazónica de Araguaia.

Chaves actuou, neste caso, de forma contrária à do Presidente Figueiredo, quando em 1980 expulsou um padre italiano por atitude idêntica à dos padres franceses.

Segundo a DPA, a atitude de Chaves evitou o agravamento da tensão entre o Estado brasileiro e a Igreja, que tem apoiado, muitas vezes, as populações desfavorecidas contra a lei brasileira.

O outro caso prende-se com a recuperação de parte da autonomia do Congresso, num caso que poderia — segundo a DPA — ter levado ao seu encerramento, se João Figueiredo estivesse na Presidência.

Em Outubro, os cinco partidos da oposição aliaram-se aos dissidentes do Partido Democrático Social (PDS), apoiante do poder, para derrubar uma lei que favorecia o PDS nas eleições provinciais previstas para 1982.

A anulação da lei, conseguida por votação no Congresso, representou uma derrota para o poder político de Brasília.

Idênticas situações levaram o

Suaristas consideram

Plano de Calvo Sotelo «é anti-democrático»

Os planos de Calvo Sotelo para a superação da crise na UCD passam pela demissão de Rodríguez Sahagun e pelo afastamento do grupo de Adolfo Suarez do controlo do aparelho do partido, referiram hoje fontes governamentais.

Fontes próximas de Calvo Sotelo disseram que o primeiro passo pode ser dado na sexta-feira na reunião do comité executivo da UCD onde o presidente do governo conta já com a maioria dos votos.

No entanto pensa-se que nem tudo será fácil pois o grupo de Adolfo Suarez mantém-se intransigente nas suas posições e em confronto aberto com Calvo Sotelo e o grupo que o apoia formado pelos democratas-

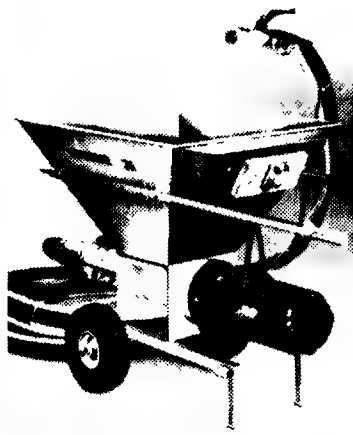
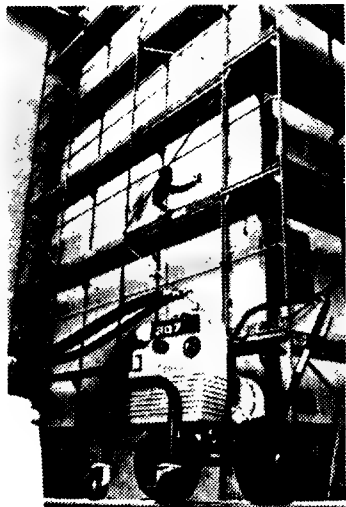
-cristãos e liberais e Martin-villistas.

Fontes do grupo suarista manifestaram quarta-feira à «ANOP» que a batalha está perdida, acusando Calvo Sotelo de «golpe de mão», antidemocrático.

A estratégia de Sotelo consistirá em propor na reunião de sexta-feira a retirada da confiança a Agustin Rodriguez Sahagun, actual presidente do partido, apoiado por Adolfo Suarez.

Outro ponto será provocar a reunião do conselho político em que Calvo Sotelo proporia uma candidatura de integração para os lugares-chaves com um programa de acordo, mas garantindo o controlo do partido.

Ganhe tempo e dinheiro na aplicação de tintas e texturados



COM EQUIPAMENTOS DE PINTURA E PULVERIZAÇÃO



Com o sistema de pintura de alta pressão, vulgarmente conhecido por sistema «airless», utilizado nos equipamentos Wagner, você não precisa de compressor para aplicar tintas com maior viscosidade. A sua aplicação é de melhor qualidade e a cobertura das superfícies mais rápida — menor custo por m² pintado.

Pode aplicar, duma só vez, uma quantidade de tinta oito vezes superior à dos sistemas convencionais!

Também para projecção de rebocos plásticos e de tintas texturadas de alto corpo, a Wagner oferece-lhe o equipamento mais adequado.

Os equipamentos Wagner, são compactos, de fácil manuseio e limpeza.

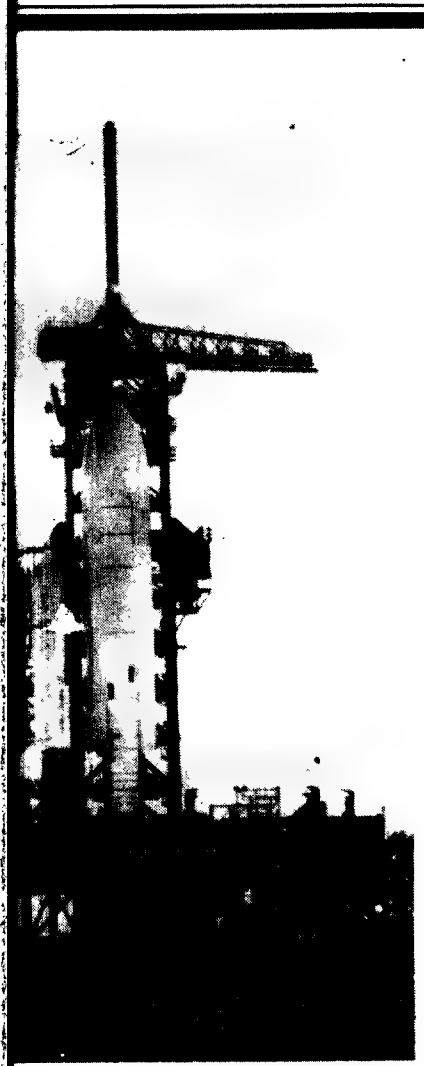
Modelos eléctricos, a gasolina e a Diesel.

Equipamentos Wagner — uma ajuda importante na indústria da construção civil e subsidiárias; nas obras públicas; na conservação de edifícios.

Contacte o nosso Departamento de Finishing em Lisboa ou Porto

Atlas Copco

WAGNER J. Wagner GmbH
Representada em Portugal pela Organização Atlas Copco



Vai-vém irá hoje ou não?

O vai-vém Columbia não partirá hoje à hora prevista e a NASA, que tomou esta decisão, não sabia sequer, esta madrugada, a que horas terá lugar o lançamento da nave para o seu segundo voo no espaço.

A culpa continua a ser do «quebra-cabeças» levantado aos técnicos pelos «multiplexores desmultiplexores», esses reles descodificadores, que fornecem a uma «central de informações» de bordo — a famosa «caixa preta» — todos os dados sobre o comportamento em voo do vai-vém, para que esta os retransmita para o Centro Espacial de Houston.

O lançamento do Columbia foi provisoriamente fixado para as 15 horas TMG pelos responsáveis da agência espacial americana. Mas ninguém esconde, em Cabo Canaveral, que este horário poderá não ser cumprido e que talvez seja necessário ainda

adiar o lançamento do vai-vém até aos limites da «janela de lançamento», isto é, até às 12 horas locais (17 horas TMG).

Entende-se por «janela de lançamento» o período durante o qual existem condições óptimas para que um veículo espacial possa desempenhar a missão que lhe é confiada. No caso do Columbia é preciso que seja dia no momento do lançamento, e que no final do seu voo de 5 dias, 4 horas e 10 minutos, a luminosidade seja suficientemente boa na Califórnia para que possa pousar em boas condições na base aérea de Edwards.

O optimismo não parece dominar em Cabo Canaveral, onde após horas de «briefings» entre especialistas do centro espacial John Kennedy e das firmas construtoras da nave, parece não haver consen-

Castro ao «Washington Post»

EUA que provem envolvimento de Cuba em El Salvador

Numa carta ao «Washington Post», ontem publicada, o primeiro-ministro cubano, Fidel Castro desafiou os Estados Unidos a provarem a sua alegação de que Cuba se encontra envolvida no conflito de El Salvador.

Incluída na secção da correspondência dirigida ao director do jornal, a missiva do líder cubano desmente informações veiculadas num artigo recentemente publicado no «Post» pelos columnistas Rowland Evans e Robert Novak.

No artigo em questão, dizia-se que Cuba enviara para El Salvador, a fim de se «envolverem directamente nos acontecimentos», entre 500 a 600 soldados de elite e estabelecia-se uma ligação entre a recente destruição de uma ponte estratégica no território salvadorenho com a presença do «alegado contingente de tropas».

Depois de assinalar que a secretaria de Estado norte-americana «se recusou a confirmar ou rebater estas notícias», Castro observa que esta sequência de factos constitui «mais um elemento da campanha em curso, há várias semanas», e durante a qual «foi alegado que

Cuba participou em fornecimentos de armas às forças revolucionárias salvadorenhas e enviou conselheiros militares para cooperarem com elas».

«O objectivo do truculento e absolutamente falso artigo dos senhores Evans e Novak foi reatar e ampliar a campanha iniciada há semanas e que mereceu a refutação de Cuba», escreve Fidel Castro.

O líder cubano diz que as notícias veiculadas pelos dois columnistas foram «oficialmente elaboradas pela Secretaria de Estado norte-americana e pelo seu titular, Alexander Haig, em Julho e Agosto» e constituem «mais um passo no sentido de criar uma plataforma para justificar as futuras acções que, como tem sido publicamente revelado, estão a ser preparadas contra Cuba pelo Governo dos Estados Unidos».

Pela segunda vez, lê-se na parte final da carta, «desafiamos o senhor Haig e o Governo norte-americano a darem-nos uma resposta sobre estas informações totalmente falsas e ainda estamos à espera dela».

O Departamento de Estado limitou-se ontem a repetir as suas acusações a Fidel Castro.

Após a retirada líbia

Violentos combates no Chade

«Violentos combates opõem actualmente as forças do Governo chadiano às tropas de Hissen Habre e do Sudão nas regiões de Iriba e Guereda, no Leste do Chade», anunciou ontem a agência líbia JANA.

Citando uma declaração do «Departamento Popular» (Ministério líbio das Relações Externas), a agência «manifesta a esperança de que as forças africanas consigam retomar estas regiões às forças de Hissen Habre e do Sudão».

Depois da «retirada total das suas tropas das cidades de Iriba e Guereda, a Líbia já não é responsável pela defesa destas regiões», acrescenta a

agência, que precisa: «As forças líbias que terminaram a sua missão continuam neutras em relação às diferentes tendências chadianas e não tomarão partido a favor de nenhuma destas e em detrimento de uma outra».

Interpretações

Observadores políticos de Beirute acham que o líder líbio Muammar Kadafi pretende, com a retirada, criar um vazio no Chade e provocar, com ele, novos confrontos armados para demonstrar a importância da presença líbia no país. Outros, porém, interpretam

o facto como um desejo do dirigente líbio de dispor de maior potencialidade militar, perante o receio de o seu país ser alvo de um atentado, enquanto decorrem as manobras conjuntas entre forças egípcias e norte-americanas.

Entretanto, encontram-se reunidos hoje, em Lagos, os ministros dos Negócios Estrangeiros da Nigéria, Zaire, Togo, BENIN, Guiné Equatorial, Senegal e Gabão, a fim de discutirem a formação de um corpo de paz para actuar no Chade.

Na reunião será decidido quem comandará o corpo de paz e em que data é que este seguirá para aquele país.

Em data por definir

Nova cimeira na Polónia em ambiente de crise

Uma nova cimeira tripartida entre a Igreja, o sindicato Solidariedade e o POUN pode vir a efectuar-se brevemente na Polónia, onde a situação social voltou a registar novos sinais de deterioração, uma semana depois do primeiro encontro entre o general Jaruzelski, Lech Walesa e o primaz Jozep Glemp.

O anúncio da nova reunião foi feito, terça-feira à noite, por Lech Walesa, em Oswiecim (antiga Auschwitz), durante um comício com os trabalhadores de duas fábricas de indústria química: «pode-se prever, para os dias mais próximos, nova cimeira tripartida, que seria mais frutuosa do que a primeira, a qual apenas constituiu simples tomada de contacto preliminar», declarou Walesa.

Entretanto a comissão do conselho de ministros encarregada dos sindicatos deu ontem o seu acordo de princípio para um encontro de trabalho com o Solidariedade, tendo por fim preparar as negociações previstas entre o governo e o sindicato sobre os principais problemas em suspensão.

Num comunicado publicado pela agência oficial PAP, a comissão não fixa, porém, nenhuma data precisa, e não se refere à proposta do Presidium da Comissão Nacional do Sindicato, para que tal encontro tenha lugar a partir de sexta-feira.

Por seu lado Stefan Olszowski, membro da comissão política e do secretariado da comissão central do POUN anunciou ontem numa reunião com os membros da secção de Legnica (Sudoeste do país) que um grupo especial vai elaborar proximamente um projecto de programa da frente de entendimento nacional, advogada pelo general Jaruzelski.

A agência «PAP» que dá a notícia, acrescenta que Olszowski precisou que esta frente nada tem de comum com a concepção dum governo de coligação sugerida «pelos extremistas do Solidariedade».

Olszowski anunciou, por outro lado, que a comissão política vai pedir a todos os filiados no POUN através dum inquérito sob a forma de questionário, que se pronuncie quanto à ideia desta Frente de Entendimento Nacional e o valor que lhe atribuem.

Referindo-se aos muitos focos de greve em curso no país, Olszowski repetiu as ameaças recentes do general Jaruzelski. «Nos últimos dias assistimos a um novo surto de tensão, a greves organizadas com premeditação» e que se verificam «infelizmente a seguir à cimeira tripartida» de quarta-feira passada. «Se o Solidariedade não se lhes opuser com decisão — disse — então será preciso recorrer a medidas jurídicas anti-greves, o que implicaria a limitação das liberdades civis».

Entretanto, a situação continuava ontem bloqueada no departamento de Zielona, Gora, onde 120.000 trabalhadores se encontram em greve desde há 23 dias. As negociações entre os grevistas e as autoridades, rompidas na segunda-feira, não puderam ser reatadas. Segundo fonte sindical local, as autoridades continuam a recusar-se a demitir o director de uma exploração agrícola local, que esteve na origem deste conflito, ao despedir um delegado do Solidariedade, que viria a ser readmitido pouco depois.

Idêntico impasse se regista nas minas de «Sosnowiec», perto de Katowice, onde 5.000 mineiros suspenderam o trabalho há duas semanas, depois de

seis dezenas deles terem sido obrigados a internamento hospitalar por terem inalado produtos tóxicos, espalhados à entrada das minas por desconhecidos.

O recuo dos grevistas parece tanto menos previsível quanto é certo que Lech Walesa — que desde há dias vem percorrendo a Polónia, para pedir a suspensão das greves e defender a concórdia nacional — já deu o seu «pleno apoio» à greve dos mineiros.

A estes dois conflitos persistentes vieram juntar-se novos focos de tensão: a região de Wroclaw (que engloba cinco departamentos do sudoeste polaco) esteve ontem privada de jornais, pela segunda vez consecutiva, devido à greve de 6.000 gerentes de quiosques de tabaco-jornais. Os gerentes — cujos rendimentos, assentes numa percentagem sobre as vendas, subiram bastante com os recentes aumentos de preços do tabaco — protestam contra as novas disposições legais que vieram reduzir estas recém-adquiridas vantagens.

Simultaneamente, também os meios estudantis estão a dar provas de grande descontentamento: a União Independente dos Estudantes, afecta ao Solidariedade, anunciou para hoje uma greve de ocupação de seis horas, em todas as escolas superiores e universidades da Polónia, no intuito de levar o Parlamento a aprovar imediatamente o novo projecto-lei sobre o ensino superior.

Por último, como mais um sinal da deterioração do ambiente, o Presídio do Solidariedade Rural, reunido em Varsóvia, na passada terça-feira à noite, anunciou que apoia sem reservas o movimento de 13 agricultores de Siedlce

Em Paris

Diplomata americano escapa a atentado

O encarregado de negócios da Embaixada americana Christian Addison Chapman, foi esta manhã alvo de um atentado na capital francesa, quando saía do seu domicílio e se preparava para entrar no «Plymouth» blindado.

Um desconhecido de rosto descoberto e envergando um blusão, esvaziou o carregador

de uma pistola 7/65 na direcção do diplomata americano, que, de imediato se protegeu atrás do carro, escapando ileso. O indivíduo pôs-se em fuga, não sendo capturado.

Segundo a Embaixada americana, o autor dos disparos aparenta ter trinta anos, usa barba e é de «tipo oriental».

Para além das funções de encarregado de negócios, Chap-

man desempenhava interinamente desde Dezembro de 1978 as funções de embaixador, quando titular do cargo, Arthur Hartman abandonou a capital francesa.

O novo chefe da missão diplomática americana em Paris, Evan Galbraith, nomeado pela administração Reagan deve chegar proximamente a Paris.

Segundo a «Stern»

Acusações a Brandt têm intuitos políticos

O dirigente social-democrata alemão federal, Willy Brandt qualificou de «puro disparate» as afirmações do jornalista norte-americano Jack Anderson de que ele teria trabalhado para a CIA ou o KGB — anunciou ontem um semanário de Bona.

Em duas colunas publicadas esta semana em cerca de mil jornais norte-americanos, Anderson afirma que Brandt trabalhou durante os anos cinquenta para os serviços secretos dos Estados Unidos ou da União Soviética.

O semanário «Stern» dedica na sua edição de ontem um grande artigo ao que qualifica de «campanha difamatória» contra Brandt declarando que em círculos próximos do ex-chanceler se considera que tal acção surge neste momento para abrir caminho aos democratas-cristãos, que aguardam o momento para assumirem o Governo.

CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO ANÚNCIO

SERVIÇO DE OBRAS

Faz-se público, de harmonia com a deliberação de 5 do corrente mês, que está aberto concurso para adjudicação do fornecimento de uma Pavimentadora.

As propostas devem ser entregues na Secretaria desta Câmara, até às 17.30 horas do próximo dia 17 de Novembro na sala de Sessões da Câmara Municipal do Barreiro, pelas 11 horas.

O programa de concurso e o caderno de encargos, estão patentes todos os dias úteis no serviço de Obras desta Câmara, a partir do dia 2 de Novembro, durante as horas de expediente.

Barreiro, 29 de Outubro de 1981

O PRESIDENTE

Helder da Silva Nobre Madeira

entrevista



Que o mundo isole por todos os meios o regime monstruoso do "apartheid"

Secretário-geral da SACTU ao "DL"

Na África do Sul está tudo simplificado: «blacks» são os oprimidos, «whites» os opressores. Esta situação em que opressores e oprimidos se distinguem desde a nascença e pelo simples aspecto físico, em que opressores e oprimidos se acantonam por toda a vida nas suas posições relativas, em que os oprimidos de ontem não podem nem sequer pela lotaria, pelo totobola ou por qualquer outro balúrdio da sorte, passar a opressores, fornece um quadro social que não carece de nenhum esforço de transfiguração para se transformar numa perfeita peça de teatro de absurdo. Todos os dias os jornais sul-africanos descrevem, com a maior naturalidade, esse absurdo. Numa página, escrevem que a URSS visa a conquista da África do Sul e que, para evitar o totalitarismo vermelho, todos os grupos raciais do país devem integrar-se no esforço comum de defesa do regime democrático. Na outra página, dizem que a África do Sul pode vir a ser um gigante económico, desde que o nível de vida dos brancos aumente 10%, o dos «coloured», 100%, e o dos negros, 300%. Mais adiante falam do progresso nas relações entre as raças, dizendo que doravante os proprietários dos clubes desportivos podem admitir o ingresso de desportistas coloured, depois de o governo ter liberalizado as anteriores disposições, evitando assim que as má-línguas internacionais caluniem a África do Sul, dizendo que naquele país as pessoas são discriminadas por motivos raciais... Em suma: esta realidade subsiste há muitos anos e, com todo o apoio que o Ocidente lhe confere, ameaça permanecer por muitos anos ainda. A torto e a direito, as pessoas gostam de citar Kafka. Para quê sermos tão literários? Citemos antes a África do Sul. Existe. Coexiste connosco. O sistema é esse: cada raça, cada destino. Mas contra o sistema existem organizações revolucionárias que expulsam o segregacionismo, o repelem e contra ele lutam. Clandestinamente. É o caso entre outras do Congresso Sul-Africano dos Sindicatos (SACTU), o primeiro organismo não racial coordenador de actividades sindicais fundado na África do Sul. Que é, como funciona, qual a força da SACTU — eis o que procurámos saber junto de John Gaetsewe e de Ilva Mackey,

vindos, como delegação da SACTU, ao nosso país, a convite da CGTP-IN, no âmbito da solidariedade da central sindical portuguesa para com o povo sul-africano.

No conjunto, existem na África do Sul mais de 200 mil trabalhadores «black» (negros, no sentido liberal, não brancos no sentido em que aqui utilizamos a palavra) filiados no SACTU e noutras organizações sindicais inspiradas pelos mesmos princípios. Certos sindicatos black têm existência semilegal. É o caso da FOSACTU — Federação dos Sindicatos da África do Sul, SAAWU — União dos Trabalhadores das Linhas Aéreas da África do Sul e CUSA — Confederação das União das África do Sul. A SACTU é clandestina, embora não tenha sido formalmente ilegalizada. Mas depois da vaga repressiva que se abateu nos anos 60 sobre os seus dirigentes e militantes, ficou provada a impossibilidade de essa central agir abertamente. Daí que a sua acção se processe hoje, através de contactos do exterior (países vizinhos), propaganda no estrangeiro, e, sobretudo, através das organizações que podem actuar à luz do dia (ou melhor dizendo ao crepúsculo...).

Apesar da repressão e dos vexames a que diariamente as populações blacks estão sujeitas na África do Sul, apesar de as entidades patronais não reconhecerem os sindicatos blacks como seus interlocutores, apesar de os blacks não gozarem de quaisquer direitos, o certo é que as acções de luta não param. Só em 1980 houve mais de 200 greves, que envolveram 175 mil trabalhadores. Este ano, até ao mês de Julho, houve 120 greves, nas quais entraram 60 mil trabalhadores.

Estas greves são coordenadas por várias centrais. Que razões para essas greves? As mais diversas. Por exemplo: salários mais elevados; legalização dos sindicatos black; solidariedade com outros trabalhadores em greve; protesto contra certos vexames a que são submetidos os trabalhadores, como serem revistados à entrada e à saída da fábrica...

Princípios

Quatro princípios essenciais norteiam a acção da SACTU: 1 — unidade de todos os trabalhadores, independentemente da cor, raça, crença ou sexo; 2 — organização dos trabalhadores sob esse princípio; 3 — reconheci-

mento de que não pode existir separação entre as exigências económicas e políticas; 4 — luta por uma sociedade democrática que aceite todos os povos que vivem na África do Sul — branco e black.

De acordo com estes princípios, a SACTU não limita a sua acção ao âmbito sindical propriamente dito. Coordena com as demais organizações patrióticas que lutam contra o «apartheid» as suas acções pela libertação da África do Sul. Em 1955, subscreveu com o Congresso Nacional Africano — vanguarda da luta — a Carta da Liberdade, cujo princípio fundamental aponta para a edificação de um futuro onde todos os sul-africanos (independentemente da cor, da raça, da crença, do sexo) vivam na plenitude dos seus direitos, nesse país que a todos pertence e a todos deve pertencer.

Se os trabalhadores são a vanguarda da luta da libertação, eles não podem travar esse

tivo, como o será a libertação da Namíbia.

As mentiras da propaganda

«Na África do Sul eu não podia estar aqui sentado consigo, porque eu sou black e você é branca» — disse-me John Gaetsewe, quando também eu condicionada pela propaganda de Pretória — lhe perguntei se era verdade que o «petty apartheid» estava a ser abolido.

«Petty apartheid» chama-se àquele conjunto de regras segregacionistas particularmente vexatórias e que só contribuem para irritar ainda mais os não brancos e para agravar a imagem já de si tão sórdida da África do Sul no exterior.

Para o meu interlocutor, o «petty apartheid» é uma simples manobra de propaganda. O «apartheid» mantém-se intacto. Intacta a negação de todos os direitos — ainda os mais elementares — aos black, que não têm direito de voto, que não têm di-



Incidentes do Soweto

combate sozinhos. Também não podem limitar o seu combate às fronteiras da África do Sul. Nesse país vivem e trabalham povos de Estados vizinhos, e, por isso, a luta de libertação também a esses deu respeito. Desde sempre que assim foi entendido, e, por isso, já em 1912, quando o Congresso Nacional Africano foi fundado, na sua constituição participaram democratas de outros países vizinhos.

Significa isto que as várias organizações de combate ao «apartheid» congregam a sua luta, em todas as frentes, sob todas as formas, com a integração de destacamentos não sul-africanos.

O combate contra o «apartheid» — que inclui a luta armada — tem de ser encarado também no contexto global da luta na África Austral. Nesse ponto de vista, a libertação das antigas colónias portuguesas foi um factor posi-

reito à terra, que não têm direito a viver nos locais onde trabalham, que auferem salários escandalosamente baixos e muito inferiores aos dos brancos, que não têm acesso a certas profissões, que recebem uma educação inferior, que só têm direito a entrar em hospitais, restaurantes, comboios, etc, etc, a eles reservados. Só por escárnio se pode, pois, dizer que uma coisa chamada «petty apartheid» desapareceu, quando tudo continua precisamente na mesma.

E o reconhecimento dos sindicatos negros?

Outra fraude do regime. É certo que os sindicatos negros foram convidados a «registrar-se», portanto a «legalizar-se». Mas em troca de quê? Da renúncia aos seus objectivos. Por isso, a maioria das organizações rejeitou essas propostas. Outras puseram como condição a abolição das «leis do passe» para se sindicalizarem. Mas a SACTU

fez uma acção de propaganda (clandestina, claro) por meio de panfletos distribuídos à população, demonstrando que um sindicato legal que não possa decretar greves, nem exigir maiores salários, nem lutar contra o «apartheid», é apenas uma forma de estender as mãos para se deixar algarimar voluntariamente.

A acção da SACTU não se esgota no interior da África do Sul. Mantém intensos contactos internacionais e assiste a conferências da Organização Internacional do Trabalho. Mantém relações com a Federação Sindical Mundial e todas as centrais nela filiadas. Também tem relações com centrais filiadas na Confederação Internacional de Sindicatos Livres (CISL) e na Confederação Mundial do Trabalho (CMT), embora não com essas organizações como tais. Através da SACTU, muitos povos e trabalhadores dão o seu contributo para a luta de libertação que se trava na África do Sul.

Duas vidas, um apelo, uma esperança

Quando John Gaetsewe nasceu estávamos a seis meses da Grande Revolução Socialista de Outubro. Quando Ilva Mackey nasceu faltavam oito anos para a derrocada dos impérios coloniais em África. E, no entanto, John e Ilva estão ligados por um destino comum: as prisões, as perseguições, a fuga, o exílio.

Sim, a juventude black tem cada vez mais consciência: Soweto não foi realmente um caso isolado. Sim, a unidade do povo black é cada vez mais forte, abrangendo todas as comunidades (os coloured, na terminologia oficial). Sim, há brancos que são contra o «apartheid», há jovens que conhecem as prisões do regime por se recusarem a integrar as fileiras do exército racista, sim, há cidadãos da minoria privilegiada que fazem campanha a favor da libertação de nacionalistas, como Mandela. Sim, o regime sul-africano está cada vez mais isolado no mundo, cada vez mais cercado na África Austral.

Mas a luta está muito longe do seu termo. Quanto mais cercado estiver o regime, mais feroz se torna. E o povo black não será libertado amanhã. Tem de pagar ainda muito pela sua libertação.

Os jovens de hoje prosseguem um combate que os mais velhos como John conhecem há muitos anos. Este John, nascido a 5 de Maio de 1917, guardador de gado, aluno numa escola de missionários, trabalhador, desde quase criança, desperto para a luta em Joanesburgo. Empregado numa lavanderia, inscreveu-se no sindicato e foi eleito delegado sindical em 1946. Nos Anos 50, escolheram-no para a direcção do Sindicato das Lavandarias. Em 1955 foi um dos membros fundadores da SACTU. Nesse mesmo ano foi um dos organizadores do Congresso do Povo, do qual saiu a «Carta da Liberdade». Participou nas campanhas dessa década; pela Carta, pela abolição da segregação nos empregos, pela fixação do salário mínimo diário de 1 libra, pelas 8 horas de trabalho diário e 40 de trabalho semanal pelo reconhecimento dos sindicatos black. Todas essas campanhas se saldaram pela derrota. Nenhum desses objectivos foi ainda alcançado.

Mas houve uma — em 1957 — que saiu vitoriosa: a «Alexander Bus Boycott» — uma autêntica luta de massas das populações black, que rejeitaram os aumentos de transporte exigidos pela companhia que fazia o trajecto

entre a pequena cidade de Alexander e os locais de residência dos trabalhadores.

Em 1962 foi preso. Esteve junto com Nelson Mandela na prisão de Pretória e juntos foram transferidos para Robb Island. Daí a um mês, Mandela (que estava condenado a uma pena de cinco-anos de cadeia) foi novamente para Pretória, para ser submetido a outro julgamento do qual saiu a sentença de pena de prisão perpétua.

Em 63, quando estava ainda na prisão, John foi eleito secretário-geral da SACTU. Daí a um ano era «libertado», isto é, saía da cadeia para ficar sob prisão domiciliária. Fugiu para a Zâmbia. Começou o seu longo exílio. Mas não cessou o seu combate: Inglaterra, Austrália, Nova Zelândia, Portugal, países africanos — por toda a parte tem viajado, dando a conhecer a luta do seu povo, em todo o lado repetindo o mesmo apelo.

A história de Ilva não é muito diferente. Nascida em 8 de Março de 1952, frequentou uma universidade para blacks na Cidade do Cabo. A expulsão de um estudante asiático (também black, como já explicámos) levou a uma greve de protesto, e a greve, por sua vez, conduziu Ilva para a expulsão... Entre 1971 e 1973 regista-se um período de intensificação da consciencialização dos black, e ela é uma das militantes da Organização dos Estudantes (SASO). Foi presa duas vezes. Depois de 1973, empregou-se na biblioteca de um jornal em Port Elizabeth. Entre 1973 e 1976 fez parte da Convenção do Povo Negro, o movimento de Steve Biko, barbaramente assassinado pelos seus carcereiros. Nessa altura, Ilva empenhava-se também num movimento de alfabetização de adultos. Quando do levantamento de Soweto, ela foi uma das protagonistas desses acontecimentos que fizeram estremecer o regime.

Presa durante seis meses, voltou para a cadeia por duas vezes em 1977. Depois da morte de Steve Biko, conheceu novamente as prisões do «apartheid», e, por fim, fugiu do país, tendo-se alistado no Congresso Nacional Africano. Aderiu em 1979 à SACTU e é secretária da organização em Londres, onde vive. Tem participado em muitas conferências em países europeus e africanos.

John e Ilva: separados por 35 anos, separados por séculos de história (o nascimento do socialismo, a libertação do continente africano), irmanados, no entanto, por um destino idêntico — a luta contra um regime que permanece, como se a história se detivesse, recessa, nas fronteiras desse bastião da desumanidade.

E porque estão irmanados por esse destino, é dos dois o apelo e a esperança. O apelo feito a todos os povos do mundo para que auxiliem a luta dos sul-africanos, para que isolem o «apartheid» militarmente, culturalmente, economicamente, para que lutem pela libertação dos presos políticos, para que, de fora, deem todo o contributo possível àqueles que lá dentro oferecem a vida em troca do direito de ser homens.

É dos dois também a esperança. A esperança de que a Organização da Unidade Africana, agora que a descolonização abrangeu já a quase totalidade do continente, concentre cada vez mais esforços para contribuir, com todo o ânimo, para o fim da monstruosidade Kafkiana que é o «apartheid».

Alice Nicolau

JUNTA DE FREGUESIA DA BRANDOA CONCELHO DA AMADORA

HORÁRIO:

Das 18 horas às 21 horas.
Todos os dias úteis, podendo alargar-se a outras horas durante sábados e domingos.

ADMITEM-SE:

- 1 — Professor de Ginástica
- 2 — Animadores Desportivos

INSCRIÇÕES ABERTAS

Até dia 20 de Novembro de 1981.

PRECISAM-SE

Engenheiros Agrónomos
Engenheiros Técnicos Agrários
Agentes Técnicos Agrícolas

Com conhecimentos das culturas de algodão e tabaco para trabalhar em ÁFRICA por um período de 2 anos.

Resposta a: TRADINGAL
R. Portugal Durão, 7-1.º F
1600 LISBOA

exclusivo

A SITUAÇÃO
NO LÍBANO
(3)

Yasser Arafat:

“O único perigo para o mundo árabe vem dos aviões dos EUA”

Alberto B. Mariani

QUANDO o jornalista Alberto B. Mariani fez a entrevista que a seguir publicamos com o dirigente da OLP, Yasser Arafat, o mundo árabe encontrava-se numa situação muito diferente da actual, prova de que nessa zona explosiva do mundo os grandes acontecimentos de hoje são os pequenos factos a esquecer, dada a extrema flutuação das circunstâncias políticas que ali reinam. Na altura a grande chicotada tinha sido o bombardeamento por Israel da central nuclear iraquiana de Tamuz. Sadat continuava vivo, embrenhado nas suas esperanças de paz ilusória com Israel. Ainda a Arábia Saudita andava preocupada com a indecisão do Congresso americano sobre a sua aquisição da «última novidade» em gadgets bélicos de grande aparato: os AWACS. O plano Fahd era ainda uma hipótese remota. No entanto, as grandes linhas do problema árabe-israelita permanecem. Os grandes princípios das alianças regionais mantêm-se de pé. Por isso, consideramos que, embora pontualmente desactualizada, esta entrevista com Yasser Arafat não perdeu ainda a sua importância.

P. — Sr. Arafat, na sequência do ataque israelita ao centro nuclear iraquiano de Tamuz e a despeito de todas as querelas existentes no mundo árabe, V. empenhou-se, por acordo com o coronel Qathafi numa difícil missão diplomática: nomeadamente tentar recuperar a todo o preço a unidade árabe face a Israel.

Qual o ponto da situação?

R. — Depois da série de entrevistas que tive com o irmão coronel Qathafi, fiz uma rápida viagem pelos países árabes. O objectivo dessas visitas e dessas discussões foi encontrar, custasse o que custasse, uma resposta árabe, global e unificada, à altura do novo desafio sionista com o qual nos defrontamos actualmente. Ninguém pode ignorar o desafio histórico e estratégico que está em vias de esfratar a nação árabe. A segurança dos Estados Árabes está, depois dessa operação, inteiramente ameaçada e posta de novo em questão. O raid aéreo contra o centro nuclear de Tamuz não é senão a prova de que existe um complot muito mais vasto e que o que aconteceu no Iraque não passa de uma operação simplesmente foi executada por elementos israelitas. Não há dúvida possível! Digam o que disserem em Washington, é claro que esta operação só pôde realizar-se graças à cumplicidade, à participação e à planificação americana.

P. — Donde tira essa conclusão?

R. — Nesta operação, foi empregado armamento americano

do mais sofisticado, e isso, apesar do acordo de 1952 sobre venda de armas americanas a Israel. Esse acordo proibiu Israel de usar as armas vendidas pelos Estados Unidos em operações ofensivas... mas, até agora, ninguém em Washington denunciou a violação. Muito pelo contrário, o presidente Reagan afirmou muito simplesmente a 16 de Junho passado, que «Israel tinha razões para se inquietar...». E isto não é tudo. As recentes declarações do chefe do serviço de informações militar israelita, general Yeoshoua Sagui, confirmaram as nossas suspeitas. Nessas declarações deixou praticamente subentender a cumplicidade e a convivência existentes entre israelitas e americanos nessa operação. Depois, não há lugar para dúvidas: o acordo e a decisão conjunta EUA — Israel traduziram-se na acção perpetrada em Tamuz.

P. — O elemento mobilizador que constitui o raid israelita permitiu talvez uma reviravolta espectacular e inesperada nas relações entre Marrocos e a Líbia, mas a parte o facto de o Iraque, vítima do ataque israelita, ter já recusado seguir a União Soviética e os mais radicais países árabes na exigência de sanções, como pode esperar conciliar os antagonismos irreductíveis que existem, por exemplo, entre Rabat e Argélia, entre Trípoli e Cartum e entre Damasco e Bagdade?

R. — É essa precisamente a pergunta que se põe à nação árabe. É a questão principal e, no fundo, não se trata apenas de uma questão: é um desafio de civilização... É «to be or not to be»... (ser ou não ser). De facto, já não se trata apenas da ameaça e das agressões de Israel contra os acampamentos palestinos; do terrorismo a que está submetido o povo palestino, ou da tentativa de liquidação da resistência palestina. Trata-se muito simplesmente, da ameaça, das agressões, do terrorismo e da tentativa de liquidação que o Estado de Israel e os Estados Unidos se preparam para perpetrar contra toda a nação árabe. É por isso que reclamamos uma cimeira árabe muito urgente e muito rápida. Não se tratará de uma simples reunião ao nível dos ministros dos Negócios Estrangeiros como a que se reuniu em Bagdade, mas de um Conselho de Defesa árabe que reagrupará os ministros dos Negócios Estrangeiros e os ministros da Defesa. É o que exige rapidamente e imediatamente.

P. — Então, os árabes preparam-se para a guerra?

R. — Decidiremos em conjunto as medidas a tomar, mas acredite-me: a breve ou a longo prazo, Israel e os Estados Unidos vão pagar o preço desta atitude intransigente do sionismo internacional: os Estados Unidos pagarão o preço da sua atitude

hostil; Israel pagará o preço da sua atitude agressiva. Não se pode remar contra a corrente da História. Não se deve permiti-lo. Eles não vão poder impor tudo pela força: o que aconteceu ao poder americano no Vietname?

O que aconteceu ao poder e à presença francesa na Argélia? Em que é que se tornou o império britânico? E a Hitler, que aconteceu? Que traços deixou Átila? É isso o que a Europa deveria compreender... o que o Ocidente deveria perceber... Nós somos uma nação com um passado, uma herança e uma história. E vocês na Europa, vocês são os que melhor conhecem esta verdade. Com vocês partilhámos, no decorrer dos séculos, muitas coisas. Através do tempo, através dos séculos, chegámos ao vosso continente. Partilhámos história e civilização. E posso assegurar-lhe que os que têm uma história, uma civilização e um passado não receiam o futuro. E além disso, não acha que a perca maior nesta operação de Tamuz possa ser, muito simplesmente, para a economia europeia? Qual o significado desta operação? Bom, é que a indústria e a tecnologia europeias são também vulneráveis e submissas às decisões do sionismo mundial.

P. — O novo presidente francês, François Mitterrand, não parece ser da mesma opinião.

R. — Ele distinguiu entre os dirigentes israelitas, que censura, e o Estado de Israel que não quer sancionar. O novo ministro dos Negócios Estrangeiros declarou ainda recentemente que: «a OLP é um dos representantes do povo palestino mas não o único». E, finalmente, com Giscard ou Mitterrand, a França continua a recusar receber-vos oficialmente. Que diz a isso?

R. — Os franceses é que devem julgar... Em todo o caso, as Nações Unidas dizem que a OLP é o único representante do povo palestino e quem quer que afirme o contrário apenas se opõe à legalidade internacional. E posso assegurar-lhe que somos os representantes legítimos do nosso povo, quer os responsáveis franceses o reconheçam quer o neguem! Cento e dezasseis Estados do mundo reconhecem-nos: não é suficiente? O mundo tem que compreender que não somos apenas os legítimos e únicos representantes do povo palestino; somos o povo palestino. François Mitterrand poderá ignorar esse facto? Poderá não ter em conta os interesses da França e da sua indústria? Há uma pergunta a que a França deve responder: a indústria, a tecnologia francesa no mundo, estão protegidas ou são vulneráveis? A indústria e a tecnologia europeias são autónomas ou, pelo contrário, estão à mercê das variações de humor

dos dirigentes israelitas? Os países europeus estão submetidos à chantagem ou possuem liberdade operacional? Estamos à espera que nos respondam!

P. — Voltando à nossa questão central e, apesar da sua opinião sobre a atitude dos Estados Unidos na questão de Tamuz, não lhe parece que a missão do enviado especial americano ao Médio Oriente, Philip Habib, terá, apesar de tudo, impedido de momento, a confrontação directa entre Israel e a Síria?

R. — Oiça. Penso que a digressão e «as andanças» de Philip Habib, depois do ataque a Ta-



muz, foram simplesmente ridículas... Antes de falar dessa missão, seria melhor falar dos outros «enviados especiais» que vieram coordenar com os israelitas a operação e a agressão ao centro de Tamuz. Bem vê: por um lado, os americanos enviam-nos Philip Habib para anestesiar a Nação Árabe e, por outro, enviam a sua tecnologia mais moderna, os peritos mais preparados e os enviados militares mais eficazes para nos agredir, para nos humilhar e reduzir ao silêncio toda a oposição à sua política. A crise dos mísseis é apenas uma desculpa... para melhor nos agredirem. Na verdade, não há perigo soviético na região, como diz o general Haig. O único perigo para a região é o que vem dos aviões americanos pilotados pelos israelitas.

P. — Se a crise dos mísseis continuar de momento sem saída... Isso não quer dizer que nos possamos regozijar com o que se passa actualmente no Líbano. A situação, quer em Beirute quer em Zahlé, continua a acusar novas degradações e as violações cada vez mais frequentes do cessar-fogo deixam prever, para além do optimismo dos dias passados, que as diligências de normalização empreendidas pelos países árabes estão, muito simplesmente, votadas ao fracasso. Que pensa disso?

R. — No que respeita à concórdia civil libanesa, estou ex-

tremamente optimista. Há um projecto que o presidente Sarkis está a preparar e, segundo as informações que tenho sobre o assunto, parece que as divergências dos partidos relacionados com esse projecto são mínimas. Pelo contrário, o problema continua a ser o de Israel. Aguardamos, de um momento para o outro, uma vasta operação militar israelita na região. Fortes concentrações militares foram recentemente notadas próximo da fronteira no sector oriental do Sul do Líbano. Mas não se fie nisso. Há 17 anos que eles prometem aniquilar-nos, destruir-nos... darem-nos o golpe fatal... Somos aquela noz muito difícil de partir. Somos como uma esponja: quando nos

tico em que muçulmanos, cristãos e judeus exerçam conjuntamente a sua autoridade.

P. — Propõe hoje o que em 1943 o governo britânico previra já no seu «livro branco»... Porque volta a propô-lo hoje?

R. — Nessa época os britânicos propunham ao povo palestino que se resignasse a perder os seus territórios nacionais... e apesar da nossa recusa e da nossa luta, que se arrasta desde 1943, só podemos constatar uma triste realidade: 60 por cento do nosso povo encontra-se na periferia do seu solo nacional e 40 por cento encontra-se sob domínio militar. Que podemos fazer? Em 1974, apresentei dois projectos de solução: o do Estado palestino democrático, no qual coabitariam judeus, cristãos e muçulmanos em igualdade, fraternidade e justiça, e um Estado palestino em todas as parcelas do nosso território que será libertado ou evacuado. Infelizmente, até agora, os dois projectos apresentados não foram aceites. Que alternativa nos propõem os nossos adversários? Ainda mais terrorismo, ainda mais confiscação de terras, ainda mais torturas nas prisões, ainda mais expulsões de irmãos do solo nacional. É isso que nos propõe o nosso adversário, a escravatura!

P. — E contudo, o estabelecimento de um regime transitório na margem ocidental e em Gaza é mesmo mencionado nos acordos de Camp David. Porque não o aceita?

R. — Camp David para nós significa a escravatura. Que nos dá Camp David? Uma autonomia... administrativa? Nem sequer as fontes ficarão sob o nosso controlo! Dê-me um só exemplo de uma aldeia do mundo que não detenha o controlo das fontes onde mata a sede... e talvez nós reconsideremos a nossa posição a esse respeito.

P. — Mas como se pode apagar a realidade... o «statu quo» israelita... como pode recusar-lo, negá-lo e não o considerar nas vossas reclamações?

R. — É sempre à vítima que se exigem concessões. Será tudo isso legítimo? A partir de que critério nos exigem isso? Há quatro milhões de palestinos, por que razão os israelitas teriam o direito de os apagar da superfície da terra e de os expulsar do mapa nacional? Porque se vê sempre a questão pela óptica israelita? Nós estamos no direito de pedir à consciência mundial que veja a crise pela óptica da vítima, mas como sabe, nós, palestinos, nós somos também extremamente pacientes. A história lá está para lho confirmar. Os romanos vieram para a nossa terra e ocuparam-na. Qual foi a nossa resposta? Enviámos-lhes uma única pessoa: um pescador. Pedro! Não dispunha de exército, não era soldado, não ocupou Roma pela força. Só que: conquistou Roma e o coração dos romanos!

P. — Todas as indicações que acaba de nos dar convergem para o mesmo ponto: a confrontação armada! Mas além da guerra, qual seria a sua solução para o Médio Oriente?

R. — A resposta é simples: a legalidade internacional, as resoluções da ONU. Israel pode dizer não a essas resoluções e pode pôr ao serviço da sua intransigência o armamento dos Estados Unidos mais aperfeiçoado, mas não pode ir contra o mundo inteiro para todo o sempre. As pessoas que governam Israel utilizam os judeus como munições dessa guerra inútil. Mas esses novos nazis, esses verdadeiros terroristas, que detêm as rédeas do poder desse país, nada podem esperar: o seu destino é a derrota!

P. — Numa palavra, propõe então a destruição do Estado de Israel?

R. — Nós propomos a criação de um Estado palestino democrá-

DESPORTO

Imagine o leitor: na mão, convite do Governo da República Federal da Alemanha para uma visita de informação subordinada ao tema «A formação desportiva e o fomento do Desporto na RFA». Proposta em que participou pequeno grupo de jornalistas especializados em desporto, de várias nacionalidades.

Um só português na viagem (o representante do «Diário de Lisboa»). No mesmo bloco, entregues aos mesmos guias e cumprindo programa idêntico, dois jornalistas sul-americanos de alto gabarito: Manuel Doria Martinez (de «La Prensa», de Lima, Peru) e Bernardo Nuñez Bustamente (do Panamá), a que se juntou, por breve espaço de tempo, o prof. Carlos Martinez Plata (subdirector de Centros de Educacion Física y Desporte, do México). Um grupo que teve, ao longo da bela estada em terras germânicas, a presença magnífica de guias que se suplantaram para que os visitantes ficassem, a nível desportivo como social, perfeitamente identificados com a actualidade da Alemanha Federal: falamos de Barbara Schander, Renate Forster, Stephan Heirich, Ilse Wallner e Elizabeht Scherber, todos da Inter Nations, cada qual a exceder-se em simpatia e mérito.

Foram duas semanas em que o cartaz de visitas e entrevistas mal permitiu um minuto livre: os jornalistas convidados pela RFA estiveram em Frankfurt, Offenbach, Darmstadt, Bonn, Colónia, Bad Godesberg, Koblenz, Linz, Berlim, Plotzense, Spandau, Weding, Mohabid, Zehlendorf, Munique, Neaubing, Nymphenbourg, Feldmoching, Ober Schleissheim, Garmisch, Ettal, Linderhof, Oberammergau, no Lago de Ettal como descendo o Reno. Inclusive houve oportunidade para um passeio a Berlim-Leste.

No caso vertente do jornalista do «DL», já com 24 estadias na República Federal da Alemanha, bem poderá dizer-se que a viagem acabou por ser o primeiro verdadeiro e integral encontro com o Desporto, praticado e programado, defendido pelas leis e respeitado pelos governantes. Um Desporto totalmente virado para o futuro, sem descurar o momento actual ou desperdiçar qualquer ensejo de manter o nível geral de um Povo, da meninice à terceira idade. Começamos a contar o que vimos.

RFA: um país virado para o desporto(1)



NEVES
DE SOUSA
nosso
enviado
especial

Desde o «Trimm» (desporto para todos) ao colégio modelo em Bad Godesberg, das piscinas para deficientes (em Weding) à escola para meninos cegos (em Nymphenbourg) foi toda uma longa etapa para ver, conhecer e admirar. Estamos perfeitamente à-vontade e a garantir: pode demorar mais uma década, ou talvez não, mas a RFA estará mesmo colocada na fila cimeira da estruturação e prática desportivas.

Na República Federal da Alemanha tivemos ensejo (por exemplo) de visitar a Confederação das Federações Desportivas, de percorrer (em Colónia), o Instituto Federal de Ciência Desportiva e a Escola Superior de Desportos, tal como (em Berlim) traçamos o Estádio Post (apenas para trabalhadores) e visitámos o Hertha, para juntarmos um punhado de sensações que atingiram o cume na revisita à Cidade Olímpica de Munique e ao Centro de Desporto da Universidade Técnica. O jornalista (que tinha ficado em respeito perante o muro de fuzilamento e as salas de tortura tristemente celebrizadas pelos nazis, em Plotzense), também pisou as alcatifas do palácio real de Ober Scheleissheim, como a velha casa que viu nascer Goethe, o autor de «Fausto» e «Werther», prestes a 150 anos de túmulo. O jornalista, que estivera num clube de bairro (Neaubing) com o mesmo interesse com que visitou o estádio de gelo em Garmich (palco de proezas da galopante patinadora norueguesa Sonja Henie) igualmente perdeu os olhos no hoje silencioso bloco de granito onde Hitler quebrou a cerviz, batido pela arte e elegância e talento desse negro fabuloso que se chamou Jess Owens e mais tarde (Munique, 72) estaria defronte da caneta do repórter do «DL» e da máquina fotográfica de Eduardo Gageiro.

RFA: um país virado para o Desporto. Posso contar como é?

Frankfurt lá está: é o mesmo monstro tentacular, sugando centenas de aviões em menos de um fôsforo. Renate Forster vai ser a cicerone do trio: esposa de um engenheiro, proprietária de dois belos automóveis, faz questão de que, durante a nossa estadia tenhamos (até) a possibilidade de uma refeição em casa de família de grau médio.

Já lá chegamos: isso fica mais para diante. Porque o programa oficial da visita rasgava-se com a recepção na «Haus des Deutschen Sports». Quem atende: Hartmut Dobrick.

Conheça o «Trimm»

Dobrick estende a mão, oferece um distintivo de lapela, faz projectar filmes, dá elementos, concede dados e opiniões.

A Confederação das Federações Desportivas da RFA, o Comité Olímpico e a Ajuda Desportiva (130 funcionários em tempo inteiro) moram entre arvoredo, a modos que fazendo lembrar um Jamor excelentemente arranjado. Bergel, há 17 anos na função, é o consultor destacado para o estudo das propostas do «Desporto para todos», apresentadas anualmente pelas diferentes organizações desportivas germânicas. Mostra o bonequinho: o «Trimm Dich», popularizado nas palavras de Helmut Schoen, aquele que foi grande mestre do futebol mundial.

O «Trimm» não é mais que o estímulo para a prática do Desporto a qualquer nível etário: tanto se pode treinar num intervalo de escritório como em tempo de férias. Natação, marcha, ciclismo e esquí são as disciplinas — básicas.

— Quinze minutos por dia chegam para manter a linha — assegura Dobrick, esgueirando-se de sucapa para o perfil dos visitantes. «Não forçar as pessoas: apenas oferecer propos-



Offenbach: uma corda une a cidade. Na imagem inferior: 12 mil esquiadores numa marcha dominical

tas, porque cada um sabe o que pode fazer. A saúde é a riqueza do Povo».

Há uma torrente de edições publicitárias que circulam por toda a RFA, falando, incrementando, chamando a atenção para o «Trimm». Todavia, se for cumprido um programa de competição, há possibilidade de ter direito a medalha de desporto: ouro, prata ou bronze, consoante a idade do praticante.

Renate (a nossa «condutora») acompanha-nos à sala de projecções. Lá está: parando os Audi ou os Mercedes, saem às dezenas para o campo, fatos de treino coloridos, uma mancha animada cortando as serras. Os meus companheiros dividem-se entre preferências: Doria Martinez falando de futebol, do «seminosso» Cubillas e da qualificação garantida para o «mundial» em Espanha; Bernardo Nuñez, cento e não sei quantas vezes exportando baseball dos EUA para o seu Panamá, evoca lá uns ídolos muito dele, muito centrados em pequena latitude. Morando bem distante dos 1500 «pontos de reunião» de grupos de «Desporto para todos» que se marcam no mapa da RFA e são (veja se acredita, leitor) coisa como quatro milhões e meio de praticantes, que foram atrás de uma campanha de divulgação governamental, espalhada em 150 periódicos, em todas as Rádios e Televisões.

— Com que dinheiro? Quem ajudou?

Ficamos então, a conhecer que existem a AOK (Segurança na saúde) e a «BEKE», ambas à custa da bolsa farta de uns largos pares de industriais e comerciantes que, em lugar de entregarem directamente ao fisco uma boa fatia dos seus generosos proventos, a «desviam» para fins desportivos. São perto de cinco biliões de marcos anuais (o marco está a modos que valendo quase 30 escudos e) e o programa deu o primeiro passo em 1970.

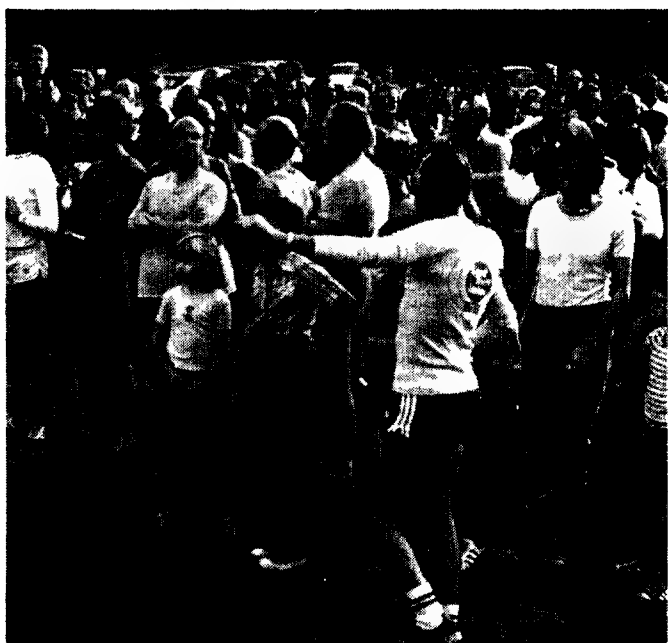
— Cinquenta por cento da população da RFA faz desporto pelo menos uma vez por semana — afirma, na Otto-Fleck — Schneise frankfurtiana, Hartmut Dobrick, convidando depois a ver um exemplo.

Jogo sem fronteira

Offenbach é uma cidade que joga. O seu «Spiel Fest» é uma delícia para os olhos: dos 50 mil habitantes, seguramente 18 mil entram na festa. Fantasias sobre a água, brincadeiras sobre relva, crianças ou avós, diversões com quatro séculos ou inventadas naquela mesma manhã: que bela lição para um programa autêntico de «Jogos sem fronteiras».

Música envolve o festival: «joga comigo, eu jogo contigo». Uma serpente com 3500

DESPORTO



Avós, pais e filhos: o desporto para todos junta-os em alegria e saúde

As pessoas pretendem levar a bola até à rede contrária. Cerveja, salsichas, danças regionais: uma cornucópia, entre um jogo de agulhetas que tenta vergar os menos fortes na luta.

— Já existem 200 festivais de Desporto que copiam Offenburg — esclarecem-me.
— E em Portugal, leitor?

Jogos olímpicos na mira

Voltamos a Frankfurt: Dobrick fala-me com entusiasmo de professor Lopes Marques (director-geral dos Desportos) dos portugueses mais directamente interessados no protocolo desportivo entre Portugal e o seu país. Depois, mostra mapas, consulta ficheiros:

— Na RFA, existem 50 mil clubes, onze Federações desportivas, 50 Associações de modalidades desportivas.

Um país retalhado por guerras tem hoje preocupação bonita: saúde, ciência, educação. O Comité Olímpico, refundado em 1949, aglomera 23 disciplinas e tem um objectivo talvez ainda não confidenciado: organizar os Jogos de 1992, porque «para 1988 já não há tempo».

O Comité Olímpico da RFA recebe 12 milhões de marcos do orçamento governamental anual e tem 50 mestres em permanente excursão pelo Mundo, dentro dos protocolos com vários países subdesenvolvidos ou com carências desportivas. Fazem-se seminários por grupos de línguas: ainda este ano terá lugar um que vai abarcar portugueses, angolanos e moçambicanos, a debaterem medicina e construções desportivas e, especialmente, leccionando atletismo e futebol. Especialistas em ginástica, atletismo, biomecânica, luta e ciclismo já estiveram por cá e mais virão, em outros programas.

— Para este capítulo de trabalho, o Governo investe 100 milhões de marcos anuais — explicam-nos. — Antes do fim de Novembro (dentro de dias, portanto) vêm cá responsáveis portugueses coordenar trabalho comum: é melhor mandar «experts» ou convidar atletas para estágios do que acorrer (por exemplo) aos pedidos para financiamento de pistas de tartan que, neste momento já chegaram a passar a meia centena. «A mais recente contemplada: Lagos, na Nigéria. Mas a RFA prefere ir aos locais, ver como é. Dobrick cumpre, neste momento, um percurso alongado a Panamá, Peru, Colômbia e Brasil. «Pistas? Difícil. Melhor será que venham estudar connosco e, só depois, regressem a suas terras para ensinar» — acrescenta o homem — forte para a «Ajuda Desportiva», tecendo os maiores louvores a dois portugueses que, na RFA, tiraram os cursos de professores em Atletismo: Carlos Sustelo e Joaquim Serra, por coincidência dois nomes que figuram na lista dos recordistas portugueses, em lançamentos e no salto com vara.

Em Frankfurt, saboreado um almoço na «Casa de Wertheim», entre capacetes prussianos, relógios, brasões e lanternas, postais do princípio do século, bronzes, estanhos e barros, entre uma miscelânea que fazia recordar a Feira da Ladra, cobres à mistura com rifões populares e acordeões, tomámos café junto à Catedral de S. Bartolomeu, do ano 852, quando franqueava os portais à coroação de reis. E, enquanto a tarde caía, já a caminhada da antiga residência de Goethe, não saía da lembrança Offenburg. A tal cidadezinha onde larga terça parte da população pratica desporto, brincando para ter saúde

ESSEN (RFA), 12 — Especial para o «DL», por Orlando Dias Agudo — Perdendo perante a Itália (4-5) a equipa portuguesa deve ter abdicado da conquista do título europeu de hóquei. Mas já falaremos disso.

A hora a que o «DL» sai para as bancas, podem já ter sido aprovadas as novas leis a vigorar no Mundial, que terá lugar em Barcelos, regras já partilhadas em Espanha e Itália há mais de um ano, mas que os portugueses praticamente ignoram. Isto, não obstante a assinatura da nossa Federação no momento em que elas foram decretadas...

Itália ganhou bem

Bem, a nossa derrota de ontem, frente aos italianos, não tem qualquer atenuante. Fontana (38 anos) guarda-redes e «capitão» da «squadra azzurra», era um

Bibliografia desportiva

Atletismo em revista

Vai ser editada, a partir do próximo mês de Dezembro, uma revista mensal (de 36 páginas e capa a quatro cores) denominada «Revista Atletismo», inteiramente dedicada àquela modalidade e que incluirá, para além do noticiário referente aos seus vários campos (atletismo federado, popular, para trabalhadores, escolar, militar) reportagens, entrevistas e artigos técnicos, com natural prioridade para tudo quanto diga respeito ao atletismo português. A revista, que será dirigida por M. Arons de Carvalho e contará com a colaboração de conhecidas figuras do atletismo nacional, incluirá, no seu primeiro número, os seguintes temas: Moniz Pereira explica treinos de Fernando Mamede; entrevista com o eng.º Correia da Cunha; «O Atletismo à Porta de Casa, sete anos depois» (artigo do prof. Melo de Carvalho); inquérito aos fundistas nacionais sobre a época que se aproxima; Novembro — mês das transferências e recordando Manuel da Silva, o antigo lançador-policia do Sporting.

A «Revista Atletismo», que será vendida ao preço de 40 escudos, poderá ser assinada desde já, através do envio de um cheque ou vale postal de 400\$ (12 números) ou 220\$ (seis números) para a seguinte morada: Urbanização de Alfornel, lote 128-10.º E — 2700 Amadora.

MICROSEPIO

«Volta» tem candidatos

A Federação de Ciclismo (após anúncio público) recebeu candidaturas de duas entidades para (organização da «Volta a Portugal»). As propostas partiram do «Jornal de Notícias» e da «Placa» (Agência de publicidade).

Bombarral reforça-se

Os ciclistas Adelino Teixeira e Luís Vargues ingressaram na turma do Bombarralense.

Perícia no Estoril

É já no próximo sábado que se realiza, no Parque do Estoril, o «Grande Prémio de Perícia Teodoro dos Santos», prova organizada pelo Automóvel Club de Portugal com o patrocínio do Casino Estoril. Esta competição, engloba uma prova de «slalom gigante» que terá o seu início pelas 10 horas, enquanto que da parte da tarde (14 e 30) se disputará a prova de manobrabilidade. Pelas 19 horas decorrerá no Casino Estoril a cerimónia de distribuição de prémios, que será antecedida por um «Porto de honra»

Europeu perdido?

Hóquei leva uma volta

homem feliz: pela 1.ª vez na sua vida ganhava ao 'cinco' luso.

Se, nos jogos anteriores, louvávamos a equipa, hoje teremos de saudar a vitória transalpina, que foi justa, e, embora dorida para as cores portuguesas, é forçoso reconhecer que também apenas Fernando Pereira e José Carlos foram excepção ao global descalabro do bloco de Rendeiro-Livramento. Não se culpe o árbitro, nem se fale nas «fitas» de Marzella: o que ele faz é espectáculo de circo, número arriscado, mas só possível de realizar com muita técnica e domínio de bola. Marzella é um «fiteiro», mas além disso um fora de série.

Pode também espalhar-se que o golo da vitória italiana foi marcado com o pé: o argumento cheira a desculpa de mau pagador, porque a Itália (por aquilo que fez e não deixou fazer) mereceu inteiramente o triunfo.

Atenção, portugueses

Durante o dia de ontem, os homens importantes do hóquei patinado sentaram-se a uma mesa para dizer de sua justiça. E decidiram: vai haver controlo atin-«doping» no Mundial-82 (com sorteio diário de quatro jogadores); o sorteio da fase final desse torneio será efectuado em Ofir, às 15 horas do dia 4 de Maio; nos 2.ºs Jogos Mundiais (Inglaterra-83) participam obrigatoriamente os oito países melhor colocados no campeonato que vai ocorrer em Barcelos; uma semana antes desse certame (no Norte) haverá, em Lisboa, o 1.º curso de treinadores internacionais (que já tem 8 inscrições) e será dirigido por Harro Strucksberge e a assembleia

geral do CIRS (Federação Internacional) terá lugar em Ofir, a 11 de Maio próximo. Finalmente: que os Mundiais se realizem apenas em recintos cobertos e o cartão amarelo seja admoestação, o azul, expulsão temporária e o vermelho, saída definitiva do jogo.

Voltando a este campeonato europeu: para além de sexta-feira ser dia 13, só um «milagre» pode trazer a sorte de que necessita a turma nacional. O Itália - Espanha (sábado) ainda pode facilitar. Mas, já que ninguém ajuda o hóquei português, ao menos que os santos milagreiros olhem por ele...

Resultados da 5.ª jornada do Campeonato da Europa: Suíça - Bélgica, 2-4 (2-2 ao intervalo); Holanda - França, 8-0 (4-0); Itália - Portugal, 5-4 (2-2) e Espanha - Bélgica, 5-0 (4-0).

Sob a arbitragem de Frigge (RFA) as equipas alinharam no jogo mais importante:

PORTUGAL: Ramalhe, Fernando Pereira, José Carlos (1), Leste (2), Cristiano e Fernando Gomes da Costa (1).

ITALIA: Fontana, Colamaria (1), Barsi (1), Frasca, Marzella (2), Girabelli (1) e Maggi.

	J	V	E	D	G	P
1.º Itália	5	5	-	-	27-9	10
2.º Espanha	4	4	-	-	25-3	8
3.º Portugal	5	4	-	1	31-6	8
4.º RFA	5	2	1	2	21-18	5
5.º Holanda	5	2	1	2	16-12	5
6.º Bélgica	5	2	-	3	10-12	4
7.º França	5	1	-	4	11-33	2
8.º Inglaterra	5	1	-	4	6-30	2
9.º Suíça	5	-	-	5	10-24	0

Jogos para hoje: Suíça - Inglaterra (15.30), Bélgica - França (16.30); RFA - Espanha (19.30) e Suíça - Portugal (20.30).



Vera Lisa: na dança de transferências

Atletismo: «grandes» lutam em bastidores

O Sporting obteve o reforço do atleta João Lima e do técnico Abreu Matos para a próxima temporada. João Lima (20 anos, obteve a melhor marca no salto em comprimento e a segunda no triplo-salto na época passada sendo também um dos melhores especialistas no salto em altura

A transferência do atleta do CDUL para o Sporting originou a saída do seu técnico (Abreu Matos) que ingressará, igualmente nos quadros do clube de Alvalade, depois de ter iniciado a sua carreira de treinador no Benfica

José Monteiro (do CDUL), especialista do lançamento do peso, também deverá representar o Sporting na próxima época, juntamente com José Custódio (lançador do martelo e dardo, que, na temporada passada entregou a camisola do Benfica.

Estas aquisições do Sporting visam um equilíbrio de forças com o Benfica, que se reforçou com Raposo Borges, Adília Silvério, Pedro Palma, Luís Lajes Daniel Monteiro, Norberto Serina e Vera Lisa, todos ex-Sporting. E atenção: o período reservado às transferências só termina no dia 30.



MUNICÍPIO DE LISBOA ANÚNCIO

- 1 — A Câmara Municipal de Lisboa promoveu recentemente concursos para cedência a Cooperativas de Habitação de 26 lotes de terreno municipal, destinados à construção de 416 fogos. Os lotes dos concursos foram já distribuídos, tendo sido contemplada a generalidade das Cooperativas que a ele concorreram.
- 2 — Posteriormente à data do concurso dirigiram-se a esta Câmara outras Cooperativas interessadas na cedência de lotes de terreno para habitação, pedidos estes que têm sido satisfeitos na medida do possível.
- 3 — Face às carências habitacionais das famílias de menor recursos económicos, de todos conhecida, e na intenção de fomentar as pequenas economias e mobilizar a participação destas famílias na resolução de tal problema deseja esta Câmara:
 - 3.1 — Ceder lotes de terreno a Cooperativas de Habitação.
 - 3.2 — Ceder lotes de terreno a grupos de pessoas associadas, possibilitando assim a formação de conjuntos de pequenas economias associadas, embriões de pequenas Cooperativas que se pretende deste modo impulsionar.

Certa de vir ao encontro do interesse da generalidade dos seus munícipes fica esta Câmara aguardando a formalização dos respectivos pedidos.

O PRESIDENTE DA CÂMARA
Eng.º Nuno Krus Abecasis

DESPORTO

Futebol nacional

ponta esquerda

João Pedro e Lima Fernandes: processos foram reabertos

Muito bem: o secretário de Estado dos Desportos mandou reabrir os processos em torno das mortes do futebolista João Pedro (Quimigal) e Lima Fernandes (Bombarralense).

Seleção de Juca: Porto está contra

Teles Roxo, chefe do Departamento de Futebol do FC Porto, insurge-se contra o número de jogadores do seu clube convocados para o jogo Portugal-Escócia, a disputar no dia 18. Manifesta-se, acima de tudo, surpreendido com a convocação de Gabriel e Sousa, pois (diz) o Departamento Clínico do FC Porto tinha avisado a Federação e o seleccionador que os dois futebolistas se encontravam em recuperação e não podiam jogar.

O mesmo dirigente afirma que a convocatória para o jogo com a Escócia **mais uma vez não reflecte a realidade do futebol português** e interroga-se sobre as intenções de Juca ao escolher um tão elevado número de profissionais do FC Porto. A Federação não lga importância nenhuma aos clubes e isso mais uma vez ficou demonstrado com esta convocatória, pois o FC Porto está empenhado em duas provas importantes, uma das quais europeia, e quase toda a sua equipa foi seleccionada. O dirigente portista informou também que Gabriel e Sousa deslocar-se-ão a Lisboa para não sofrerem sanções disciplinares, mas **de maneira alguma poderão participar nos trabalhos da selecção.**

Amorense Jaime: três amores para já

Confidência de Jaime (Amora) ao nosso colega «A Bola», de hoje: **Assinei contrato como amador pelo Sporting e como profissional pelo Amora, mas espero vir a ser grande figura com a camisola do Benfica, clube de que sou adepto.** Adiante-se: Jaime conta (ainda e apenas) 18 anos. Tem a vida à sua frente...

Andebol portista: mil contos de multa?

A Federação Internacional de Andebol (FIA) vai exigir ao FC do Porto uma indemnização de 1000 (mil) contos, por alegado não cumprimento de um acordo com a equipa suíça do Horgen. Esta quantia terá de ser paga no prazo de um ano: em contrário, o FC do Porto não poderá participar em qualquer competição europeia nas próximas três épocas.

Ao abrigo do estipulado no contrato português Jorge Rodrigues (que jogou no Sporting e no FC do Porto e se transferiu a temporada passada para o Horgen) o clube das Antas deslocou-se a Horgen, visita que foi retribuída alguns meses depois. As despesas nos respectivos países deveriam correr por conta dos anfitriões, tal como aconteceu na Suíça. Quando o Horgen chegou a Portugal, independentemente de não ter nenhum director do FC do Porto à sua espera, teve de se hospedar a expensas suas e ficou sem hipóteses de fazer qualquer encontro em Portugal. Houve apenas um jogo-treino nas Antas, com o FC do Porto, sem árbitros a dirigi-lo e sem receita.

Clubes: fisco enrolado?

O director-geral das Contribuições e Impostos afirma que estão a ser feitos esforços para limitar a evasão fiscal dos futebolistas e que esta poderá ser diminuída. **As dificuldades (diz Rodrigues Pardal) surgem quando (por exemplo) os prémios de jogo e outras remunerações são pagos por grupos de sócios, o que dificulta muito a fiscalização.**

No entanto, segundo o director-geral das Contribuições e Impostos, está a ser fiscalizada a escrita de alguns clubes e isso vai produzir alguns resultados, em especial quanto à determinação dos salários dos futebolistas. Rodrigues Pardal garante que, quando do campeonato do Mundo de futebol de 1966, em que a selecção portuguesa ficou em 3.º lugar, os serviços fiscais procederam à cobrança dos impostos em dívida, uma vez que nessa altura, como os pagamentos tinham uma origem oficial, não havia (como agora) dificuldade em determinar os ordenados reais dos futebolistas.

Interdição preventiva do campo do Estoril Praia (enquanto decorre o processo disciplinar que lhe foi instaurado) e três meses de suspensão ao seu dirigente João Lachever, a par com um jogo de suspensão ao jogador Teixeira, foram as penas mais importantes aplicadas pelo Conselho de Disciplina da FPF. A nível da 1.ª Divisão, foram ainda punidos João Silva (Braga) com três jogos e Paulino (U. Leiria) com um jogo, sendo de referir os processos de inquérito mandados instaurar ao treinador Mário Lino (Boavista) e ao FC Porto, Sporting e Portimonense e um mês de suspensão ao dirigente «portista» Teles Roxo.

Para além de lamentáveis incidentes que puseram em sério risco a equipa da Rádio Comercial (Abel Figueiredo, Wilson Brasil e Manuel de Sá) que estava em serviço no jogo Estoril-Guimarães, ainda o árbitro português Joaquim Gonçalves foi agredido à saída do campo da Amoreira, tendo de ir ao Hospital de Cascais para ser suturado com cinco pontos na cabeça.

Mais castigos

Ainda de castigos federativos: interdição preventiva do campo do Fafe, repreensão e multa a Cassiano (técnico do Penafiel) e inquéritos ao Sporting, Portimonense e Porto, Valadares, Olhanense.

Benfica recupera

Alves, Chalana, Shéu, Carlos Manuel e Laranjeira regressaram (em pleno) aos treinos benfiquistas. Ao mesmo tempo, Alberto regressou de Paris (onde foi novamente operado) e estão entregues ao Departamento Médico da Luz o «capitão» Humberto, Araújo e Pietra.

Reservas lisboetas

Jogos para o torneio da Associação de Lisboa: Sporting, 2 - Estoril, 0; Benfica, 3 - Sacavenense, 1; Amadora, 0 - Belenenses, 2. O brasileiro Bife, ao serviço do Belenenses, foi expulso.

«Chicotada» leiriense

No União de Leiria, o que estava latejando: saída do treinador Pedro Gomes. A troca foi feita com a contratação de Manuel de Oliveira. Será que Pedro Gomes irá para o Portimonense?

Totobola em discussão

Vários presidentes de clubes (nomeadamente João Rocha, do Sporting; Fernando Martins, do Benfica; Américo Sá, do Porto) estiveram reunidos no Hotel Altis. Tema mais forte do conclave: a exigência de uma fatia dos rendimentos do Totobola ir di-

reita para os clubes fornecedoros dos espectáculos que entusiasmassem os apostadores.

Brasil dá o tom

Entretanto, os clubes brasileiros de futebol vão receber, a partir de 1982, uma percentagem sobre as receitas da Lotaria Desportiva. Os clubes passarão a ter direito a seis por cento das receitas do Totobola brasileiro, calculadas em cerca de 65 mil contos semanais.

Ao anunciar a decisão governamental, o presidente da Confederação Brasileira de Futebol (Giulite Coutinho) acrescentou que está ainda prevista a distribuição de dez por cento às diversas federações de futebol estaduais e 0,4 por cento à CFB. A participação dos clubes será proporcional ao volume das receitas de cada campeonato e a contribuição de 0,4 por cento será destinada essencialmente ao progresso do futebol dos es-

calões infantis e juvenis, através da criação de infra-estruturas desportivas.

A Lotaria Desportiva foi criada no Brasil durante o Campeonato do Mundo de 1970, em que a turma «canarina» foi tetracampeã mundial. Posteriormente foi várias vezes solicitado à CFB que os clubes recebessem uma participação financeira nos seus lucros: só agora isso foi autorizado.

Mundial de futebol: Áustria em Espanha

A Áustria, no seu último jogo da fase de qualificação, assegurou a presença em Espanha, ao empatar, sem golos, com a Bulgária, em Sófia. A RFA já conquistara a 1.ª posição no Grupo europeu, com seis vitórias em seis jogos. A Áustria soma agora 11 pontos em oito jogos e será certamente a 1.ª classificada, a menos que a Bulgária obtenha um improvável triunfo por mais de cinco golos de diferença sobre a RFA, dia 22, em Dusseldorf.

RDA acorda tarde

A Alemanha Democrática, já afastada da fase final do campeonato mundial venceu de forma categórica Malta por 5-1, em Iena. A selecção da RDA apresentou-se completamente rejuvenescida, incluindo três novos internacionais depois da derrota (2-3) em casa frente à Polónia, jogo que foi decisivo para o apuramento dos polacos e para a eliminação dos alemães democratas.

Sob arbitragem de Mcknight (Irlanda do Norte), alinharam: RDA: Rudwaleit; Ullrich, Schnuphase, Troppa, e Baum; Liebers, Krause, Steinbach (Ernst 79); Bielau (Ehun 59), Steich e Trocha.

Malta: Bonello; Consiglio (M. Farrugia 49), Edwin Farrugia, Holland e Buttigieg; Fabri, Emanuel Farrugia e J. Xuareb; Gonzi, R. Xuareb e Fenech (Degiorgio 83).

Suíça-Roménia: empate

Suíça e Roménia empataram sem golos, em Berna, adiando para o Inglaterra-Hungria, da próxima 4.ª-feira a decisão da 2.ª equipa do grupo quatro a estar presente no Mundial de Futebol. A Hungria (10 pontos) já garantiu a qualificação. A Inglaterra (7) precisa de conquistar, pelo me-

nos, um ponto, frente à Hungria, para ultrapassar os romenos (8) beneficiando da melhor diferença de golos. Se a Hungria derrotar a Inglaterra, fica a Roménia apurada para a fase final. A Suíça tinha, por seu turno, de ganhar o encontro de ontem para manter hipóteses teóricas de qualificação.

Sob a arbitragem do português César Correia, alinharam:

Suíça: Burgener (Engel 46); Zappa, Luedi, Egli e Hermann (Eli 66); Werhli, Barberis e Botteron; Favre, Sulser e Elsener.

Roménia: Moraru; Stefanescu, Rednic, Iorgulescu e Stănescu; Ticleanu (Andone 82), Augustin e Klein; Balaci, Gabor e Sandu (Boeloeni 90).

Mundial 82

As Honduras venceram Cuba por 2-0 em encontro da fase final do grupo da «Concacaf» para o Mundial-82 em Espanha, disputado em Tegucigalpa.

Após o jogo, eis a classificação do grupo:

	J	V	E	D	G	P
1. Honduras	3	2	0	0	6-0	4
2. Canadá	2	1	1	0	2-1	3
3. México	2	1	0	1	4-1	2
4. El Salvador	2	1	0	1	1-1	2
5. Haiti	2	0	1	1	5-1	1
6. Cuba	2	0	0	2	0-6	0

Próximos encontros: El Salvador - Cuba e Honduras - Canadá, dia 11 e 12 respectivamente.

As equipas do México e do Haiti empataram (1-1) na capital das Honduras, para as eliminatórias até ao Campeonato do Mundo. As duas equipas ainda não estão qualificadas para a viagem a Espanha, pois o torneio só termina no dia 21 do corrente.

Taça inglesa

Resultados de jogos da 3.ª eliminatória da Taça da Liga Inglesa:

Blackburn - Nottingham Forest, 0-1; Everton - Oxford, 1-0; Leicester - Aston Villa, 0-0; Manchester City - Nottampton, 3-1; Sunderland - Crystal Palace, 0-1; Tottenham - Wrexham, 2-0 e Wigan - Chelsea, 4-2.

Campeonato espanhol

Resultados da 10.ª jornada do campeonato espanhol de futebol da 1.ª divisão: Real Madrid - Valladolid, 3-1; Real Sociedad - Atlético Madrid, 1-0; Gijon - Valência, 1-0; Barcelona - Hércules, 5-0; Santander - Sevilha, 3-0; Bétis - Atlético Bilbao, 2-1; Cadiz - Osasuna, 1-0; Castellon - Saragoça, 2-1; Las Palmas - Espanhol, 2-0. Classificação dos melhores: Real Sociedad, 16 pontos; Barcelona, 15 pts; Real Madrid, 14 pts; Saragoça, 13 pts e Sporting de Gijon, 11 pts.

Gomes atrai certo

O «internacional» Fernando Gomes foi o autor do único golo com que o Sporting de Gijon derrotou ontem o Valência.

Particular

A Argentina, campeã mundial de futebol, empatou a um golo com a Checoslováquia, em Buenos Aires, em jogo particular de preparação para a fase final do campeonato mundial.

O avançado checoslovaco Zdenek Valek abriu o activo (aos 14 minutos) com um forte remate que bateu Fillol. Aos 71 minutos, a Argentina igualou por Américo Gallego, que, isolado na grande área, não teve dificuldades em marcar. Cinco minutos mais tarde, a Argentina podia ter feito o 2-1, mas o «capitão» Daniel Passarella falhou a transformação duma grande penalidade, a castigar falta sobre Kempes.

Os checos que não garantiram ainda a qualificação para Espanha defrontam (no dia 30) a União Soviética.

assim vai o TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO

N.º 13 DE 15 DE NOVEMBRO 81

A Comarca de Arganil, 111 121 1X2 1X11; Rádio Totobola, 111 1XX XX2 11XX; Correio de Coimbra, 111 X21 1X2 1111; Correio do Vouga, 111 1X1 111 1111; Defesa de Espinho, 111 1XX XX1 111X; Diário de Coimbra, 111 1X1 XX2 1111; Eu Sei Tudo, 111 121 1X2 1111; Folha do Domingo, 11X 1X1 X12 X111; O Jornal de Felgueiras, 1XX 111 1X2 1111; O Jornal da Lixa, 111 121 XX1 1X11; Jornal de Santo Tirso, 11X 1X2 21X 1X21; Jornal de Sintra, 1X1 1X1 1XX 1111; Jornal Linhas de Elvas, 111 121 11X 11X1; Litoral, 111 1X1 1X2 1111; Maria da Fonte, 111 1X1 11X 11X1; O Norte Desportivo, 111 11X XX2 11XX; Notícias de Gouveia, 112 111 X11 1X21; O Algarve, 1X1 1X1 1X2 X2XX; Rádio Alitude, 111 111 1XX 1111;

RDP/Secção Desportiva, 11X X22 1XX 111X; Jornal a Voz das Beiras, 111 11X 11X 111X; RDP/Centro-Diário Desportivo, 111 1X1 X1X 1XX1; A Voz do Domingo - Coluna Desportiva, 11X 121 1X2 1111; Grafanola Ideal, 1X2 1XX 221 1X22; A Forja, 11X 221 1X1 1X11; A Voz do Domingo - Palpitações, 11X XX1 1X2 1111; Rádio Renascença/Secção Desportiva, XX1 X21 111 X211; Rádio Renascença - Música e Não Só, 11X 121 1X2 1X21; Cardeal Saraiva, 111 1X1 1X2 1111; Diário de Lisboa, 11X 121 112 1X11; Ecos do Cacia, 111 1X2 1X2 1111; Jornal Estrela da Manhã, 11X 212 2X2 11X1; Jornal da Beira, 111 111 1XX 1112; Notícias de Chaves, 11X 1XX 11X 111X; Notícias de Évora, 1X1 1X1 1XX 1111; Noti-

cias de Felgueiras, 11X 111 1XX 111X; Notícias de Guimarães, 212 122 2X2 1211; Voz de Lamego, 111 111 1XX 1111; Notícias do Douro, 11X 1X1 11X 1X12; Alvo Desportivo, 111 11X 111 1111; Estúdio 64, 1X2 X12 1X2 11X1; Jornal de Gaia, 1X1 1X2 2XX 1X21; Jornal de Notícias, 111 1X1 11X 1XX1; Manchete Desportiva, 111 121 111 1111; Penalti, 1X1 XX1 X12 1111; O Primeiro de Janeiro, 1X1 X21 1X2 1X11; Quadrante Norte, 11X 1X2 XX2 1X1X; Rádio Alvo, 111 1X1 1X2 1111; Rádio Placard, 111 1X1 X11 111X; Repórter do Dia, 11X 121 1XX 11X1; Resenha Desportiva, 111 XX1 1X2 1111; A Voz dos Ridículos, 1X1 1X1 1X2 1111; Jornal da Graça, 111 121 112 111X; Jornal «A Voz do Ave», 111 X2X 1X1 1111; Jornal do Porto, 1X1 1X2 X2X 11X1.

	R	E	S	U	M	O	B	G	L	A	S
	1	X	2				1	X	2	a)	
1. Leixões - Gil Vicente	49	5	1				10	1	1		
2. Sanjoanense - Feirense	44	11	0				10	2	1		
3. Portalegrense - U. Santarém	37	14	4				8	3	1		
4. Académico - Águeda	44	10	1				9	2	1		
5. B. C. Branco - Alcobaça	11	26	18				2	6	4		
6. Guarda - Oliveirense	37	10	8				8	2	2		
7. Peniche - Covilhã	40	9	6				9	2	1		
8. O. Bairro - Beira-Mar	19	30	6				4	7	1		
9. C. Piedade - Juventude	10	23	22				2	5	5		
10. Marítimo - Farense	51	4	0				11	1	1		
11. Barreirense - Amadora	38	13	4				8	3	1		
12. Sacavenense - Nacional	38	13	4				8	3	1		
13. Elvas - V. da Gama	41	11	3				9	2	1		

a) - Nos termos do Art.º 142, do Regulamento-Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "Chave" Lógica será:
111 1x1 1xx 1111

FITEI: os bascos bastam

Atravessar em hora de ponta as ruas da cidade é uma operação arriscada, mas normalíssima. Só um actor é capaz de transformar esse acto banal numa acção insólita. A Praça da Liberdade, ponto de passagem quase obrigatório, foi transformada pelos actores do Colectivo Karraka num palco em que o público intervém, de boa ou má vontade.

O simples gesto de um actor agarrar a manga do casaco de um transeunte e atravessar a rua atrás dele bastava para transformar as relações entre os presentes (que se transformavam imediatamente em actores e em espectadores), para impor uma ruptura no ritmo, no tempo da cidade. Isso, graças ao peso da teatralidade que esse actor (que me parece ser um grande actor) é capaz de exprimir.

Foi precisamente o Colectivo Karraka que trouxe ao FITEI a primeira grande surpresa deste ano, a primeira abertura a um teatro em que o humor, a imaginação e o rigor definem um trabalho por enquanto sem paralelo. Não há que estranhar: este grupo nasceu da cisão de um outro grupo basco, «Cómicos de La Légu», cuja presença no FITEI ainda hoje é evocada com admiração.

Um palhaço procura entre o público o seu lugar enquanto outro se senta sobre uma mala. Assim se inicia o espectáculo



Presença do México

«Pase Sin Llamar», que é composto por quatro «sketches» de tal maneira fluidos que funcionam como um todo. O principal elemento cénico é uma porta isolada no centro do espaço que funciona para os dois lados. O material utilizado é propositalmente parco e pobre, mas o bastante para um trabalho de reinvenção, de releitura dos objectivos usados e das suas funções, realmente admirável. Basta ver a maneira como o som é trabalhado para se fazer uma

ideia da riqueza desta espectáculo. O primeiro «sketch» é constituído essencialmente pelo gesto óbvio de abrir a porta: sempre que a porta se abre surge um som, que vai do agradável (música) ao terrífico (o deflagrar de uma bomba).

O espectáculo parte do simples para o complexo, terminando com um «sketch» em que um manequim feminino é pretexto para uma cena hilariante marcada por um humor cruel. Uma outra cena implacável tem

como motivo central uma bandeira (que imita vagamente a britânica) e que serve para as mais díspares funções.

Embora utilizando a composição de palhaços, os dois actores bascos estão mais perto dos Irmãos Marx do que dos cómicos circenses. Há no espectáculo influências do musical norte-americano, aliás evidentes e claramente assumidas (até através da música).

O público não resistiu a aplaudir quando um dos actores em vez de atravessar a porta dá um salto sobre um dos apoios daquela, ao som de motivo de um musical de Hollywood, como se fosse um pequeno Gene Kelly. É no entanto o trabalho dos artistas checos do Circo Alfredo que o espectáculo evoca, pelos achados cómicos, pelas invenções visuais e sonoras, pela imaginação prodigiosa no que se refere ao aproveitamento, quase sempre inesperado, do material cénico. Explorando os ruídos e a música, com um estuando domínio das suas capacidades acrobáticas, mímicas, de expressão corporal e facial, Alex Angulo e César Saratxu deram uma maravilhosa lição de teatro sem palavras que é, ao mesmo tempo, um divertimento admirável para todos os públicos. A este nível, o teatro transforma-se numa festa e os espectadores em gente feliz.

Carlos Porto

Antena 1 da RDP anuncia nova grelha

• Conselho de Redacção de Lisboa toma posição

Durante um encontro com representantes dos órgãos de Comunicação Social que os responsáveis pela programação da RDP mantiveram ao fim da tarde de ontem no Estúdio 1 das instalações do Quênia, foi anunciada a nova grelha da RDP-Antena 1, que entrará em vigor a partir do próximo dia 16.

Segundo foi afirmado por Oliveira Pires, director do Centro de Programas, «uma das orientações que marcam os reajustamentos ora introduzidos, quer na área da Informação quer na área de programas, é a maior abertura aos problemas e aos elementos de cultura das diversas regiões do País». Oliveira Pires revelou ainda, depois de uma saudação aos presentes feita

pelo presidente do Conselho de Gerência da RDP, Manuel Magro, que as terças-feiras da Antena 1, «logo que compromissos anteriores o permitam, passarão a ser consagradas à cooperação com a Imprensa no âmbito nacional e alternativamente no âmbito regional, aos jornalistas e à reflexão dessa realidade a que chamamos, como Mac Luhan, a galáxia de Gutenberg». Ainda segundo as declarações proferidas pelo director do Centro de Programas da RDP, o Clube de Imprensa das terças-feiras tem o seu início previsto para finais de Janeiro do próximo ano.

Um comunicado do Conselho de Redacção da RDP/Lisboa

A propósito da nova grelha da

Antena 1, o Conselho de Redacção da RDP/Lisboa emitiu, ontem mesmo e antes de ser anunciada publicamente, o seguinte comunicado:

1. O CR teve conhecimento de que a Comissão Administrativa da RDP vai conceder hoje, às 18 horas, uma conferência de Imprensa para anunciar uma reestruturação da Direcção de Informação e que envolve alterações à grelha de informação da Antena Um e da estrutura hierárquica da Redacção.

2. O CR da RDP/Lisboa desconhece em absoluto as linhas mestras desta reestruturação e não foi, como estabelece a lei, consultado sobre tal matéria.

3. Este acto da Comissão Administrativa, a que não é cer-

tamente alheio o actual director da Informação, prenuncia uma nova imagem de qualidade e isenção nos serviços noticiosos da Antena Um, o que manifestamente não acontece neste momento.

4. Tudo isto se passa perante estes dois dados da questão: — não está, de modo algum, em causa a necessidade de reestruturar um canal onde, praticamente, nada mudou desde que o actual director da Informação tomou posse (já lá vão sete meses);

— o CR regista as repetidas promessas feitas aos elementos do mesmo, de que o órgão representativo dos jornalistas da RDP/Lisboa vai ser consultado.

Explicação dos Pássaros

«Explicação dos Pássaros», o novo romance de António Lobo Antunes editado pela Editorial Vega, será lançado amanhã, pelas 18, 30, na sede da Associação Portuguesa de Escritores, na Rua do Loreto, 13, 2.º. Os organizadores da sessão pretendem, sobretudo, que o lançamento do livro de Lobo Antunes seja, além do mais, pretexto de convívio e animação cultural entre outros escritores e elementos vários da Rádio, TV e Imprensa.

Manoel de Oliveira «o realizador do ano»

Manoel de Oliveira foi distinguido pela «Viennale do Cinema», a decorrer em Viena de Áustria, com o título de «o realizador do ano». Esta justa homenagem prestada ao nosso compatriota pela organização do festival foi acompanhada pela exibição dos seus últimos trabalhos, conhecida como «tetralogia dos amores frustrados»: «O Passado e o Presente», «Benilde ou a Virgem-Mãe», «Amor de Perdição» e «Francisca».

Manoel de Oliveira já se encontra em Lisboa, seguindo

dentro em breve para Paris, onde, na terça-feira, assistirá à antestreia de «Francisca», o seu último filme. Presente também a escritora Agustina Bessa Luís, autora da adaptação do romance de Fanny Owen agora transportado para o cinema.

Entretanto, decorrerá ainda em Viena, até ao dia 20, uma «Semana do Cinema Português» que incluirá obras de António Pedro Vasconcelos, Vitorino de Almeida, Monique Rutler e Fernando Lopes.



Cinema e papel pintado

Uma nova revista

Em Portugal, apenas duas publicações especializadas sobre cinema têm uma vida longa de décadas: O Boletim Cinematográfico e Celulóide. Uma e outra compreendem objectivos parciais, embora importantes, nenhuma delas, porém, satisfaz em competência, profundidade e rigor de um modo cabal. A estes dois títulos já com larga rodagem, junta-se Cinema Novo que, no Porto, trilha caminhos mais interessados mas, também eles, ainda longe da revista de cinema que o meio cultural português merecia.

É por isso que qualquer nova

tentativa de lançar uma publicação periódica de índole cinematográfica é sempre um acontecimento, num país que, nos últimos anos, tem visto gorar-se projecto após projecto (e cabe aqui uma menção a Lauro António, talvez o mais «teimoso» empreendedor neste campo).

Cinematógrafo é o título da mais recente iniciativa: há dias, saiu a público o n.º 1 desta revista (propriedade de João Antunes que também é o seu director). O Ruy Duarte Gonalves é formado por Rui Duarte Gonçalves, Alexandre Melo, Armando Bordalo, Hernan Christie, Manuel

Cintra Ferreira, sendo o grafismo (com nota positiva) de Judite Cilina. Cinematógrafo conta, ainda, com os «colaboradores permanentes» Eduardo Prado Coelho, João Bénard da Costa, João Lopes, José Camacho Costa, José de Matos-Cruz, Manuel Proença de Carvalho, Mário Pedro Bonito e M. Vitorino Silva (que, porém, não colaboram neste primeiro número).

Quanto à importância desta revista, «o futuro o dirá», como se afirma no Editorial. Para já (salvo o trabalho de Cintra Ferreira sobre o «Cinema Americano dos anos 50») a globali-

dade dos textos não é para animar. Um estilo redaccional adolescente (cujo superlativo caricato se atinge na entrevista à gerente do cinema Nimas, com à partes e confidências ao leitor absolutamente descabidas), uma hesitação entre o gosto pelos números e pelas filmografias e um esforço crítico muito aplicado mas pouco frutífero.

Quando se sai do regime privado, familiar ou de roda de amigos, e se escreve para o grande público, há exigências de maturidade e profissionalismo que é preciso garantir. Garanti-las-á Cinematógrafo? J. L. R.

Cinema de Paris

Um filme didáctico ...

Que outra coisa dizer deste creio que segundo filme da realizadora Yannick Bellon, empenhada num discurso feminista que a nossa sociedade torna ainda ridículo e necessariamente necessário?

Trata-se de «L'Amor Nu» que vem na sequência problemática de «L'Amour Violé» que há quatro anos a mesma realizadora apresentou, certamente com outra força de convicção. Nu, todo o amor é ou tem que ser, por evidentes razões de corpo e alma, e põ-lo a nu se diria que é fatalidade da ficção romanesca, literária ou cinematográfica. O presente filme joga com a expressão levando-a a um significado cultural e sociológico que a história pequeno-burguesa mal comporta.

A génese de «L'Amour Nu» é instrutiva: a realizadora construiu o seu argumento e pediu, depois, a colaboração da actriz Françoise Prévoist, autora duma autobiografia, «Ma Vie en Plus», que trata do problema central do filme: o pavor dum cancro descoberto no próprio corpo e a sua corajosa cura. Dessa colaboração resultou o «scénario» final — do qual se fez o filme e a colaboradora tirou, ela própria, um romance, ambos do mesmo nome. A história é assim informada por uma experiência humana que sublinha a cora-

gem da heroína — mas também por um conjunto de sentimentos ou preconceitos que contraditoriamente servem o propósito de Yannick Bellon. Propósito didáctico, sem qualquer dúvida, no que diz respeito à maneira de encarar uma ameaça de morte; mas também, na construção dramática, ele diz respeito ao comportamento sentimental da protagonista que, por honestidade ou orgulho, afasta de si o homem que ama, no receio de mais tarde, mutilada, o vir a perder.

Ele, descobre, porém, o segredo da amante e dá-lhe todo o seu carinho num apoio de amor e amizade — tudo acabando em bem, romanticamente, e salvando-se assim as boas intenções de um e de outro. E da realizadora também...

A mulher-objecto de desejo, com um seio a menos, não deixa de ser mulher por isso mas tudo é referido ao desejo e aos sentimentos do homem, de uma maneira que empresta possível (e indesejada...) leitura «machista» a este filme — que, porém, para além dum involuntário sentimentalismo convencional e fácil, tem uma escrita delicada e sensível, de mal empregada qualidade.

J.A. França

Uma alegre crítica à vida americana!

AMÉRICA divertida

★★★★★

realização de BRADLEY SWIRNOFF

estudio 2.ª SEMANA

EASTMANCOLOR INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS FILMES OCIDENTE

TRIBUNAL JUDICIAL DE LISBOA 2.º JUÍZO CIVIL ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da 2.ª e última publicação do presente anúncio.

Execução Sumária n.º 7681, 3.ª secção. Execuentes — Banco Pinto & Sotto Mayor EP. Executado — Arnaldo de Jesus Cruz Orelha, casado, residente na Rua da República, em Alcácer do Sal.

Lisboa, 3 de Novembro de 1981

O Juiz de Direito — Lino Augusto Pinto.

Pel'O Escrivão de Direito — António Silva Ribeiro.

«D.L.» — 12-11-81
1.ª Publicação

MICHEL SERRAULT • JACQUES DUTRONC
ROBERT DHERY • JEAN-LOUIS TRINTIGNANT

A MAIOR AVENTURA HUMANA DE AMANHÃ!



A REDESCOBERTA DO MUNDO PELOS POUCOS SOBREVIVENTES DUM CATACLISMO ATÓMICO!

Um filme de CHRISTIAN DE CHALONGE

PAVAVISION • CINEMASCOPE

DISTRIBUIDORES REUNIDOS

Int. m/13 anos

HOJE GRANDE ESTREIA

Às 21,30 NO

IMPERIO

«MALEVIL»: UM FILME, UM LIVRO
UMA EDIÇÃO PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA



As aventuras de Corto Maltese, de Hugo Pratt, vão ser editadas em português.

Dentro de dias, os dois primeiros álbuns da série «Sob o signo do Capricórnio» (O segredo de Tristan Bantam e Samba com tiro certo) estarão nas bancas, para satisfação dos admiradores da obra do veneziano, e, em geral, de todos os entusiastas dos quadrinhos.

A iniciativa parte das Edições 70 pela mão de Carlos Araújo (quem se embra desse admirável — e infelizmente efêmero — jornal chamado «Lobo Mau»?) e constitui um acontecimento cultural e editorial sem precedentes no domínio da banda desenhada que se publica entre nós.

Depois de meter mãos à publicação das aventuras de Alix, de quem saíram as duas primeiras histórias (Alix, o intrépido e A esfinge de ouro), aquela editora decide apostar no lançamento de um dos mais fabulosos heróis da figuração narrativa, vindo colmatar uma lacuna que nenhum editor arriscara até agora preencher.

E, no entanto, a consagração de Hugo Pratt não é de agora. Descoberto há uma dúzia de anos através de Corto Maltese, o italiano de-todas-as-parti-



das-do-mundo rapidamente impôs a profunda originalidade dos seus temas, em que passa uma delicada poesia e a que não falta um enorme sentido dos combates sociais, ideológicos e político do século. «O nosso objectivo, revelou ao «DL» Carlos Araújo, é editar banda desenhada de qualidade, didáctica, dentro de certos limites, recreativa para lá de todos os limites, e que tenha a ver com a evolução da própria BD em termos gráficos».

Partindo de uma atitude que considerou inserir-se numa linha de «reconhecimento da BD como forma de expressão atingindo níveis estéticos que não se encontram por vezes noutros campos», a escolha de Corto Maltese deriva de «uma opção artística clara, mas também comercial», acrescentou Carlos Araújo. «É um prazer publicar um grande autor, um herói popular, e uma banda desenhada em certo sentido clássica no contraste preto-branco, e que não necessita de recorrer à cor».

Corto Maltese é filho da união de um marinheiro da Cornualha com Nina de Gibraltar. «Capitão, sem barco, porque só os que nada possuem são verdadeiramente livres, navega entre dois tempos: o último romântico na antecâmara de uma era tecnológica, primeiro materialista no crepúsculo de um universo para sempre impregnado de magia».

(J. L. Fromental e F. Lando). Corto das sete partidas está na Europa nos anos de guerra de 1917-18, depois de ter passado pela América do Sul, período a que se reportam as aventuras agora publicadas. Desembarca em Veneza, a misteriosa, em busca dos sinais que levam ao El

Um acontecimento editorial

Corto maltese vai ser publicado em português

AVENTURAS DE CORTO MALTESE

SOB O SIGNO DO CAPRICÓRNI

O SEGREDO DE TRISTAN BANTAM



Dorado. Parte depois para a Irlanda, onde transporta armas para o Sinn Féin, Sul da Inglaterra, e por fim, França. Nos conturbados anos da revolução russa, está nas imensas regiões asiáticas.

Aparece em todos os lados, observa, encontra velhos amigos, polariza os acontecimentos apenas com a sua presença, vira as costas e desaparece... E nada volta a ser como dantes.

C. P.

ISABELLE HUPPERT

GIAN MARIA VOLONTE

EM



A DAMA DAS CAMÉLIAS

COM CLIO GOLDSMITH

FERNANDO REY

UM FILME DE MAURO BOLOGNINI

MUSICA ENNIO MORRICONE

FOTOGRAFIA ENNIO GUARNIERI

FILMITALIA

ESTREIA ÀS 21.30

CINE 22

Festa 82

JANEIRO
e
NOVEMBRO
82

INFORMAÇÃO

ORGANIZAÇÃO
CGTP-IN

Festival Sindical de Teatro de Amadores

Entre 1 de Outubro e 30 de Novembro de 1981

decorrem as inscrições para o III Festival Sindical de Teatro de Amadores

O Regulamento e os boletins de inscrição podem ser pedidos ao Departamento de Tempos Livres da CGTP-IN

A fase de apuramento do III Festival decorrerá de Janeiro a Março de 1982, e em Abril realizar-se-ão as finais regionais.

Os grupos apurados nas finais regionais

realizarão, entre Junho e Dezembro,

uma digressão nacional;

neste período realizar-se-á em Lisboa o apuramento nacional.

COMISSÃO NACIONAL

Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses Intersindical Nacional (CGTP IN) • Associação Portuguesa de Críticos de Teatro (APCT) • Associação Portuguesa de Escritores (APE) • Associação Portuguesa do Teatro de Amadores (APTA) • Associação Técnica e Artística da Descentralização Teatral (ATADT) • Centro Português de Teatro para a Infância e Juventude (CPTIJ) • Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) • Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio (FPCCR) • Reunião Inter Associações (RIA) • Sociedade Portuguesa de Autores (SPA) • Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculos (STE) • Deniz Jacinto • Egrito Gonçalves • Fernando Midões • Helder Costa • Ivone Chinita • Jaime Grahelro • Joaquim Brante • José Correia Alves • José Martins • José Rodrigues • Luís Eugénio Ferreira • Luís Francisco Rebelo • Maria Teresa Horta • Maria do Céu Guerra • Mario Barradas • Miguel Franco • Oliveira e Costa • Papinho Carlos • Pedro Tamarit • Romeu Correia

estudio

15.ª SEMANA

quarteto

um "best-seller" de Jeanne Cordelier baseado na sua própria experiência

MIU-MIU
MARIA SCHNEIDER



corpo e prazer,
entrega e ilusão,
sorrisos sem vida.

um filme de
DANIEL DUVAL
la derobade

CRÔNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO

INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

sacil

crónica de touros

SOLILÓQUIO

Negra a montera, brancos os bonés

Praça de Touros de Vila Franca. Domingo, 8 de Novembro de 1981. Festival do Ateneu. Novilhos da Sociedade Agrícola de Santo Estêvão e dos irmãos Oliveiras para Raúl Brito Pais, José Zúquete, forçados amadores de Vila Franca, Ortega Cano, Luís Francisco Esplá, Vítor Mendes, Manuel António e Pedro Santos.

Desculpem-se me repito: na nossa terra, só Vila Franca é lugar para acontecer um festival assim, como o que no domingo teve lugar a favor da nova sede do Ateneu. Um festival taurino como deve ser, sem exigências de corrida formal, mas em que a gente goza o paladar do que é toureiro, e paga a dádiva dos «diestros» com o reconforto desse calor humano que na Palha Blanco toma sabor a glória.

Tanto assim, que resistiu o festejo às componentes nacionais, ali representadas pelos campinos, teimando com os cabrestos nas recolhas a que os Oliveiras resistiram, mais de três horas permaneceu o público nas bancadas, até bem entrada a noite. E também nacional foi a primeira parte, ausentes o Baptista e o Emídio, caídos do cartaz não interessa averiguar porquê, deram lugar ao Brito Pais e ao Zúquete: cavaleiros de terceira divisão, marialvas suficientes para praças algébricas, onde a ignorância dos turistas por todos distribui o benefício da dúvida. Mas sejamos com eles indulgentes, não peguemos nas desastrosas palavras com que pelo altifalante anunciaram a entrada do Zúquete, «que tomou a alternativa por acaso aqui em Vila Franca». E para que não seja pior a emenda que o soneto, de Conrado guardemos o prudente silêncio, cortado apenas para louvar que à última hora se tenham disposto a tapar o buraco dos consagrados, a darem de boria o que puderam, que a mais não eram obrigados.

A tarde abriu, como é costume e no seu festival não podia deixar de ser, com a banda do Ateneu. Antes de subirem ao seu lugar na galeira, onde por todos os toureiros seriam brindados, na arena fizeram desfilar o alinho e brancura de suas fardas, depois no meio dela se quedaram tocando: e ao mandado do regente batia o bombo, rodavam os músicos noventa graus, para que cada sector ouvisse de frente seu passodoble. Acompanhava o maestro a rotação de sua banda, detinha o lento e pausado andar na vênica agradecida, depois os braços erguia aos aplausos, que a cada girar se acrescentavam; e sorria o maestro do triunfo, o da música e o da tanta gente que acorrera à Palha Blanco, abarrotava o Sol e as galerias, trazida pelo cartaz e porque do Ateneu se tratava, orgulho da terra.

Também de Ortega Cano começa a terra a orgulhar-se, e o de Cartagena a senti-lo. Pela quarta vez em Vila Franca, toureiro, erguida a planta, quietos os pés, o ir e vir dos braços levando e trazendo a nobreza do Oliveira, que era brando de mãos mas tinha casta a sustentar-lhe a investida, de touros com casta precisam os toureiros que a têm, toureiros como Ortega Cano, mais dados ao valor do que à filigrana, mas valor com repouso e com temple. Seus tinham sido os lances de maior ajuste e beleza que em toda a tarde com o capote se deram. E ao terminar da faena o luzido trasteio, fora deitou a muleta, e da arena a levantou, sem precisão de emenda para se perfilar, fingir a estocada, mesmo sem ela já a praça se fizera sua: bastou ver, na volta à arena, aquela chuva copiosa de prendas, caindo aos pés do de Cartagena; e depois o sustentado clamor com que toda a praça obrigou Ortega Cano a dar segunda volta, de tanto entusiasmo se diria que se-

gunda terra tinha encontrado.

E falando de bandarilhas, dos vinte e dois pares que na tarde se usaram, teria preferido ver cada matador em seu novilho, quando muito reservar para as faculdades de Esplá e de Mendes o espectáculo de em parilha exibirem seus recortes e fantasias. Mas o sistema foi outro, o espada tomava quatro pares, dividia-os entre os companheiros, entre a animação geral os cravavam, cada um o seu, nem sempre felizes, até porque com tão demasiados bandarilheiros custava ao touro fixar-se em qual tinha a vez do desafio. Poderoso esteve esse caso sério que se chama Vítor Mendes; com decoro se defendeu Manuel António; foi soberano o último par de Ortega Cano, citando sentado no estribo, aguentando a sesgo; e espectacular já se sabe como é Luís Francisco Esplá, vertiginoso, quase meteórico — mas metendo a praça no bolso, na sua maneira fácil de ir ao encontro das hastas, naquelas voltas inteiras que dá na cara dos touros, até no saltar a trincheira, já estão pernas e corpo lá dentro quando as mãos buscam o apoio da madeira.

Digam, se quiserem, que é condescendência de festival: menos suave e mais veloz que seu irmão Juan Antonio, mostrou Luís Francisco Esplá a mesma escola de lidador, «avisrara» nos tempos que correm: com ofício, variado, inteligente, desperto e pronto ao quite, toureiro no estar e no andar em praça. À praça brindou Luís Francisco sua faena, começou sentado no estribo, com sete passes sem emenda, quando de pé rematou já a ovação se fizera grande. O novilho passava, embora de cabeça alta; e, se não houve obra ligada, vasto foi o repertório de passes e adornos, com ele conquistou Vila Franca: também duas voltas clamorosas deu à Palha

Blanco, mais uma terceira com os ganaderos Oliveiras, acabou ainda no meio, com passaporte para voltar.

Não tenho nada contra Manuel António, sinto que seja um novilheiro sem passaporte para o futuro nem para a esperança, o sítio perdido entre uns assomos de vontade; o que estou é contra aquilo que anunciava um aviso à entrada da praça, contra a imposição do Sindicato dos Toureiros, que do cartaz obrigara a retirar Pedro Castilho, o novilheiro «puntero» da temporada. Na linguagem universal da criação artística, a livre contratação deve estar além de fronteiras, ser antídoto contra a protecção de vulgaridades e incompetências. Imaginem que, no Teatro Nacional, os espectadores que nestes dias fossem assistir às representações do «Betrayal», de Harold Pinter, se encontravam com um cartaz anunciando que, por imposição do Sindicato dos Artistas, um dos autores britânicos fora substituído, o papel de «Terry» seria interpretado por um português, há que tempos sem um contrato, coitado, precisa de trabalhar. Além de «non sense», seria ridículo. Precisamente isso, ridículo. Adiante.

Chama-se Pedro Santos, e é de Vila Franca. Lidou, sem fazer o ridículo, um Cabral Ascensão oferecido ao Ateneu pelos herdeiros de Maria do Carmo Palha. Por sinal, o maior da tarde, um touro com

peso, «trapio», e nobreza também. Muita coisa tem para aprender, quase tudo, este Pedro Santos, promessa de Vila Franca, mais uma. Movido e embaralhado no capote. Ainda desigual mas já vistoso nas bandarilhas, saindo pelos dois lados e levantando os braços. E na muleta, a cada passe bonito faltava-lhe o remate, comprometia o seguinte: mas tem uma mão esquerda que manda, que marca das hastas o caminho. Da lassidão no levantar-se e reagir, naquela vez em que foi colhido, ficou a dúvida se será capaz de mover montanhas para ser toureiro; mas no estar assim sereno na cara do touro, no adiantar o engano sem trapas, no luminoso detalhe daquele molinete, ganhou Pedro Santos o direito a compartilhar a ovação final com que a praça se despediu dos matadores, a esperança deixara de ser apenas sua, a todos já pertencia.

Festival do Ateneu. Em toda a tarde, a música vibrante da sua banda, dele também protagonista: aconteceu no touro quinto, mas vinha da feira de Outubro, da tarde em que Vítor Mendes brindou aos músicos, lembrando tempos em que era um deles; do jovem matador voou a montera até lá acima, e com ela nas mãos ficou José Araújo, o também jovem maestro, que desses momentos sentiu nascer a inspiração, chegou a casa e pôs-se a

compor um passodoble dedicado a Vítor Mendes, «Montera Negra» lhe chamou. Um mês passou. E agora, que o novo matador de Vila Franca brindava em longo discurso aos companheiros, que de longe trouxera em ajuda ao Ateneu, postas nos instrumentos as notas do novo passodoble, prontos estavam os músicos para romper com a homenagem a quem os não esquecera, contra vento e maré, sabe-se lá de quantas intrigas, caprichava em pôr de pé aquele festival.

Não foi brilhante a faena, nem podia ser, que o novilho se revolvía, se metia, três vezes pôde mais que as faculdades do toureiro, três vezes o agarrou. Mas das três vezes à peleja voltou Vítor Mendes, com ânimo redobrado, o seu e o da música do passodoble, vibrando na Palha Blanco. E quando a faena acabou, selada pela teimosa entrega, estava a praça com o toureiro da terra, no repetir da volta à arena, nas prendas que nela caíam, no alento das vozes que as gargantas soltavam. E foi então que lá de cima, como pássaros que em alegre bando buscassem o poiso da arena, voaram os bonés brancos dos músicos da banda do Ateneu, aos pés do matador se espalharam, deles se fizeram tapete, caminho desejado para quando, ao sol da Ibéria, a montera negra outra vez se erguer, já de volta a Primavera.

TEATRO DA TRINDADE-INATEL

APRESENTA

Espectáculos integrados no «Ciclo do Teatro do Trabalhador»

Sexta-feira, 13 de Novembro
às 21.30 horas

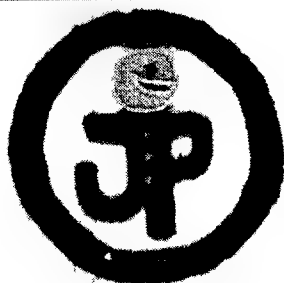
MOÇOS E VELHOS

de Rangel de Lima
pelo

Grupo Cénico do CCD da Nacional

Domingo, 15 de Novembro
às 16 horas

O DIA SEGUINTE

de Luís Francisco Rebelo
pelo«Esteiros» — Grupo da Sociedade Euterpe
AlhandrenseOs sócios do Inatel, dos Ccads., Cpts, Terceira
idade e jovens menores de 18 anos beneficiam de 50%
de desconto.EXTERNATO
JOAO PEQUENO
INFANTIL — PRIMÁRIOÚLTIMAS
INSCRIÇÕESABERTO TODO O ANO
Horário 8-19.30 h
R. da Estrela, 21
Telef. 664455 — 1200
LisboaPOUPE
COMBUSTÍVELSempre que possível
utilize os transportes
públicos.DIRECÇÃO-GERAL
DE VIAÇÃOVamos voltar a Viver
"YESTERDAY"CLORIS LEACHMAN • ROY FORGE SMITH
DEBRA KAREN

VINCENT VAN PATTEN • CLAIRE PIMPARE • EDDIE ALBERT

Realização de LARRY KENT
Interdito a menores de 13 anosUMA SUBLIME MENSAGEM...
... UM LIBELO CONTRA A GUERRA...HOJE
ÀS 21.30

ESTREIA CASTIL ROXY



Teatro do Mundo na Estufa Fria todos os dias até 14 de Novembro às 25.15 h.

terramoto no chile



Cabeleireiro Eva

Praça Marquês de Pombal, 1 — Lisboa

AS SUAS SECÇÕES DE:

mise • brushing • corte • manicure • pedicure • depilações

FUNCIONAM DAS

8.30 h. às 20.30 h.

Tribunal do Trabalho de Lisboa

14.º Juízo
1.ª Secção
P.º 190/77-C

2.ª Publicação

— O DOUTOR: — FERNANDO JOSÉ LEAL LOUREIRO PIPA, Juiz do 14.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa.
— Faz saber pela 1.ª Secção deste Juízo — e nos autos de acção ordinária que Maria Rosa Arrevelo Leonardo, move contra ADÃO DA ROCHA RIBEIRO, cuja última morada conhecida foi na Rua Serpa Pinto 69-1.º e em Vila Franca de Xira e ANTÓNIO PINTO COELHO, cuja última morada conhecida foi na Quinta das Flores lugar de Covas Rio de Mouro, Sintra, actualmente em parte incerta, correm editos de trinta dias (30) citando os referidos Réus, para no prazo de 5 dias, findos que sejam os dos editos, contados da segunda e última publicação do anúncio, querendo contestarem a referida acção sob pena de serem condenados no pedido.

— O duplicado legal encontra-se na Secção onde poderá ser solicitado pelos citados.

Para constar se lavrou o presente anúncio e outro de igual teor que vão ser devidamente publicados nos lugares designados pela Lei.

Lisboa e Tribunal do Trabalho aos dezasseis de Outubro de mil novecentos e oitenta e um.

O JUIZ DE DIREITO
(illegível)

O ESCRIVÃO
(illegível)

PAPEIS de parede

Campanha de Outono

PAPEL

230\$ 180\$^{ROLO}

BARROS & BARROS, LDA.

R. JOSÉ DURO, 22-E TEL. 89 20 57
1700 LISBOA (Alvalade)

Rua Tenente Raul
Casais, 1-A
1200 LISBOA
Telef. 661515/669205

teatro
do bairro
alto

teatro da Cornucópia

teatro da Cornucópia

NÃO SE PAGA!
NÃO SE PAGA!
de
Dario Fo

9.º MÊS

Últimas Representações

Todos os dias às 21.30. Domingos só às 17 horas 2.ª feira (descanso).

S. R.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA 1.ª PUBLICAÇÃO ANÚNCIO

Faz-se saber que pelo 14.º Juízo, 2.ª Secção do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm seus termos uns autos de execução por quantia certa — Sentença em que é exequente Luis Delgado Marques Moucho, residente na Rua Adriano Canas, n.º 16, Porto Salvo — Oeiras e executada Miss Garagem, Lda., com sede na Praça da Igreja, n.º 10-A, 2700 Amadora e, registados sob o n.º 32/81 e neles correm editos de vinte dias, citando os credores desconhecidos para no prazo de dez dias, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, deduzirem seus direitos, nos termos do art.º 864.º do Código de Processo Civil.

Lisboa, 9 de Outubro de 1981

O Juiz de Direito do 14.º Juízo — a) Fernando José Leal Loureiro PIPA. Pel'O Escrivão de Direito — a) Ruth Pinto.

COMUNA

teatro de pesquisa

DIARIAMENTE AS 21.45 H
DOMINGO SÓ AS 17 H
2.ª-FEIRA DESCANSO

curta série de espectáculos
só até 15 de novembro

SERENA GUERRILHA

TEXT: ABEL NUNES • COMUNA

MÚSICA
fontes rocha

ENCENADO: joão mota

SÓ ATÉ DOMINGO

ANTES OU DEPOIS DA PEÇA JANTE
OU CEIJE NO CAFÉ-TEATRO

PRAÇA DE ESPANHA • TEL. 76 26 24 • SUBSÍDIO DA SEC

CARAVANA PLIANT gaia

FINS DE SEMANA • TURISMO
VIAGENS • FÉRIAS



COM
ISTO

ISTO
EM 15" ONDE
QUISER

QUARTO DE CASAL 1.20 x 200	SALA DE ESTAR 1.75 x 2.30	BANCO	QUARTO DE CASAL 1.35 x 1.80
			ROUPEIRO 0.40 x 1.30
COZINHA 1.20 x 2.50	SALA 3.40 x 2.30		

GRANDE CAMPANHA
COMPRA AGORA

VISITE-NOS:

ABERTOS AO SABADO TODO O DIA

MENSALMENTE
1.800\$00

ELA FEZ DELE O AMANTE,
O HERÓI, O HOMEM RICO
... E O ASSASSINO!



amor e violência!

ATLANTIC CITY, U.S.A.

um filme de LOUIS MALLE

com

BURT LANCASTER • SUSAN SARANDON
MICHEL PICCOLI

HOLLIS McLAREN • ROBERT JOY • AL WAXMAN

argumento JOHN GUARE produção DENIS HEROUX música MICHEL LEGRAND

FILMES OCIDENTE • NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

estudio
444

2.ª SEMANA

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Os cãndidos magarefes

1 - Resumindo uma vez mais, foi assim: o Governo (ou isso a que se chama Governo) mandou que a Televisão encerrasse (suponho que para descanso dos portugueses) às onze horas. A partir de Outubro, a RTP resolveu, por sua alta recreação, furar essa ordem. A coisa tornou-se tão escandalosa que o Governo (ou alguém com essa alcinha) a repreendeu com delicadeza: «Menina, à sala. Eu não disse à menina pra fechar o negócio às onze»? A RTP então, respondeu: «Sir, temos tudo programado para fechar às onze e meia. Só dentro de 15 dias estaremos funcionais para as onze».

Agora, a realidade: a RTP desobedece ao Governo (ou a quem julga que o é) e desobedece-se a si própria. Ontem, quando fechou, faltavam dois minutos para a meia-noite...

Proença, Proença, que trunfos guardas tu na manga?

2 - os partidos foram ouvidos. A Televisão ouviu os seus representantes. Vem a propósito sublinhar o que isto representa de pluralismo político, ao contrário do que por vezes se diz.

Claro que há sempre detractores, mas a realidade coloca tudo nos seus devidos lugares. A verdade é esta: a Televisão pôs as suas câmaras ao dispor de todos os partidos, a fim de estes informarem cabalmente o povo português. O resto são intrigas.

Esquecia-me de dizer que cada partido tinha 30 segundos para, cabalmente, informar...

3 - Vasco Lourenço, conse-

heiro da Revolução, prestou breve depoimento ao Teletjornal. De aplaudir a sua sugestão de transformar o inquérito às suas declarações num inquérito público. No entanto, creio que, se se fizer um inquérito público à corrupção, Portugal correrá o perigo de ficar sem papel, tais as proporções do inquérito.

Nota à margem: a propósito do chamado «documento Melo Egídio» sempre na RTP se referiu o «Expresso». Mas quando recita o artigo de Vasco Lourenço nunca se nomeia o «Diário de Notícias».

Limitam-se a dizer que o artigo foi publicado «num jornal de Lisboa»...

Justiça ou melhor: publicidade... de funil.

4 - José Cândido de Sousa faz um comentário sobre Angola, a propósito do sexto aniversário da independência. Suspendo a escrita à procura de um adjetivo que o qualifique e só me acode um: obscuro.

Obscuridade de má-fé, de catastrofismo, de agressividade, de lampeirice ignara. Deturpação sórdida de uma realidade histórica.

Para alguns polichinelos «analistas», Angola comete o crime de não reparar, em seis anos, os crimes, os desgastes, as destruições, o processo de aniquilamento nacional a que foi sujeita durante muitos séculos!

Cândido poderá ser. Candidamente é que ele não falou.

5 - Afastei-me do filme do primeiro canal, passei-me para o

segundo. Embora com algumas fragilidades, «Quarta há noite» oferece algum interesse para o crítico.

Aconteceu mudança total no esquema. Era dia de informação internacional. Uma espécie de «grande reportagem». Mas enquanto esta busca a França, «Quarta há noite» está com os ingleses.

A primeira parte investigava o caso do urânio importado da Namíbia. Importação ilegal, dado que infringe as disposições da ONU. Ouvido, o presidente da multinacional RTZ responde frontalmente: sim senhor, a gente sabe que é ilegal, larguem-nos a braguilha, o Governo inglês sabe, queremos lá saber da ONU...

Ouve-se ainda BcBride, prémio Nobel da Paz, que condena o negócio e o considera um roubo ao povo da Namíbia. Também ouvem representantes da SWAPO, único representante legal do povo namibiano.

E a denúncia fica feita, muito embora não levada às últimas consequências. Os ingleses sabem bem onde devem parar...

6 - Já na segunda reportagem

tudo foi diferente. Toda ela se orientava no sentido de criar um clima emocional contra a RDA, contra o regime socialista: aquilo é terrível, são uns totalitários, cá deste lado é que é bom, a gente semos democratas, graças a Deus, aí é tão bom, tão bom viver do lado de cá...

A reportagem insere as clássicas imagens do muro de Berlim, fronteira da RDA, fronteira a que todo o Estado tem direito. Ou não? Em Portugal se alguém pretender atravessar ilegalmente a fronteira, a Polícia não intervém? Não actua? E, se for preciso, não atira?

Mas que sucede? A reportagem ouve alemães da República Federal, ouve alemães de Leste passados para a RFA, após negociações. Mas, acerca dessas negociações, não ouviu ninguém da RDA!

É isto isenção? É isto informação correcta e livre como sugeriu o apresentador Carlos Ribeiro?

Não, não é. A isto chama-se manipulação, propaganda política, falsificação.

Mais uma operação desgraçada que a RTP apadrinha...

EDITORIAL CAMINHO edita LOUIS ARAGON

Preenchendo uma importante lacuna há muito sentida no nosso país a Editorial Caminho empenhada na divulgação em Portugal dos grandes escritores contemporâneos, acaba de lançar no mercado «Os Sinos de Basileia», de Louis Aragon. Autor de uma vasta obra que está longe de ser devidamente conhecida do nosso público, pese embora o facto de poemas seus serem cantados por intérpretes franceses de grande aceitação no nosso país como é o caso de Leo Ferré e Georges Brassens. Aragon é o maior escritor francês vivo.

«Os Sinos de Basileia» assinalou o início de uma nova e importante fase da sua criação a fase realista. Neste romance, Louis Aragon, transmite ao leitor todo o ambiente do princípio deste século, com a Primeira Guerra Mundial a pairar no horizonte num tom ora trágico ora irónico, sempre fluente e rico de contrastes.

Registe-se, aliás, que a Editorial Caminho, na sua colecção «Uma Terra sem Amos», tem feito um esforço considerável no sentido de divulgar em Portugal uma gama de autores de todo o mundo, nomeadamente africanos, cujas obras pela sua grandeza e alcance estão na primeira linha da literatura de qualidade dos respectivos países.

Antes de «Os Sinos de Basileia», de Aragon, obras como «Os Pedacos da Madeira de Deus», do escritor e cineasta senegalês Sembène Ousmane, «A Insurreição», do irlandês Liam O'Flaherty, «A Última Mulher e o Próximo Combate», do cubano Manuel Cofino, «Sob o Jugo» do búlgaro Iván Vazov, «Uma Vida de Boy» do camaronês Ferdinand Oyono e outros tiveram grande receptividade por parte do público interessado. A Editorial Caminho pretende continuar a divulgar em Portugal os grandes autores da literatura mundial contemporânea.

E os próximos lançamentos serão disso uma prova inequívoca.



NAS PASSADEIRAS

Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização luminosa



Manuel Rafael, Lda.
TUDO EM MATERIAL ELECTRICO
TV, DO FORNO, 7-A (AO ROSSIO) T. 3710012

Hoje



Rui Mendes, numa cena de «Uma Cidade como a Nossa»

- 18.07 Sumário
- 18.10 Tempo dos Mais Novos
- 18.45 País, País
- 19.10 Res-Pública - em foco Caminha.
- 19.45 «Olhai os Lírios do Campo» - 21.º episódio.
- 20.25 O Tempo
- 20.30 Teletjornal - as notícias do País e do estrangeiro.
- 21.00 Tempo do Governo - com a presença do ministro das Finanças.
- 21.05 «Uma Cidade como a Nossa» - último episódio. «A César o que é de César». Intérpretes: Rui Mendes e Júlio César. Produção: Garcia Rosado. Realização: Luís Filipe Costa.
- 22.00 Primeira Página
- 22.55 24 Horas - últimas notícias.



Na RTP-2, exhibe-se esta noite, o 5.º episódio de «O Exército Secreto»

18.45 País, País
19.10 «Sítio do Picapau Amarelo»

- 19.40 Éxitos d'Ontem na RTP - «Lucy Show».
- 20.05 Rock Português - com o conjunto UHF.
- 20.30 Informação/2
- 21.00 Povo e a Música - programa musical, com o rancho folclórico «Rosas de Lena».
- 21.30 Complemento Directo
- 22.00 «O Exército Secreto» - 5.º episódio.



Das 13.20 às 17.20: Ciclo Preparatório TV; 18.10: Tempo dos Mais Novos; 18.45: País, País; 19.15: A Magia das Bonecas; 19.45: «Olhai os Lírios do Campo» - episódio n.º 22; 20.20: O Tempo; 20.25: Hóquei em patins, transmissão directa do jogo Portugal-Espanha; 22.05: Teletjornal; 22.35: Naves Fora Nada; 23.40: 24 Horas.

18.45: País, País; 19.10: «Sítio do Picapau Amarelo»; 19.40: O Homem e a Terra; 20.05: Jeito e Efeito; 20.30: Informação/2; 21.00: Grandes Maestros; 22.00: Informação/2; 22.30: Páre, Escute e Olhe.

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!



«Uma Cidade como a Nossa» (21.05)

«O Exército Secreto» (22.00)



Além de um programa a escolha oferece-lhe



Resumo do episódio de hoje

Alzira afirma a Madalena que esta é a única pessoa que pode recuperar o filho e que, se gosta dele, deve tentar fazê-lo. A artista desiste, então, de abandonar a cidade.

O convite do dr. Bellini a Olívia para trabalhar em Nova Itália é recusado e o dr. Teixeira permite que o seu colega Seixas utilize a sala de operações em troca de uma pequena quantia, mas com a promessa de que fará algumas operações de graça para o hospital.

Alzira aconselha o filho, Ernesto, a ficar com Madalena, lembrando-lhe que ela gosta muito dele. Entretanto Eunice diz a Acélio que gosta dele apenas como irmão, e Cintra envia um recado a Eugénio, pelo dr. Teixeira, para que se encontre com ele.

Dora encontra-se com o judeu Simão no jardim de sua casa.

ASSISTENCIA TECNICA GRUNDIG

NACIONAL RADIO - Rua B. Jesus Carreira 17, Cruz Quebrada - Tel. 2112871

O fascínio do irreal na obra prima de Boorman

“Maravilhoso”
DIÁRIO DE NOTÍCIAS



“Fabuloso”
DIÁRIO DE LISBOA



“Magnifico”
CORREIO DA MANHÃ



EXCALIBUR

John Boorman's EXCALIBUR

Nigel Terry • Helen Mirren • Nicholas Clay • Cherie Lunghi • Paul Giamatti
Niccol Williamson • Executive Producers Edgar F. Gross • Robert A. Eisenstein
Directed & Produced by John Boorman • Screenplay by Rospo Pallenberg
Adapted from Malory's Le Morte D'Arthur by Rospo Pallenberg

MONUMENTAL TRINDADE 3. SEMANA TERMINAL

INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

RESTAURANTE SONICRIST

Exposição permanente de velharias e antiguidades

- Cozinha Regional
- Mariscos
- Serviços de gelados
- Grelhados a carvão

ESPECIALIDADES

- Strogonof
- Cordon bleu
- Wiener Schnitzel
- Tournedo

Rinchoa — Rio de Mouro (Junto à estação)

1.º MÊS DE ÊXITO

TEATRO IBÉRICO

Retábulo do Amor profano

NO TEATRO ABERTO ÀS 21.30
DOMINGO ÀS 18

ÚLTIMAS EXIBIÇÕES
NÃO PERCA ESTE MARAVILHOSO
ESPECTÁCULO

GRUPO DE CAMPOLIDE — ACADEMIA ALMADENSE
TEL. 2752175

BREVEMENTE
«A EXCEÇÃO E A REGRA»
de B. BRECHT

Encenação de PETER SCHROTH e PETER KLEINERT
do Theater IM PALAST de Berlim
SUB/SEC/CMA/Gulbenkian

TRIBUNAL CIVIL DA COMARCA DE LISBOA ANÚNCIO

O DOUTOR ALÍPIO DUARTE CALHEIROS, Juiz de Direito no 4.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa:

FAZ SABER que no dia 3 do próximo mês de Dezembro, pelas 10 horas e à porta do Tribunal deste Juízo, e nos Autos de Execução Sumária N.º 10 087 da 3.ª Secção, que a Companhia de Seguros Império, EP move contra Equilava — Equipamentos de Lavandaria e Hotelaria, Lda, com sede na Rua Tomás de Figueiredo, N.º 8-C em Lisboa há-de ser posto em praça, pela primeira vez, para serem arrematados pelo maior lance oferecido acima do valor indicado, os bens a seguir indicados e dos quais é depositário Célio Lopes Parada, residente na Rua Carlos da Maia, N.º 41-r/c em Lisboa.

BENS A ARREMATAR
1 — Um cofre, marca «FE», com cerca de 1,18 m de altura, em bom estado, avaliado em 13 000\$00.
2 — Uma máquina de escrever marca «Messa», em bom estado de conservação e funcionamento, avaliada em 5 000\$00.

3 — Duas secretárias metálicas, com tampo em fórmica e três gavetas, em bom estado, avaliadas em 5 000\$00.
4 — Um armário metálico, com duas portas e cinco prateleiras, com cerca de 1,95x1m, em bom estado, avaliado em 5 000\$00.

5 — Um armário metálico, com tampo em fórmica e quatro portas, em bom estado, avaliado em 3 500\$00.
6 — Uma secretária metálica com 6 gavetas, cinco cadeiras forradas em napa preta e duas mesas de máquina de escrever, sendo uma com seis gavetas e um ficheiro com quatro gavetas, tudo avaliado em 11 000\$00.

7 — Duas estantes metálicas, uma com seis prateleiras e outra com quatro, avaliadas em 2 000\$00.
Para constar se passou este e outro de igual teor, para serem afixados nos lugares determinados pela lei.

Lisboa, 9 de Novembro de 1981
O JUIZ DE DIREITO
Alípio Duarte Calheiros
Pel'O Escrivão de Direito
a) Manuel Gomes Ferreira

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)
COMPRA VENDA

AFRICA DO SUL (rand)	58\$25	63\$25
ALEMANHA FED (marco)	28\$55	29\$65
AUSTRIA (xelim)	3\$95	4\$15
BELGICA (franco)	1\$542	1\$742
BRASIL (cruzeiro)	\$323	\$573
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	52\$80	54\$80
(notas de 5 a 1000)	53\$30	55\$30
DINAMARCA (coroa)	8\$85	9\$25
ESPAÑA (peseta)	\$629	\$729
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	63\$00	65\$00
(notas de 5 a 1000)	63\$50	65\$50
FINLÂNDIA (marka)	14\$50	15\$10
FRANÇA (franco)	11\$20	11\$90
HOLANDA (florim)	26\$00	27\$00
INGLATERRA (libra)	119\$30	123\$30
IRLÂNDIA (libra)	101\$00	105\$00
ITALIA (lira)	\$049	\$059
JAPÃO (yene)	\$251	\$286
N.º 3, JEGA (coroa)	10\$75	11\$25
SUECIA (coroa)	11\$50	12\$10
SUIÇA (franco)	35\$60	36\$70
VENEZUELA (bolivar)	12\$75	13\$75

Observações:

1. — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

Centenário do nascimento de Picasso

Uma exposição comemorativa do I Centenário do Nascimento de Picasso é inaugurada no próximo sábado na Casa da Cultura das Caldas da Rainha.

O certame, que encerra no dia 19 do corrente, apresenta o seguinte calendário:

Naquele primeiro dia, pelas 21 e 30, um concerto coral, pelo Grupo de Música Vocal Contemporânea, com, no programa, «Yo Lo Vi», de Luis Pablo, acompanhado de projecções de Goya e Picasso; no dia 15, exibição de filmes sobre o grande pintor; no dia 16, às 21 e 30, um recital de canto e piano, assente em obras de Brahms, Carlos Nobre, Koellreuter e Mahler; no dia 17, às 21 e 30, um colóquio por Rui Mário Gonçalves ilustrado com diapositivos; e nos dias 18 e 19, às 21 e 30, os filmes «Guernica», de Alain Resnais, e «Morrer em Madrid», de Rossif.

Exposições

«Anjos e Demónios» é o título de uma exposição de desenho e pintura de Lima de Freitas que vai ser hoje inaugurada na Alliance Française de Lisboa (R. Braancamp, 13, 1.º). A mostra estará patente de segunda a sexta-feira, entre as 10 e as 20 horas.

Pintor, desenhador, gravador, ceramista, autor de livros como «Pintura Incómoda»,

«Voz Visível», «O Labirinto», «Almada e o Número», «A Imaginação da Imagem»,

de cerâmica. Foi também professor de formação artística na Dinamarca, director-geral



Lima de Freitas expõe pintura e desenho na Alliance Française. Tema: «Anjos e Demónios»

Lima de Freitas obteve um prémio internacional de desenho em Varsóvia, em 1965, com as suas ilustrações para o «D. Quixote» de Cervantes. De 1975 a 1976, dirigiu o «Atelier d'Art de Charde-noux», onde criou um centro

da Cultura em 1976/77 e actualmente é director do Teatro Nacional D. Maria II.

Karel Apell na Gulbenkian. Nas Galerias das Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian, numa iniciativa conjunta da Embai-

xada dos Países Baixos e da-queia Fundação, inaugura-se hoje, às 18 horas, a exposição do pintor holandês Karel Apell, que ficará patente ao público até princípios de Dezembro. A exposição é composta por um conjunto de 52 quadros a óleo que constituem um dos pontos mais significativos da carreira do artista.

Teatro

«Estórias de Pouca Vergonha», espectáculo apresentado pela Companhia de Teatro Popular numa encenação de José Viana, estreia hoje, às 21.45, no Teatro da Academia de Santo Amaro (a Alcântara). Manter-se-á em cena até ao dia 29, às sextas e sábados, às 21.45 e aos domingos às 16 horas.

Cinema

Com a exibição do filme «Le Bonheur», de Agnès Varda, prossegue hoje em Santarém um ciclo de «20 Anos de Cinema Francês» que está a decorrer no Museu da Assembleia Distrital. Amanhã, será projectado «Pierrot le Fou», de Jean-Luc Godard. Sessões às 21.30.

Cinema no AR.CO Com a exibição de A Boneca, de Ernst Lubitsch, prosseguem hoje as sessões de cinema programadas pelo AR.CO, para o corrente mês. Amanhã e depois, o AR.CO apresenta As Brancas Montanhas da Morte (Jeremiah Johnson), de Sidney Pollack. Sessões às 21.45.



UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena 1

16.00: Sem margem — cinema; 17.00: Ciclo musical; 18.00: Formas de energia; 18.45: RDP-regiões; 20.00: Enquanto os outros vêem TV; 20.20: Relato da 2.ª parte do jogo de hóquei em patins Suíça-Portugal; 21.00: Livre e directo; 02.00: Madrugada da RDP-Centro; 05.30: Programa rural. Grandes blocos informativos: 13.00, 19.30 e 23.30.

Programa 2

15.30: Que quer ouvir?; 16.30: Música de Emmanuel Nunes; 17.00: «Os Olhos Férteis»; 18.05: Encontro com...; 19.00: Para além da leitura; 19.45: Canto gregoriano; 20.10: Música de Tchaikovsky; 21.00: Ópera comentada; 22.30: Bartok, visto por nós; 00.00: Orquestras de câmara; 00.30: Intérpretes portugueses; 01.00: Fecho.

Rádio Comercial (283, 290 e 397m)

15.45: Teatro trágico; 17.03: Todos no top; 18.08: Hora de ponta — espaço 3 P; 20.03: Quando o telefone toca (1.ª edição); 20.30: As cidades e as serras; 21.03: Telefone top; 21.30: Quando o telefone toca (2.ª edição); 22.03: Portugal e a CEE; 22.15: Hora luterana; 22.30: Tempo de desporto; 22.08: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.03: Rock em stock; 18.03: Círculo em FM; 19.03: Em órbita; 20.03: Rolls rock; 21.03: Abandajazz; 22.03: Café concerto; 00.03: O vapor da meia-noite. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

16.00: Aqui e agora; 17.00: Jornal da mulher; 18.15: Igreja em notícia; 18.25: Palavra do dia; 18.30: Transmissão do terço da Basílica dos Mártires; 19.00: Programa da LAR; 19.30: Revista de Imprensa; 20.00: Paju; 21.00: O som da noite; 21.30: Diálogo e vida; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Revisão constitucional; 23.10: Programa cultural; 23.30: Nota de abertura; 23.55: Meditando. Grandes blocos informativos às 19.30 e 23.30. «Flashes» — noticiários de hora a hora.

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 13 277

1												
2												
3												
4												
5												
6												
7												
8												
9												
10												
11												

HORIZONTAIS:
1. Sobejos que se despezam. Antes de Cristo.
2. Laços (fig.). Desvio de um lugar.
3. Canto em coro. Batráquio. Distar.
4. Reis. Pessoas cujo temperamento as torna intratáveis.
5. Cobalto (s.q.). Pronome pessoal. Camareira.
6. Testemunharemos.
7. Prefixo de negação. Respeito.
8. Nome de mulher. Épocas.
9. Pouparam (Prov.).
10. Pecado. Flutuava.
11. Punhado. Sugues o leite materno.

VERTICAIS:
1. Libertino. Outrossim.
2. Rei lendário de Tróia. Espectáculo. Batráquio.
3. Carapuças. Não frequente.
4. Pegas. Espada chinesa, curta e muito afiada.
5. Vila e sede de concelho (Santarém).
6. Tempo do verbo haver. Dança popular portuguesa. Rado (s.q.).
7. Atacaram.
8. Senhores. Residência.
9. Tempo do verbo ser. O sustento. Lavram.
10. Transferis para outro dia. Rio da Aquitânia (França).
11. Carrinho sem rodas puxado por uma ou mais pessoas e em que se transporta gente. Conjunção.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9 136

1												
2												
3												
4												
5												
6												
7												
8												
9												
10												
11												

HORIZONTAIS:
1. Remediar. Sopeiras.
2. Venera. Recolhe na adegas.
3. Porco. Apellido. Carta de jogar.
4. Procedem. Mulheres de mau gênio.
5. Poisa no mar (o avião). Cidade da antiga Caldeia.
6. Movo os remos. Esquadrão.
7. Cidade da Suíça. Cigana (Bras.).
8. Liga. Despidas. Zomba.
9. Arqueai. Volta.
10. Gostar muito de. Pêlos de certos animais.
11. Género de pássaros dentirrostros cujo tipo é o papa-moscas do Senegal. Habitar.

VERTICAIS:
1. Mulher baixa. Ocultara.
2. Proposição latina que designa movimento. Gálio (s.q.). Oásis.
3. Assinalam. Castas.
4. Aromatizara. Estime.
5. Batráquio. Agrupavas (fig.).
6. Ícam.
7. Cure. Escavar.
8. Detestou. Crustáceo isópode do género asellus.
9. Nome de letra. Clima. Conceder.
10. Nome de letra (pl.). Elegante.
11. Sadias. Cidade da Turquia.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 276

- HORIZONTAIS**
1. BOA. MESA.
2. Escala. Aviso.
3. Sacar. Cones.
4. Hió. Uçu.
5. Aa. Siao.
6. Mad. Missa.
7. Ecaras. Soes.
8. Nó. Anos.
9. Trapaceiros.
10. Dó Alar. És.
11. Aos. Sa. MAU.
- VERTICAIS**
1. TESTAMENTO.
2. Ca. Acorda.
3. Buchada.
4. Olaia. Rapas.
5. Aaro. Banal.
6. Socas.
7. Macum. Será.
8. Evocais.
9. Sinuoso. Rem.
10. Irão. Atole.
11. Ostras.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9 135

- HORIZONTAIS**
1. Asas. Apresa.
2. Raiar. Romeu.
3. Al. Bi. Em. Ur.
4. Doca. Am.
5. Omo. Boi. Co.
6. Estarreja.
7. Oaio. Muae.
8. as. Caules.
9. Botão. Untem.
10. Irão. Atole.
11. Aos. Fará. Ou.
- VERTICAIS**
1. Arado. Lábia.
2. Salomé. Soro.
3. Ai. Coso. Tas.
4. Sabá. Tacão.
5. Ri. Baião.
6. Corou.
7. Pré. Ir. Luar.
8. Roma. Ementa.
9. Em. Justo.
10. Seu. Caa. Elo.
11. Aureo. Romeu.

Provérbo: BOA MESA, MAU TESTAMENTO

cartaz de cinemas e teatros



Burt Lancaster e Susan Saraton numa cena do filme *Atlantic City*, Grande Prémio do Festival de Veneza — Leão d'Ouro Em exibição no Estúdio 444

abcCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30,

- Int. men. 13 a.

A ABSOLUÇÃO

c/ Roberto Niro

Às 21.45 e 24 - Int. men. 13 a.

TERRAÇO

SALA B

Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45

- Int. men. 13 a.

007 MISSÃO ULTRA-SECRETA

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Int. men. 13 a.

A FRONTEIRA U. S. A.

Um filme de Christopher Leitch

Colorido

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.30

- Int. men. 13 a.

MCVICAR, O PERSEGUIDO

Colorido

Dobly Stereo

AVIS 547163

Av. Duque de Avila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30

Int. m/13 anos

Uma supercomédia à boa maneira italiana

SEXO À VENDA

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

OS SALTEADORES DA ARCA

PERDIDA

c/ Harrison Ford, Karen Allen

e Paul Freeman

Um filme de Steven Spielberg

Technicolor

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Para Todos

Walt Disney Productions apresenta

CONDORMAN

Um filme de Charles Jarrott

Technicolor

5.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Estreia às 21.30 - Int. men. 13 a.

Uma sublime mensagem... um libelo

contra a guerra!

VAMOS VOLTAR A VIVER

Um filme de Larry Kent

Às 15.30 e 18.30 - Últimas

MINHA MÃE, A GENERALA

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Estreia às 21.30 - N. ac. men. 18 a.

A DAMA DAS CAMÉLIAS

c/ Gino Goldsmith e Fernando Rey

Um filme de Mammo Bolognini

Às 24 h N. ac. m/18 anos

ASSALTO À 13.ª ESQUADRA

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30

- Int. men. 18 a.

DEGRADAÇÃO DE UMA

MULHER CASADA

Pornográfico - Hardcore

Às 24 - Int. men. 18 a

AS MOTOS DA MORTE

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Estreia às 21.30 - Int. men. 18 a.

O DIREITO DO MAIS

FORTE À LIBERDADE

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

CHOQUE DE TÍTAS

Às 24 - N. ac. men. 18 a.

PÂNICO NO ESTÁDIO

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30

- Int. men. 18 a.

O DRAGÃO DO KARATE

c/ Chiao Chiap e Sheng Lung

Um filme de Lie Kian Chang

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

N. ac. m/18 anos

EU TE AMO

c/ Sonia Braga e Paulo Pareio

Um filme de Christopher Leitch

Colorido

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

A FRONTEIRA U. S. A.

c/ Terry Savalas, Danny de la Paz

e Eddie Albert

Um filme de Christopher Leitch

Colorido

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30

Int. a menores de 13 anos

Uma alegre crítica à vida americana

AMÉRICA DIVERTIDA

2.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15, 17, 19 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

ATLANTIC CITY

c/ Burt Lancaster e Susan Sarandon

2.ª Semana

IMPERIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Estreia às 21.30 - Int. men. 13 a

A maior aventura humana de amanhã

MALEVIL O DIA ZERO

Um filme de Christian de Chalonge

Às 14.45 e 18.15 - Últimas

O LEÃO DO DESERTO

LONDRES 801313

Av. de Roma 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

LILI MARLEEN

c/ Giancarlo Giannini e Mel Ferrer

Filme de qualidade

2.ª Semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 15.30, 18.30 e 21.30

O GRANDE MESTRE

DOS LUTADORES

c/ Jackie Chan, Yuen Hsico

Tien e Wang Chiang

Um filme de Yuen Wod Ping

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30

- Int. men. 13 a.

EXCALIBUR

c/ Nigel Terry e Helen Mirren

Filme de qualidade

3.ª Semana

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h

OS SALTEADORES DA ARCA

PERDIDA

c/ Harrison Ford, Karen Allen

e Paul Freeman

Um filme de Steven Spielberg

5.ª Semana

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30

N. ac. m/18 anos

EU TE AMO

c/ Sonia Braga e Paulo Pareio

Um filme de Arnaldo Jabor

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30

Estreia Int. men/13 anos

RALLY INFERNAL

6000 km de pavor!

2.ª Semana

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

HERÓI PRECISA-SE

c/ Lee Marvin e Barbara Parkins

Colorido

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 - «Os Salteadores da Arca

Perdida», às 21.30 (13 anos)

ALFA 2 - «Condorman», às 21.30 (6

anos)

ALFA 3 - «O Carteiro Toca Sempre

Duas Vezes», às 21.15 (18 anos)

POLITEAMA - «Armada Internacional»,

às 21.15 (13 anos)

CITY CINE - «O Mistério de Oberwald»,

às 21.30 (13 anos)

CAPITÓLIO - «O Sexo Masoquista», às

21.00 e 23.00 (18 anos)

OLIMPIA - «Desfloresções», sessões

permanentes (18 anos)

2000 - «Ladrão por Excelência», às

21.30 (13 anos)

RETELO - «Dois Amigos em Apuros»,

às 21.30 (13 anos)

EUROPA - «O Filho de Shane», às

21.30 (13 anos)

LUMIAR - «Arquivo Secreto», às 21.30

(18 anos)

ROYAL - «A Sobrinha é de Gritos», às

21.30 (18 anos)

CINEARTE - «Os Demónios do Colégio»,

às 21.30 (18 anos)

PROMOTORA - «A Roubal é que a

Gente se Entende», às 21.30 (13 anos)

Outra banda

ALMADA - Incrível - «Chega-lhe

Amigo», às 21.15 (13 anos)

ALMADA - Academia - «A Médica do

Coronel», às 21.15 (13 anos)

ALMADA - Cinestúdio - «Lagosta ao

Pequeno Almoço», às 21.30 (13 anos)

COSTA DA CAPARICA - Silcine -

«Amores Meus», às 21.45 (18 anos)

SETUBAL - Júpiter - «007, Missão

Ultra-Secreta», às 21.15 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGES - Stadium - «Os Aventureiros

Butch e o Kid», às 21.30 (13 anos)

PAÇO DE ARCOS - Chaplin - «Pacto

de Sangue», às 21.15 (13 anos)

OBRAS - OBRAS - «Os Vencedores»,

às 21.15 (13 anos)

PAREDE - Royal-Cine - «Nas Garras

dos Canibais», às 21.15 (18 anos)

ESTORIL - Casino - «O Leão do Deserto»,

às 21.30 e 21.15 (13 anos)

CASCAIS - Impala - «Duas Mulheres o

Mesmo Destino», às 21.30 (18 anos)

CASCAIS - Oxford - «A Turma dos

Repetentes», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA - D. João V - «O Espantalho»,

às 21.30 (13 anos)

AMADORA - Cine Plaza - «O Grande

Combate», às 21.30 (13 anos)

AMADORA - Lido - «007, Missão

Ultra-Secreta», às 21.30 (13 anos)

AMADORA - Cine Estúdio - «Perdi as

Calças em Heiderberg», às 21.30 (18

anos)

CACÉM - Estúdio Flores - «Ascensão

e Queda de Idi Amin», às 21.30 (18

anos)

MEM MARTINS - Cine Chaby - «O

Abismo», às 21.30 (13 anos)

SINTRA - Carlos Manuel - «Melodia

para um Assassino», às 21.30 (18 anos)

SACAVÉM - S. José - «Uma Mulher

Implicável», às 21.30 (13 anos)

ALHAMBRA - Salvador Marques - «Sexo

no Colégio», às 21.30 (18 anos)

MOSCAVIDE - Stop - «O Regresso dos

Heróis», às 21.30 (18 anos)

MAFRA - Cine-Teatro - «Voando

Sobre um Ninho de Cucos», às 21.30

(18 anos)

Porto

BATALHA - «Nova lorque 1997», às

21.30 (13 anos)

COLISEU - «A Grande Fuga», às 21.30

(13 anos)

PASSOS MANUEL - «Os Salteadores da

Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)

TRINDADE - «Excalibur», às 21.30 (13

anos)

BEBE - «Crônica da Mais Velha Profiss-

ão do Mundo», às 21.45 (18 anos)

S. JOÃO - «Gente Vulgar», às 21.30 (18

anos)

VALE FORMOSO - «Amor de Mãe», às

21.30 (13 anos)

LUMIÈRE-A - «Loucuras de uma Re-

cruta», às 21.30 (13 anos)

LUMIÈRE-L2 - «A Turma dos Repelen-

tes», às 21.30 (13 anos)

RIVOLI - «Eu Te Amo», às 21.30 (18

anos)

OLIMPIA - «Falcões em Duelo», às

21.30 (13 anos)

PEDRO CEM - «O Meu Tio da Amé-

rica», às 21.30 (13 anos)

CHARLOT - «Eu Te Amo», às 21.30 (18

anos)

FOCO - «O Carteiro Toca Sempre Duas

Vezes», às 21.30 (18 anos)



PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENAASCENÇA GRÁFICA, SARL
 Administração, Redacção, Serviços Técnicos
 e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
 Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
 Publicidade: 368740
 Agentes, Assinaturas e Contabilidade:
 Rua Castilho, 185-1.º - 1100 LISBOA
 Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
 Porteiro: 321154
 Redacção: 320271/2/3
 Mensagens gravadas: 320229
 Endereço telegráfico: DIBOA
 Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
 Delegação do Porto:
 Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
 Telefones: 20954/5



Rafael Barbosa condenado no Congresso do PAIGC

Com 294 (duzentos e noventa e quatro) votos a favor e 1 (um) contra, foi ontem aprovado o relatório do Conselho Nacional Guineense ao Primeiro Congresso Extraordinário do PAIGC - revelou ontem à AIM uma fonte afectada ao congresso.

Tal aprovação foi feita após 96 (noventa e seis) intervenções que se registaram sem limite de tempo, o que obrigou a que a discussão sobre o relatório, lido por Nino Vieira, se prolongasse por mais um dia do que o prazo inicialmente previsto.

Entre os pontos mais salientes nas intervenções destacam-se a necessidade de um reforço das relações com os países socialistas e a condenação de Rafael Barbosa e do racismo. É, aliás, significativo que o jornal «No Pintcha» tenha vindo a publicar nestes dias um documento sobre a traição de Rafael Barbosa e o seu envolvimento no assassinio de Amílcar Cabral.

Também se salienta a necessidade de reformulação do modo de funcionamento do partido nas regiões bem como a necessidade de reposição das instituições estatais que desapareceram com o golpe de 14 de Novembro, tal como a Assembleia Nacional Popular e o Conselho de Estado.

As intervenções, ainda segundo a mesma fonte, têm também referido vários problemas relativos à administração do país.

Ainda durante o dia de ontem foi feita a apresentação do projecto de estatutos e iniciou-se a sua discussão - disse ainda aquela fonte à Agência de Informação de Moçambique, que transmitiu a notícia em exclusivo para o «DL».

Uma profissão debatida em Congresso

Arquitectos estão subaproveitados: assinam um por cento dos projectos

Continuação da pág. 1

No congresso que agora se realiza, as duas grandes questões têm que ver com o associativismo e com a prática profissional. Este último campo, designado por Ordenamento do Território ficará a cargo de várias secções: Acção do Estado, Habitação e Equipamentos Urbanos, Património e Formação e Ensino.

Da reunião esta manhã efectuada com os jornalistas sobressai que os nossos arquitectos estão subaproveitados, como disse Matos Gomes. E isso depois de terem tirado cursos que custaram muito dinheiro ao País e de a sua actividade se revelar cada vez mais necessária num País com carências graves, tanto quantitativa como qualitativamente.

Vide o País

«Vide o País por qualquer ângulo que se deseje» - diz o arquitecto José Pulido Valente numa pequena comunicação ao congresso subordinada ao tema «Os Arquitectos na Sociedade».

Equaciona, aquele profissional, o exercício da Arquitectura no nosso país. «Manter as situações vigentes é crime de lesa pátria» - termina José Pulido Valente.

Três são os princípios ali enunciados: «Não deve o Estado manter gabinetes para sancionar os projectos realizados por arquitectos; o arquitecto não pode faltar aos princípios éticos e ou deontológicos seja qual for a sua situação no exercício da profissão; os projectos de arquitectura e de urbanismo terão de ser realizados por arquitectos».

É um reflexo, esta comunicação, das preocupações de qualidade que mobilizam a Associação dos Arquitectos Portugueses. «Não temos funções sindicais ou patronais, procuramos restringir-nos à esfera da qualidade» - dizia-nos, a propósito da presente realização, um porta-voz da organização.

O 2.º Congresso dos Arquitectos Portugueses tem neste domínio uma grande importância. «As condições em que se exerce a profissão são, em alguns casos, extremamente recentes, como é o caso do ordenamento do território».

Os arquitectos passaram a ter papéis que se entrecruzam com outras profissões. «O contexto em que se insere a profissão é cada vez menos claro. Isso choca com o conceito tradicional, com o próprio ensino» - diz-nos o arquitecto Hugo Huguon.

E o ensino é um dos pontos que estarão no centro dos debates, conjuntamente com o da formação especializada, discutindo-a com os estabelecimentos de ensino. E, no caso da Esbal, o interesse é recíproco, com esta escola a associar-se ao congresso.

Está mesmo marcada uma visita às suas instalações na sexta-feira.

Por outro lado, o quadro político-administrativo aparece aos olhos dos arquitectos «como uma condicionante relativamente ao exercício da nossa profissão». A aplicação ou não da Lei das Autarquias e as questões relacionadas com a habitação e os equipamentos sociais são disso exemplo.

Para Hugo Huguon, a propósito deste problema, «há grandes equívocos a nível de competências». E acrescenta: «Não há ainda um quadro compatível com a descentralização e a democratização».

Também neste domínio, os efeitos de uma centralização enorme se fazem sentir. Por exemplo, as questões do ordenamento do território e do quadro de vida das pessoas, não são simples, pelo contrário, apresentam-se como preocupantes.

Aqui vem o «mas». É que «os meios técnicos e humanos continuam centralizados em Lisboa» - diz-nos o mesmo profissional. As estruturas regionais do Poder Central funcionam em circuito fechado, em «capelinhas» - acrescentou.

Estes são exemplos das preocupações dos arquitectos portugueses inseridos num País em transformação (ou degradação?). Do debate que até domingo prossegue, farão um resumo a enviar a todas as estruturas governamentais de qualquer modo envolvidas na problemática.

Garcia dos Santos na ESE:

Sargentos desempenham «função insubstituível»

Presidindo esta manhã nas Caldas da Rainha à abertura solene da Escola de Sargentos do Exército, o general Garcia dos Santos, chefe do Estado-Maior do Exército enalteceu a função dos sargentos e a sua «insubstituível função», em resultado da sua correcta inserção na estrutura funcional e hierárquica do Exército.

Garcia dos Santos atribuiu ao corpo docente daquela escola «a enorme responsabilidade de instruir e sobretudo educar os sargentos do Exército que lhe está confiada». Falando principalmente para a classe a que se dirigiu, sublinhou que «o sargento, pelo contacto que tem com os jovens que cumprem o serviço militar, é obrigado a ser um executante de elevado nível, um instrutor, educador, e um chefe de reconhecida competência», um chefe «em permanência, um referencial e um exemplo».

«Houve já quem dissesse que um Exército vale o que valerem os seus soldados. Pode dizer-se que o valor destes depende também do valor dos seus sargentos. É por isso que as qualidades profissionais humanas e morais dos sargentos têm de ser as melhores, pois é sobretudo através do exemplo que mais põem em prática a sua acção junto dos seus homens» - disse o CEME.

Fez depois uma breve referência ao que tem sido a Escola de Sargentos, e lembrou a década de 60, nomeadamente o período da guerra em África em que os sargentos, «tal como os restantes quadros permanentes, foram chamados a sucessivos esforços e sacrifícios, e também a sua própria carreira sofreu alterações».

Garcia dos Santos salientou que os processos de preparação e selecção continuas, que antes vigoravam, foram praticamente abandonados para dar lugar a

promoções por diuturnidades, sem consensos, o que faz com que o prestígio sofra com isso, e o profissionalismo dos sargentos passasse a assentar em grande parte no interesse e na dedicação».

Nos últimos anos foram tomadas algumas medidas tendentes a enunciar uma nova filosofia da carreira, com a criação de novos postos - lembrou o CEME, apontando para a importância do seu enquadramento legal, que poderá tornar a carreira mais atractiva.

Passando depois em revista as condições concretas das FA's, Garcia dos Santos disse ainda que a melhoria de qualidade que todos os militares desejam para o nosso Exército tem de resultar da obtenção de novos equipamentos, e da própria reestruturação, cujo processo se encontra já na fase final de elaboração.

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR
 2.54 4,4 m 8.38 0,7 m
 15.16 4,4 m 20.58 0,6 m
 Dia 13
 3.39 4,4 m 9.22 0,6 m
 16.03 4,4 m 21.41 0,7 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO 11°
 BRAGANÇA 5°
 VILA REAL 9°
 PORTO 13°
 P. DOURADAS 11°
 COIMBRA 13°
 C. CARVOEIRO 16°
 PORTALEGRE 18°
 LISBOA 14°
 EVORA 15°
 SINES 14°
 BEJA 14°
 SAGRES 18°
 FARO 17°
 P. DELGADA 17°
 FUNCHAL 20°

Corrupção chegou ao café

A Polícia Judiciária confirmou esta manhã ao «DL» a existência de um (entre muitos) caso de corrupção num negócio de café envolvendo pelo menos duas pessoas, uma das quais se encontra detida às ordens do 2.º Juízo de Instrução Criminal, no qual o Estado foi defraudado em meio milhão de contos.

O detido é despachante aduaneiro, de apelido Costa Santos, que assumiu toda a responsabilidade do caso, chamando a si actos que poderiam ser imputáveis ao importador, em relação ao qual funcionava como mandatário. Este último, por seu turno, montou em Campo Maior uma das maiores torrefacções de café da Península Ibérica, iniciativa que nem todos os campo-maiorenses admiraram dado tratar-se de uma área ao tempo

propícia ao contrabando do café e tal instalação despertar a atenção das autoridades.

O importador é hoje um auctor da direita na Câmara de Campo Maior, funções que de qualquer modo o situam como um cidadão igual a todos os outros. No entanto, o facto de Costa Santos ter assumido todas as responsabilidades no caso considerado como «abuso de confiança», evitou que se encontrasse agora detido pelos mais de 500 mil quilos de café pelos quais não pagou imposto de importação.

O despachante assumiu a responsabilidade pelo desaparecimento das folhas de despacho, através das quais o Estado deveria exercer a fiscalização de importações e cobrar a taxa da ordem, que é de 90 escudos por cada quilo de café.

«Júpiter» fez quatro mortos

Quatro mortos e onze feridos, que se saiba, são o balanço de alguns acidentes ocorridos quando da realização do exercício «Júpiter 81», realizado pela Força Aérea entre 1 e 9 do corrente na zona de Mértola, Baixo Alentejo.

A informação foi dada pelo major Vasco Lourenço, do Conselho da Revolução, que a recolheu do Estado-Maior-General das Forças Armadas. Dela consta que entre os feridos se encontram dois militares espanhóis e que o número de acidentes foi de cinco.

No primeiro acidente ficaram feridos cinco militares portugueses. No segundo, dois militares

portugueses e dois espanhóis. No terceiro registou-se a morte de um civil português, cozinheiro da Força Aérea.

O quarto acidente ficou a dever-se a embate entre motorizada conduzida por civil (português, que morreu) e viatura militar.

No último acidente morreram dois militares portugueses, numa operação de salto em pára-quedas.

Entretanto, o deputado da UEDS, Lopes Cardoso, requereu anteontem ao ministro da Defesa Nacional, através do CEMGFA, a confirmação ou não de informações respeitantes a estes acidentes.

QUADROS A ÓLEO

Paisagens, flores, naturezas mortas, marinhas, figurativos, etc. Grande variedade em exposição

GALERIA ACTUAL

AV. DA REPÚBLICA, 12 (PERTO DO SALDANHA)

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

1.º PRÉMIO - 70 017 - 30 000 CONTOS
 2.º PRÉMIO - 23 343 - 6 000 CONTOS
 3.º PRÉMIO - 5 913 - 3 000 CONTOS

A Sorte Grande e o 2.º PRÉMIO foram vendidos aos balcões da CASA DA SORTE

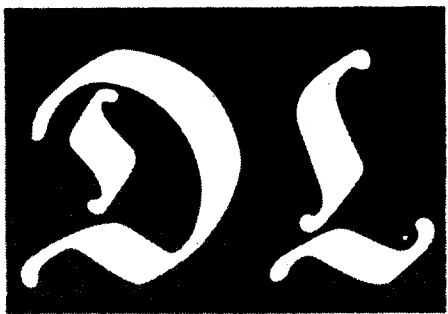
Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção, aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA - PORTO - COIMBRA - BRAGA - SETUBAL - FARO.

Os 100 000 CONTOS da Lotaria do Natal estão a venda na CASA VIOLA (agora com gerência do ex-empregado da Casa da Sorte).

Em Lotaria e Totobola prefira a

CASA VIOLA Rua da Assunção, 67 LISBOA
 Avenida Central, 87 BRAGA

TERRA SANTA
 VISITANDO: JERUSALÉM - BELÉM - JERICO - MAR MORTO - NAZARÉ - TIBERÍADES - CAJAMARIL - HAIFA - TEL - JVV
 ★ 1 SEMANA DE ESTADIA ★
 INCLUINDO:
 • Viagem de avião
 • Circuito em autocarro c/ar condicionado
 • Hotéis de 1ª categoria
 • Pensão completa
 • Assistência de guia falante português
 PARTIDAS:
 • Dezembro - 1, 15 e 22
 PROGRAMAS E USOS COES
abreu
 fundada em 1840
 PORTO: Av. Almeida, 207 • Telef. 31 79 21
 LISBOA: Av. Liberdade, 180 • Telef. 37 13 41
 • Av. Roma, 66 • Telef. 603095
 COIMBRA: Rua da Santa, 2 • Telef. 270 11/2
 FARO: Av. República, 124 • Telef. 250354/6
 FUNCHAL: Rua Gargalho, 1 • Telef. 31077/8



ler/ escrever

Suplemento Literário

O GÉNIO NÃO ENVELHECE Dostoievsky está vivo

Luzia Maria Martins

1981 FOI DECLARADO,
PELA «UNESCO», O
«ANO DOSTOIEVSKI»

EM 9 DE FEVEREIRO,
ASSINALOU-SE, EM
TODO O MUNDO, O
CENTENÁRIO
DA MORTE
DO GRANDE ESCRITOR

EM 11 DE NOVEMBRO,
COMEMOROU-SE O
160.º ANIVERSÁRIO DO
SEU NASCIMENTO.

DECIDIU a UNESCO que 1981 seria o Ano de Dostoievsky. Justa homenagem a um escritor traduzido para 30 idiomas e, consequentemente, lido por milhões de amantes de um estilo e de uma qualidade de Literatura que continuam a atrair os que procuram descobrir o significado do Mundo e do Homem. Prova disso está em que o Teatro, o Cinema e a TV continuam a alimentar-se vorazmente das suas obras.

Recordando Dostoievsky, a nossa memória visual traz-nos imediatamente a imagem do famoso quadro pintado por Perov: mensagem de um sofrimento pessoal autêntico, olhar de um homem que registou, de modo acutilante e doloroso, o espectáculo diário de outros seres em revolta (passiva ou activa), contra um mundo cruel, alienante, devorador implacável de seres indefesos, mas nem sempre isentos de culpa, movidos por poderosas forças — intrínsecas ou extrínsecas — de uma sociedade decadente. A maneira como Dostoievsky está sentado, neste quadro de Perov, é eloquente quanto à sua maneira de estar no mundo — desafiando modas e constrangimentos pessoais.

George Steiner, numa exegese famosa da obra de Dostoievsky e Tolstói — dois pilares inabaláveis da literatura russa e

mundial do século passado — estabeleceu o contraste existente entre ambos e que é, segundo aquele escritor inglês, provocado por duas ópticas opostas de ver o mundo, tanto o mundo real como o espiritual. Tolstói seria o racionalista e Dostoievsky o visionário. A esta análise (aqui citada em síntese, perigosa como todas as sínteses), poderíamos contrapor a opinião do próprio Dostoievsky: «Definem-me como sendo um psicólogo, o que constitui um erro. Sou, muito simplesmente, um realista, no sentido mais elevado deste termo...». Estudioso desse mistério que é o homem — para usarmos as suas próprias palavras — Dostoievsky debruçou-se longamente, até à sensação de perigosa vertigem, sobre a alma humana, começando pela sua. Neste aspecto, parecem-nos extraordinariamente pertinentes as observações feitas pelo crítico russo Yarmolinsky: «O impulso autobiográfico dominou a sua ficção. Ao construir as suas his-

tórias, o escritor recorreu intensamente às suas experiências mais íntimas, reveladoras de um raro autoconhecimento. Colocou as suas personagens em situações arrancadas à sua própria vivência, dando-lhes as suas características, transformando-as em porta-vozes das suas convicções e obsessões, como se fosse impelido por uma ânsia indomável de revelar os seus próprios sentimentos e pensamentos, por uma compulsão permanente de se confessar, embora as suas narrativas sejam frequentemente oblíquas, ambíguas e disfarçadas, evidentemente».

Este autor genial não escreveu para o Teatro. Há a informação de que terá feito duas tentativas, mas esses textos não chegaram até nós. Mas isso não impediu que se transformasse, graças a adaptações sucessivas das suas obras, num dos mais apreciados autores que o Teatro jamais conheceu. Todos os anos

são montadas, nos palcos de todo o mundo, as adaptações já existentes ou outras que irresistivelmente atraem os mais variados dramaturgos.

As palavras introdutórias deste breve artigo contêm em si mesmas a explicação clara deste fenómeno. Ou poderemos, em plena legitimidade e coerência, definir a situação como se de um fenómeno se tratasse? Escrevendo genialmente, e descrevendo com maestria insuperável alguns dos insondáveis, mas fascinantes, mistérios da alma humana (que desafia conceitos de nacionalidade, do ponto de vista genérico da subjectividade), será realmente de surpreender que Dostoievsky consiga «prender» os espectadores (sejam eles de Teatro, Cinema ou TV)?

A sublimação de um sofrimento pessoal genuíno, transposta para a sua obra, criou personagens, situações, sentimentos, facilmente reconhecíveis pelo público, qualquer a latitude geográfica em que se encontre. A isso se chama génio. Bem sabemos que a definição está gasta e desacreditada, até porque críticos apressados (ansiosos de uma glória pessoal parasitária) a aplicam constantemente a escritores de menor fôlego, ou que têm menos para oferecer. Só aqueles que, interiormente, são ricos poderão esbanjar essa riqueza com os seus contemporâneos e com os vindouros. Só o tempo pode conceder a prova da imortalidade. Dostoievsky, um dos símbolos maiores da riquíssima literatura russa, continua vivo. Já em 1925, Virginia Woolf (autora de uma das mais extraordinárias obras deste século), perguntava, num misto de admiração e angústia, referindo-se aos autores russos do século XIX: «Não será uma perda de tempo escrever sobre outra Literatura que não a russa?».

Sim, Dostoievsky está vivo, razão por que o Teatro — uma Arte viva, imediata, directa, que se alimenta da inteligência e da sensibilidade, se debruça constantemente sobre a sua obra. A verdade está em que o génio não envelhece.



ESSES
INFATIGÁVEIS
ESCRITORES
DE CARTAS
Joyce soma
e segue

JOYCE foi mais longe que qualquer outro escritor na descrição ousada do que o mundo considerava secreto e digno de vergonha: masturbação de Bloom, fantasmas incestuosos e «voyeurisme» de Pierce O'Reille, mênstruos de Nausicaa e Penelope. Mesmo assim, fica-se surpreendido pelo sátiro saltitante que se desenha nas suas cartas à mulher, Nora Barnacle.

A maior parte da correspondência «pública» apresentada por Richard Ellmann está longe de ser interessante. Nele encontramos um Joyce que proclama os seus direitos de homem e de artista diante dos editores, da sociedade em geral e até de sua Magestade, o Rei. Assembleia com pedidos de dinheiro o irmão Stanilas, confirmando assim as pretensões daquele à santidade. É cortês com Harriet Shaw Weaver, que o cobre de benemerências. É generoso com Shaw, de Budgen é amigo; como um taumaturgo, ressuscita das sombras Svevo e Dujardin.

Em suma, passa-se da linguagem não literária em bruto (mas nunca brutal) à adulação matreira e jesuítica e não só em inglês, mas

Continua na pág. 4

José Saramago

Levantado do chão



CAMINHO
"O CAMPO DA PALAVRA"

O Prémio Cidade de Lisboa atribuído ao romance «Levantado do Chão», de José Saramago

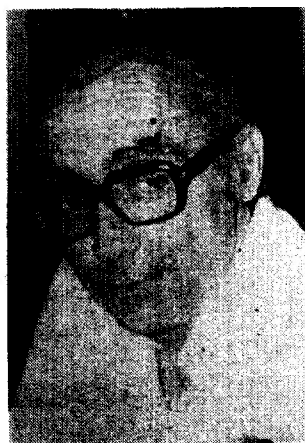
O prémio literário «Cidade de Lisboa» foi atribuído este ano a José Saramago, pelo seu romance «Levantado do chão», editado pela Caminho.

Livro que desde logo se impôs à crítica como obra renovadora da temática realista portuguesa, «Levantado do chão» insere-se nas modificações introduzidas entre nós pela Revolução de Abril, mas sem recorrer a «slogans» ou a esquemas que, após um período de euforia, foram desgastando a atenção do leitor.

«Levantado do chão», quer na exposição da problemática social, quer no estilo de que se serve para essa mesma exposição, impõe-se como nova maneira de contar e interpretar as coisas, tomando firmemente a mão do leitor ao longo de uma viagem às profundidades das nossas raízes e da nossa mais íntima identidade de povo e cidadão.

O Alentejo (e não só) surge em «Levantado do chão» como o retrato de um País que pacientemente se ergue contra a opressão determinada por uma equação económica sem rosto humano. É um lento crescer, como o do trigo subindo, ou o da cortiça engrossando os troncos, contra os muros sufocantes da ditadura que tantas vezes calou.

Com o prémio «Cidade de Lisboa» foram anteriormente



José Saramago

distinguidos Maria Velho da Costa («Casas pardas»), Carlos de Oliveira («Finisterra») e Augusto Abelaira («Sem tecto entre ruínas»).

O júri que, por maioria, atribuiu o galardão a Saramago, incluiu os nomes de Manuel Gusmão, pela Associação Portuguesa de Escritores; Maria Lúcia Lepecki, pela Faculdade de Letras de Lisboa; Norberto Lopes, pela Academia de Ciências; David Mourão Ferreira, pela Associação Internacional de Críticos Literários; e Fernando Castelo Branco, pelos Serviços Culturais da Câmara Municipal de Lisboa.

FAULKNER E A RAIVA DE ESCREVER

Bernard Génès



William Faulkner

DE todos os escritores americanos Faulkner é aquele cuja vida nos parece mais misteriosa, escreveu Raymond Queneau no prefácio a «Mosquitos». Com efeito, se de boa ou má vontade de «Luar de Agosto» participava em manifestações oficiais, se escrevia aos jornais a dar a sua opinião sobre um facto significativo ou a um problema de actualidade, nunca evocou a sua vida privada. Pudor ou desejo de se proteger? Nem uma coisa nem outra. Faulkner tinha uma concepção muito exacta do seu papel de escritor do seu estatuto na sociedade.

Já em 1930, quando o seu primeiro agente literário lhe sugeriu que redigisse uma pequena nota biográfica, ele respondeu: «A biografia nada diz aos chatos. Que lhes pode fazer de bem? Diga-lhes que nasci de um crocodilo e de uma escrava negra, na conferência de Genebra, há dois anos.» Dezasseis anos mais tarde, ele voltava a afirmar, que era preciso proceder «como se Faulkner e a máquina de escrever tivessem nascido juntos, existissem juntos e sem passado, a partir do momento em que se encontraram frente a frente, à mesma mesa utilitária e anónima.»

Romancista defendeu sempre a sua tranquilidade, afastando os sedutores avanços de revistas que constroem a sua glória sobre a dos outros. Por consequência, Faulkner só tolerava o jogo da crítica quando ela se aplicava aos romances e não fazia tentativas de interpretar a sua vida. De resto, ele pretendia-se rendeiro e caçador nessa ocasião — como milhares de concidadãos seus. Em suma, um homem do sul, bem comum, amante de whisky (o que ele não escondia) e de mulheres (o que não dizia). Um muro separava o escritor do homem público: a escrita.

Poder-se-ia esperar que de escrita muito houvesse nas «Cartas escolhidas», tanto mais que a maioria delas são dirigidas a agentes literários, editores ou críticos. É claro que há algumas em que ele evoca questões

muito precisas relativas a uma novela ou a um romance mas, no conjunto, Faulkner não se detém nem se preocupa nada com as questões estéticas. Justificar-se ou situar-se em relação a uma corrente ou a influências, não o interessa. Aos seus olhos o que importa é o resultado, o prazer que terá o leitor ao ler o seu texto.

O dinheiro e o trabalho

Paradoxalmente, os dois temas, que mais frequentemente aparecem são o dinheiro e o trabalho, dois fardos que carregará muito tempo. Ainda rapaz, quando escreve de Paris à mãe, cartas cheias de humor e fervilhando de «coisas vistas», enumera o preço dum quarto de hotel, de um almoço, de um bilhete de comboio, etc. Quando se torna escritor profissional, ei-lo que fala ainda mais do excessivo peso do dinheiro: solicita avanços ao editor, tenta negociar, pelo melhor preço, contratos, inquieta-se com os impostos.

Faulkner é um chefe de família que tem muitas bocas para sustentar (do que se lamenta por vezes); depois, o dinheiro que entra significa para ele um certo êxito, que confirma a sua escolha do ofício de escritor. Antes de lhe ter sido atribuído o Prémio Nobel da Literatura (em 1950), a sua situação financeira não era

brilhante. E inútil ter «o ventre cheio de escrita», isso não basta para alimentar um homem. Ei-lo então a escrever textos alimentícios («Prostituo-me com as novelas», diz a um dos seus correspondentes) e, sobretudo, começa a trabalhar para o cinema.

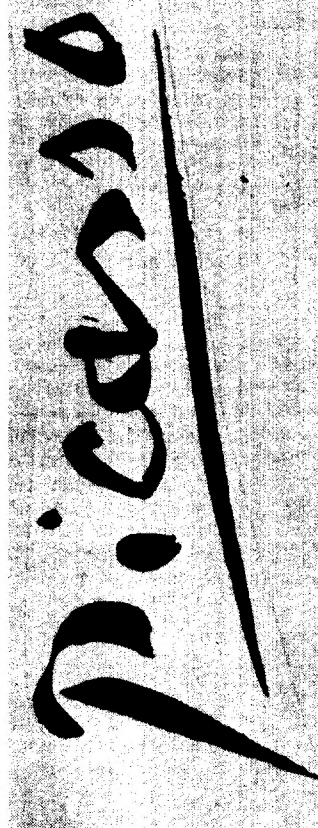
Apesar da incrível energia que ele dispensa para — e por vezes contra — os estúdios de Hollywood, os ganhos que daí retira são medíocres e as decepções por vezes imensas. Pior, dá-se conta que essa actividade ameaça a sua própria criação. Mas Faulkner possui o vírus da literatura, uma verdadeira raiva. E ele agarra-se a isso. Ao ler as suas cartas, pensa-se em Hugo ou Flaubert, homens de letras que se colocam no lugar de verdadeiros combatentes da escrita, afirmando a sua vontade de ser personagens singulares, grandes mestres do texto. Há aí algo de sagrado ou de desesperado que quer apagar ou atulhar o abismo do silêncio.

As cartas desta escolha não são todas dum grande interesse, mas é preciso lê-las como expressões diversas dum génio literário completamente virado para uma única preocupação, uma única vontade: escrever, uma única necessidade vital: escrever, ainda e sempre.

— Cartas escolhidas, de William Faulkner. Prefácio de Michel Gresset. Traduzido do inglês por Didier Coupaye e Michel Gresset. Gallimard, 494 páginas.

A «Guernica»

nascendo
dos
pincéis
de
Picasso



UM POEMA INÉDITO

de Casimiro de Brito
«ESCOLHE UM RUÍDO»

Ao António Ramos Rosa



Escolhe um ruído um pequeno
Coral de som de entre os muitos que na terra
Se movem um ruído um fruto mínimo que não faça
Muito ruído e ouve encosta o ouvido
Nessa fenda materna na fábula do outro lado nesse
Vazio coroado
Por grades em flor que se moldam
À imagem dos teus ossos e ouve e diz-me
O que ouves nesse espelho que música furtiva se desprende
Desse mar tão fundo areia e origem
Do teu ruído. Um motor ainda verde? O tigre de Blake? Uma
Célula fotoelétrica? Que rosto é esse ou nome ou lugar
Onde nada se passa nem a morte da morte
Apesar dos frutos que tu vês cair silenciosamente
Da terra para o ar? Que rosto é esse de serpente
De quem te aproximas e te revela
Afluentes obscuros que não sabias fragmentos
De tragédias perdidas
Em que deuses começavam a apodrecer? Obscuros?
Olha mais fundo lá onde se desenham transparências
De mica música subterrânea flor de carne
Onde começas a ler
Alguma luz. E quase nem respiras
De tanto cuidado no cuidado extremo do teu olhar
Sobre a volição ou assassinio
De pássaros insectos ruídos tão pequenos
Como é mínimo o teu ouvido
Na concha materna. São as tuas pegadas que escutas que
Se fundem
No além das coisas ou apenas um leve ruído
Na erva escondido?

Casimiro de Brito

AS LETRAS EM DIA

FERNANDO PESSOA E OS LIMITES DA CONDIÇÃO HUMANA é o título duma antologia que a Plátano acaba de colocar nas livrarias. O trabalho (apresentação, selecção, e propostas de leitura) é da autoria de Isabel Pascoal Monteiro e Jaime Salazar Sampaio, os mesmos que já se responsabilizavam por um primeiro volume lançado aqui há um ano sob o título «Fernando Pessoa, Quem Era(m)?». A série é de três e o terceiro já está anunciado. Concebido e executado principalmente para uso escolar (ao nível da promoção pré-universitária) — apesar disso ou precisamente por isso, o livro é muito capaz de interessar o leitor médio a quem a poética e a problemática pessoana não sejam intimamente familiares. Antes do mais, pela quantidade de textos ou extractos de textos da obra de Pessoa que aqui se proporcionam. Depois, pelo apoio com que Pessoa aqui aparece — na introdução e nas chamadas «sugestões de leitura». O registador acha desnecessário dizer que se trata dum livro recomendável ou socorrer-se de qualquer outro qualificativo para chamar a atenção para esta obra.

VARIAÇÕES CAMONIANAS, título dum dos mais recentes lançamentos da Imprensa Na-

cional-Casa da Moeda. Mais ou menos do que um livro, é um álbum, de pintura, de José Guimarães, com um texto de José Augusto França. Ao contrário do que porventura se poderia supor, antes de ler, o texto de França não é um prefácio ou uma introdução às «variações» de José de Guimarães, mas um texto sobre Camões, hoje. O livro aparece ainda no âmbito das comemorações do IV Centenário.

OS SILOS DA INFÂNCIA, poemas de António Torrado, nome que alguns pais conhecerão como autor de livros de histórias para crianças. Torrado, para o caso, é nome envolvido na vaga de passagem de 60 para 70 na poesia portuguesa, tem aqui o seu terceiro título. Os precedentes: «Do Agregado Sentimental» e «Dos Simples e das Casas Anteriores». «Os Silos...», vim-lo nas livrarias. É uma edição de Livros Horizonte, na sua colecção de poesia.

NUNO JUDICE publicou um romance. Título: «Páncton». É o primeiro romance do autor, e, às primeiras, uma surpresa. Pensando um pouco, porém, talvez não — em conta da propensão narrativa e dramática — que se detecta em praticamente toda a obra anterior do poeta — nome cimeiro dos lan-



AS PALAVRAS PERDULÁRIAS Jerónimo pintor

— José Manuel Mendes —

Visito um velho companheiro de esperanças. Entra no estúdio a calma claridade de Maio ao fim da tarde. Entra e repousa nos objectos, nas formas, na música coral que move os alcatruzes da sensibilidade criadora. Em torno, as paletas, os pinéis, as tintas: sinais primeiros duma viagem. Depois o percurso entre ravinas e sombra, luz e cor, as coisas pulsáteis na rugosa superfície das telas: um mundo vivo mesmo quando deformado pela exaltação ou pela denúncia.

Olho os lugares íntimos da paisagem pictural: a terra, o rosto, a solidão, a morte. E outra vez a terra, elemento genesiaco, habitada de seres precários e sofrendores, de árvores crespas, de moinhos onde a força dos ventos congregate a coragem dos homens. A terra que, pelo trabalho, frutificamos. O trabalho que é realidade material e, libertando-se da garga dos constrangimentos, fecunda o chão dum novo mundo.

Conheço, então, as linhas de fogo destes quadros: o amor e o combate; a ternura comovida e a repulsa; uma funda, ardente sabedoria das coisas essenciais; um ávido modo de estar entre os outros: compreendendo-os, amando-os, renegando-os, mas sempre buscando neles uma marca voraz. Porque o pintor capta os mais breves e inapercebidos instantes, os ocultos sons, a revolta e a confiança que andam, tantas vezes a par, dentro de nós. Grava na matéria porosa a contradição e a harmonia, a fértil galeria de contrastes

que é o desvendar da vida psicológica e colectiva.

A minha forma de vencer a morte, Jerónimo, é outra. E outra a massa com que modela os signos da luta, do amor, da certeza dum devir fraterno. Procuo organizar, esteticamente, o meu discurso de palavras. E, no entanto, bem o sabes, a ficção, a poesia, a pintura não são incompatíveis. Tu és também um poeta. Mesmo quando pintas. Por isso, estar aqui, a teu lado, inteligindo a plástica beleza dos teus quadros, é, para mim, colher as sementes germinantes que, na poética como na vida militante, me fazem sentir emocionado e desperto diante do mundo recriado. Porque há na tua obra um agudo sentido de convívio com as dores dos outros. E também de ácida revolta face às injustiças que ainda fazem do nosso quotidiano um sol por conquistar.

Chego, pois, ao fim do trajecto com as palavras presas. Tanto que havia para escrever nesta pobre oficina de vocábulos que quis autênticos! Mas diante do criador de beleza, este meu velho companheiro de esperanças, apenas importa sublinhar a humanidade dum carácter, o vigor e o fascínio duma arte, a indetível jornada de dignificação do povo que somos empreendida por um homem que se chama Jerónimo. Na pintura como na vida: uma só face, que nenhuma adversidade vergou. Que nenhuma outra (mesmo que se trate da incapacidade de muitos para honrar o mérito dum labor exemplar) alquebrará.



O TEXTO DRAMÁTICO

Está a ganhar cada vez mais adeptos a ideia de que a literatura é uma coisa e o teatro, outra. A palavra teatro vem do grego *theatron* que era, na Grécia, o lugar donde se viam os espectáculos, um grande semicírculo. Atendendo a isto e ao facto de que o texto dramático só se realiza completamente como espectáculo, aquela ideia está certa. Certa, em princípio, isto é, pressupondo que o autor de uma chamada peça de teatro está, ao escrevê-la, a pensar na sua necessária encenação. Neste caso, autor de texto que não aplique minimamente as regras da montagem, que não possibilite esta, queda-se no âmbito estritamente literário e, como tal, é um autor frustrado. Aquela ideia está ainda certa, mesmo quando o autor não possa considerar-se frustrado, por dificuldade ou inexistência de encenação, se ao escrever o seu texto pensou sobretudo em realizar-se como escritor. Neste caso, porém, nenhum encenador pode negar o direito a quem quer que seja de representar textualmente uma acção.

O que está em causa, quando se opõe o teatro à literatura é, a meu ver, a necessidade que encenadores e actores sentem de, sabendo-se conhecedores das regras de comunicação com o público numa casa de espectáculos, se libertarem da tirania do escritor. Acontece que este não pode, quando escreve, deixar de revelar a sua consciência, identificando o seu mundo com o desta ou daquela personagem, numa palavra, subjectivando situações. Ora os homens do espectáculo, tentados a eliminar o eu do autor e a substituir-se-lhe no trabalho de criação, pensam frequentemente em subverter as peças, virá-las de pernas para o ar, ou então em abandoná-las, trocando-as pura e simplesmente por um trabalho colectivo. Nada mais legítimo.

Mas, ao cavar-se um fosso entre literatura e teatro, não se estará a mudar de tirania, passando esta, muitas vezes, como se sabe, do escritor para o encenador? Claro que se pode objectar com a existência do trabalho colectivo em que participam encenador, actores, técnicos e outros artistas, vindo o chamado dramaturgista (ou dramaturgo, como alguns preferem) a dar forma linguística ao fruto da pesquisa de algumas semanas ou meses. Este trabalho colectivo é não só legítimo como muito importante e dele têm resultado peças de grande valor. Isso é indiscutível. Mas o que acontece é que a autoria individual passa para a autoria grupal: a propriedade continua a ser privada. Por outro lado, tem-se assistido a um reducionismo que conduz, por um lado, a uma certa desumanização existencial e, por outro, à supressão gradual da palavra em favor da imagem cénica. Neste último caso, dir-se-á estarmos perante uma arte nova a que pode, de facto, continuar a chamar-se teatro, mas que também não é tão nova como pode pensar-se, pois já entre os gregos existiam os *mimos* (lembramos mesmo as *faleórias*), a *atellane*, entre os romanos, e a *commedia dell'arte*, na Itália, a partir do último quartel do século XVI.

É de apreciar o esforço de certas companhias de teatro em criar trabalhos colectivos, numa busca incessante de novas técnicas de comunicação, mas pede-se-lhes duas coisas: respeitem mais os textos dramáticos, quando os encenam, e reconheçam ao escritor o direito de fazer o seu teatro que, quando bem estudado (desde que tenha valor, claro) é mesmo capaz de arrastar multidões. De resto, o texto dramático individual tem sempre algo de colectivo, pois nele se repercutem, de uma forma ou de outra, as tendências e problemas do seu tempo. Ou não será assim?

Há ainda quem diga, radicalizando mais a questão, que o género dramático não pertence à literatura, pois o teatro implica não só palavras mas também luz, cor, movimento, etc., incluindo várias artes e técnicas como a pintura, a música, a luminotecnia e por aí adiante. Que se pode perguntar é se tudo isso não está implícito no texto literário, se não está lá realizado, digamos, potencialmente.

Será que tudo isto se reduz a uma questão de trono, querendo os encenadores apagar os escritores do seu trono secular? E o problema dos direitos de autor não pesará também um bocadinho?

António Cabral

AS LETRAS EM DIA • AS LETRAS EM DIA • A

çamentos de 70, cerca de uma dezena de livros publicados. A edição de «Pánton» é da Contexto. Esta semana, novidade, com aparecimento nas livrarias.

UM TOSTÃO, de Fernando Ferrel: contos, sete, e breves, num volume que não tem meia centena de páginas. Livro aparentemente sem ambições — propõe ao leitor uma imagem de honestidade processual que sempre há-de registar-se com algum agrado. Em casos assim, pensa-se, a generosidade das atenções também pode contar. Discreta mas atraente edição do autor.

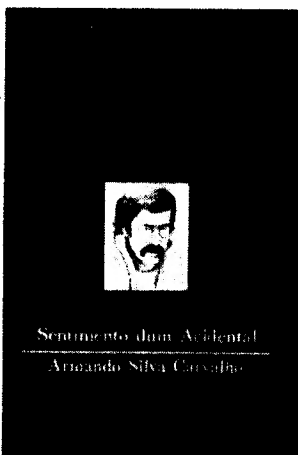
SENTIMENTO DUM ACIDENTAL, de Armando Silva Carvalho, um lançamento da Contexto, esta semana nas livrarias. É um livro de poemas, e o nome do autor (que tem escrito neste suplemento, como o leitor deverá ter presente), pela obra poética anterior que dele se conhece, é uma garantia de maiores motivos de interesse. Armando Silva Carvalho, que apareceu há cerca de quinze anos na cena pública com «Lírica Consumível», ganhando logo um lugar no topo das referências da poesia portuguesa actual, tem, antes deste e depois do livro de estreia, quatro livros de poesia publicados: «O Co-

mércio dos Nervos», «Os Ovos de Ouro», «Armas Brancas», e «Técnicas de Engate». Isto além de colaboração num colectivo e uma plaquete («Eu era dessa areia»). É ainda autor de três livros de prosa: «O Alicate», «O Uso e o Abuso», e «Portuguex», este recentemente reeditado pela Moraes, com prefácio de Maria Estela Guedes. A primeira edição de «Portuguex», feita pela extinta Diabril aqui há quatro anos, desapareceu das livrarias, ou, algo misteriosamente, não chegou a aparecer em muitas livrarias. Na altura, ou tempos depois, o autor publicou no «Diário de Notícias» uma carta pedindo publicamente que alguém acaso sabedor do paradeiro da tiragem lhe dissesse alguma coisa a tal respeito. Contrafações da vida literária portuguesa, ou, pelo menos, do mundo da edição em Portugal.

«ESPERANÇAS DE ABRIL», de António Coimbra Martins, livro agora editado por «Perspectivas & Realidades», é uma obra que merece atenção. E merece atenção porque, sendo um documento importante sobre a diplomacia portuguesa após o 25 de Abril, escaupeliza, de maneira elegante, certas «manobras» desenhadas na sequência da vitória da AD no âmbito das relações in-

ternacionais. Tocado de humor e de verdade, é de antologia, por exemplo, o relato das negociações que levaram Portugal a estabelecer relações diplomáticas com a China. São páginas que denunciam a baixa intriga, os golpes escusos, o oportunismo dos gabinetes e basti-

no entanto, se viriam a enfeitar com os frutos do seu trabalho... Para além disso, o livro (mais de 500 páginas) versa assuntos culturais, inscitos na boa amizade e acordos de cooperação luso-franceses, merecedores também de atenção. Com uma grande elegância de escrita, Coimbra Martins consegue, na verdade,



Sentimento dum Acidental
Armando Silva Carvalho



A. Coimbra Martins

dores. Como se sabe, Coimbra Martins, embaixador em Paris nos tempos dos governos de oposição à AD, foi quem deu início às negociações tendentes à concretização das relações Pequim/Lisboa. Outros,

«um diário de bordo dos últimos anos do fascismo, da abertura diplomática consequente à Revolução, bem como da intoxicação contra-revolucionária após 76», como se lê na contracapa de «Esperanças de Abril».

O QUE HENEIN E CALET SE DIZIAM POR CARTA

● A correspondência destes dois escritores discretos faz-nos rever a história da sua amizade

SERÁ que Georges Henein e Henri Calet mal emergem do anonimato porque neles foi demasiado forte o sentido da mofa e da discrição para elevar a voz, e havia neles uma consciência demasiado aguda da futilidade dos jogos literários? Não declarou Georges Henein: «É preciso ser modesto. Modesto, mas altivo.»? Já está o que deu o tom às cartas que se escreveram mutuamente de 1935 a 1956.

De Calet, a redescoberta foi já lançada, graças a recentes reedições (1). Mas em relação a Henein está-se ainda nas recensões póstumas, como se este exilado de todo o lado e de sempre não parasse de guardar os seus segredos; o que está bem

na linha umas vezes contínua, outras cortada, numa vida viajante. Nasceu no Cairo e morreu em Paris. Este nómade por vocação alicerçou-se sempre no encontro e na fusão dos sinais contraditórios: copto, fez-se muçulmano por amor de uma mulher, Boula; oriental por nascimento, adopta horizontes ocidentais; surrealista e trotskista, forja instrumentos intelectuais e forma os espíritos da revolução egípcia antes de regressar ao exílio europeu, porque o exílio é o único lugar deste senhor.

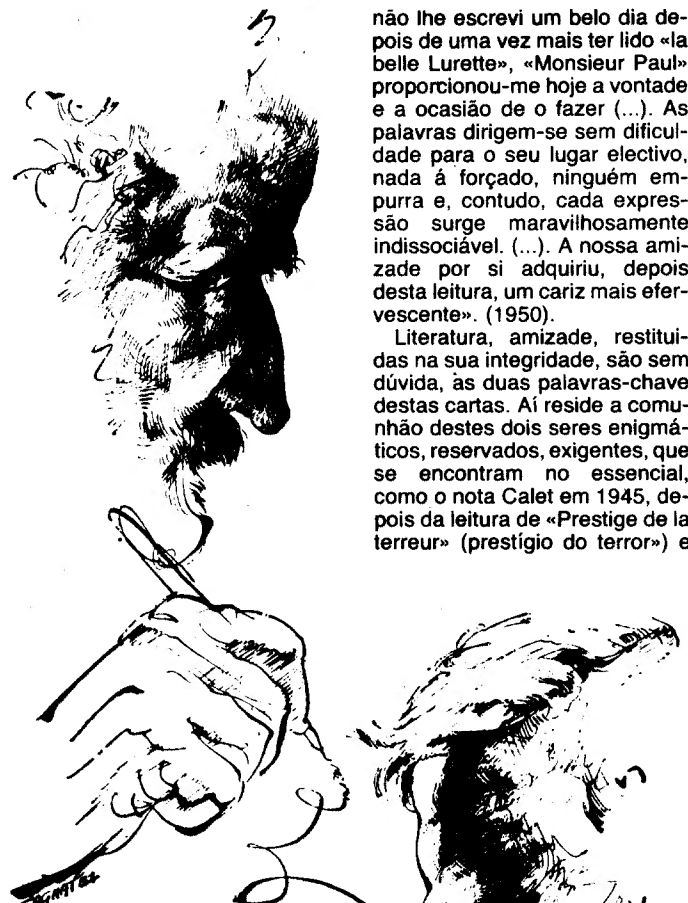
Poeta, jornalista, panfletário, é em francês que Henein murmura o justo estilo de escrever e de viver. Tinha o dom de prestar atenção aos outros: «No fundo, tenho-o por um alérgico invertido, resistindo, à sua maneira, mal resignado, às brutalidades

da vida.» Estas palavras, dirigidas a Calet em 1947, doze anos depois de ter cimentado a amizade que os uniu, revelam a personalidade do emissário e do destinatário; só a morte do último em 1956 interrompeu a troca de cartas. Preciosa e perturbante correspondência.

Poderemos considerá-la a crónica dos nossos tempos agitados, uma galeria de sombras que passam, o florilégio das suas leituras, em resumo: o itinerário de uma afeição edificada sobre a estima e a fidelidade. Eles que falavam pouco, disseram muito um ao outro; tanto melhor para nós.

Apaixonados pela paz, seguiram com terror e repulsa o jogo dos políticos, a subida da guerra e o triunfo da morte. Animador de comités de auxílio aos espanhóis, Calet solicita o apoio fi-

nanceiro e moral de Henein, e ambos fazem ouvir as vozes duras e pertinentes dos que se empenharam nisso. «Em minha opinião, escreve Calet em 1939, somos os actores inconscientes dum vasto cenário (made in England), depois de Munique, onde tudo foi previamente regulado; a derrota da Espanha, Djibouti, Córsega, Tunísia... etc. Tudo se vai conjugar em grande benefício da direita, que terá «salvo a paz» e que regressará à Câmara com uma maioria inaudita. Teremos então um fascismo francês que não passará de uma política de negra reacção». A lucidez segue a par a crueza do traço, como testemunha esta opinião de Henein em 1952: «As cabeças contam muito na história. Pinay não tem cabeça; é um vendedor de cordas que decorou citações nas



não lhe escrevi um belo dia depois de uma vez mais ter lido «la belle Lurette», «Monsieur Paul» proporcionou-me hoje a vontade e a ocasião de o fazer (...). As palavras dirigem-se sem dificuldade para o seu lugar electivo, nada é forçado, ninguém empurra e, contudo, cada expressão surge maravilhosamente indissociável (...). A nossa amizade por si adquiriu, depois desta leitura, um cariz mais efervescente». (1950).

Literatura, amizade, restituidas na sua integridade, são sem dúvida, as duas palavras-chave destas cartas. Ai reside a comunhão destes dois seres enigmáticos, reservados, exigentes, que se encontram no essencial, como o nota Calet em 1945, depois da leitura de «Prestige de la terreur» (prestígio do terror) e

Joyce soma e segue



Dessein de Bérénice CLEEVE.

Continuação da pág. 1

em francês, alemão, e em duas espécies de italiano. Contudo, as suas cartas têm pouca relação com o retrato do artista. Em compensação, tire-se Joyce de entre os homens e punhamo-lo entre as mulheres e, aí, teremos uma ideia das fontes da sua arte.

Nem todas as cartas publicadas são de Joyce. Mas dizer que se colhe um prazer mais vivo no que lhe escreviam a mãe e a mulher do que no que ele escrevia a elas, não é a maior homenagem que se lhe pode prestar? É que temos assim a sensação de ver duas das suas personagens saírem vivas de um dos seus livros. E se quisermos saber que substância ele tirava de Nora, eis a resposta: «O que é verdade é que hoje estou completamente esgotada tu não fazes ideia do que é uma grande trovoadas mas se aqui estivesse dentro estavas cheio de medo foi qualquer coisa de terrível isto começou ontem à noite ao bater das nove e meia alguns de nós estávamos na sala de jantar e como chovera todo o dia não se esperava aquilo mas de repente começaram os relâmpagos e os trovões julguei que morriamos e durante vinte minutos fiquei quase paralisada de medo e depois foi o dilúvio e fomo-nos deitar por volta das dez e meia não preguei olho depois veio uma borrasca com relâmpagos e durou até depois das cinco e meia da manhã...» E assim por diante, em duas páginas que parecem genuínas da Molly Bloom, directamente saídas do «Ulisses».

E quanto à mãe de Stephen-James Dedalus-Joyce, a doce, a condenada, a sua «perfeita simplicidade», como diz Ellmann, irrompe nesta resposta a esse filho arrogante que se lamenta de morrer de fome em Paris: «Meu querido Jim, se a minha carta te faça e se,

como habitualmente, passo ao lado do que tu me querias explicar, acredita que não é por não querer ou desejar compreender e encontrar as palavras que te fazem falta mas, como dizes muitas vezes, sou estúpida e não percebo nada das grandes ideias, por muito que o deseje. Não consumas a alma a chorar, sê corajoso como de costume, olhando o futuro com esperança.»

Joyce não se esmera a fazer de Stephen Dedalus do «Ulisses» uma personagem simpática; embora o seu jovem verzejador seja petulante, pelo menos, ele pergunta se o «amor matris» não é a coisa mais importante do mundo. Nada disto se encontra nas cartas: jovem Joyce, como filho, era um monstro e a mãe uma heroína.

Tudo aproveitava para a sua arte

Mas outra pétala se vem juntar à corola do Bloom de «Ulisses»: a estranha ligação (que na realidade não o foi) com Martha Fleischmann. No Outono de 1918, Joyce, levado à presença de Martha, ficou vermelho e empalideceu quando a viu, titubeou e confundiu-se em desculpas. Ela lembrava-lhe, disse ele, uma rapariga que vira recentemente numa praia irlandesa. Seguiu-se uma correspondência um tanto adolescente (Joyce tinha então trinta e seis anos e declarou a Martha ter chegado «nel mezzo del cammin», como Dante), correspondência em que ele tentou disfarçar a sua escrita escrevendo os «e» à grega. E encontra-se traços dessa bizarra febre no «Ulisses», com Leopold Bloom que também envia cartas a uma Marta, escrevendo da mesma maneira os «e» à grega. Tudo o que se passava consigo, Joyce aproveitava para a sua arte.

R. Ellmann não se contenta em saber escolher admiravelmente nesta abundância epistolar. Mostra uma vez mais que é um biógrafo admirável, quando faz preceder cada secção, de um breve resumo do que se passou na vida de Joyce nesse momento. E isso com a irreverência afectuosa que marcou cada página da biografia de Joyce, de que é autor. (1) Por exemplo: «As suas cartas ao filho Giorgio e à filha Lucia testemunham esse dom que ele tinha, quando eles estavam em apuros, de descobrir nele misérias iguais às deles que, no seu espírito, deveriam servir para lhes levantar o moral...» Ou então: «Para Joyce, viver em Pola, foram um estorvo, em Roma uma irritação. Em Trieste, uma incomodidade pitoresca.

Depois destas duas últimas cidades, Zurique oferecia-lhe, pelo menos, uma mistura de segurança e fatalidade.» Paris suscitou-lhe durante um tempo, desconfiança, porque a vida lá parecia-lhe estar próxima de ser agradável.

Etretanto, as cartas, consultadas em todos os reservatórios do mundo livre e suas fundações universitárias, contam a sua própria história. É uma história bastante singular, que não poderia repetir-se noutra época. Ainda que, como diz R. Ellmann, na sua obra biográfica, tenhamos começado agora a aprender lentamente a ser contemporâneos de James Joyce, isto só funciona em relação aos seus livros. Esta história de um auxílio podia ser terminada em 1941.

Expatriado voluntário, último dos fanáticos da arte, Joyce foi empurrado através da Europa por duas guerras, beneficiou de um mecenato privado (e, também aí foi talvez o último exemplo do género). Além disso, facto muito raro nos nossos dias, viveu rodeado de uma profusão de artistas como ele.

Hoje, uma universidade americana amimá-lo-ia, ao mesmo tempo que esperaria impacientemente a sua morte, evitando cuidadosamente fazer críticas mesmo em relação às suas experiências literárias em rejeitá-lo. E a Inglaterra teria por ele a mesma indiferença de outrora. Contudo, ele é uma das glórias da língua inglesa.

(1) «James Joyce», Gallimard, 1962.

— «Lettres» (1915-1931), de James Joyce. Tomo III. Compiladas por Richard Ellmann, traduzidas do inglês por Marie Tadié. Gallimard, 526 páginas.

Já publicados: Volume 1 (Gallimard, 1962) e volume 2 (Gallimard, 1973).

Anthony Burgess

páginas do Larousse».

A reflexão política associa-se rigorosamente, nestes homens da cultura, à apreensão literária e intelectual das obras do seu tempo. O ângulo de aproximação dos «grandes nomes» é aqui pouco comum, não há qualquer compromisso nos pontos de vista ou nas opiniões e aprende-se mais com algumas das suas palavras do que em toneladas de páginas pomposas. Se Henein vê na «Esperança» de Malraux «um desses livros bólicos que nos arrancam a tempo a toda a espécie de coisas ignóbeis com as quais nos começávamos a reconciliar» (1937), Calet deplora nele «esse odor a sangue que se escapa com uma certa insistência e que age sobre o autor e sobre o leitor como um estimulante» (1939).

Seria necessário elaborar uma antologia das suas opiniões sobre Céline, Cocteau, Faulkner, Camus, Sartre, Miller, Eliade, e muitos outros, captados com uma justeza feroz; quanto ao humor deles, sobre os hábitos literários, não se desmentem. Duas sombras evanescentes e admiradas passam e repassam entre estas linhas púdicas e francas: as de Breton e de Michaux.

Mas o melhor desta correspondência, onde a emoção e a inteligência dos dois protagonistas se combinam e nos maravilham, está no espelho que eles se estendem mutuamente sem complacência; se os elogios dominam, não é por adulação sistemática, mas porque a qualidade os uniu, sob o signo do vigor; quer o espírito quer o coração estão lá presentes na mesma proporção.

Como publicou muito mais que Henein, é muitas vezes Calet que surge na mira do amigo longínquo. Desde «la belle Lurette», que deu o tom em 1935, ao «Croquant indiscret», por acabar em 1955, Henein segue de mais perto o talento singular de Calet. Nestas palavras tudo está dito: «Você, pelo menos, acabou com a li-te-ra-tu-ra. Está do lado da vida. Do lado da merda.»

Incansavelmente, do seu Egipto enleante, Henein prescreve e admira a obra desse enraizado parisiense. Assim, à distância, eles não deixam o universo dos livros, substância das suas vidas, sal da sua afeição: «Acredite que me estou a exprimir com rigor e medida quando lhe digo que «Monsieur Paul» é um grande livro. Digo mais: se

«Pour une conscience sacrilège» (para uma consciência sacrilégio) publicados nesse ano no Cairo. Mas se a amizade não regista eclipses, a literatura incentiva-os e suscita neles os sentimentos mais diversos. A esta afirmação de Calet confiante, em 1939: «Trabalho sem parar no meu livro. Já está a salvação: criar-se um mundo nosso e nele viver», responde esta confissão de Henein, dez anos mais tarde: «É-me cada vez mais difícil pegar na caneta para fins literários». O que não o impede de acrescentar em 1951: «Tenho a impressão de que não se abandona a literatura de qualquer maneira. Ela pendura-se, a prostituta. Deita-nos os tentáculos, agatana-nos, apanha-nos por todos os caminhos mais curtos, e então tudo fazemos pela vida (...).»

Ambos passaram muitas aflições. Mas nunca deixaram de sorrir. Próximo do fim, os desgostos do coração, da saúde, a pobreza, fizeram-se sentir dum e doutro lado, vivamente e docemente se fizeram exprimir. Como gostaríamos que fossem entendidas estas palavras póstumas de Georges Henein em «Notas sobre um país»: «Chorem baixo e talvez sejam socorridos!»

(1) Lettres, 1935-1956, de Calet-Henein, prefácio de Raphael Sorin. Revista «Grandes Larousse» n.º 2-3, Edições «Le Tout sur le tout».

Serge Koster